

ANEXO E – Dr. Mozart membro participante da Ordenação e Redação da História da UFRGS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Av. Paulo Gama — Porto Alegre — Brasil

Porto Alegre, 22 de dezembro de 1976

Senhor Professor:

Fica instituído o GRUPO DE TRABALHO para Pesquisa, Ordenação e Redação da HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. O grupo é constituído pelos seguintes professores:

Professora ZENAIRA GARCIA MARQUES
Professor PERI PINTO DINIZ
Professor MOZART PEREIRA SOARES
Professor DANTE DE LAYTANO - Coordenador.

A cada um dos componentes do GT será atribuído uma tarefa dinamizadora de natureza específica, como a que se estabelece aqui:

- 1 - Documentação
- 2 - Triagem
- 3 - Análise
- 4 - Confecção

O Serviço de Documentação envolverá estudantes universitários de diversas áreas que irão às fontes primárias e procederão a um levantamento por cópia xerox, de todo o material colhido nas diversas unidades universitárias.

O Serviço de Triagem estabelecerá a seleção necessária das peças obtidas, classificando-as no devido estudo, pela importância, categoria, lugares, etc.

O Serviço de Análise apreciará o documento nos seus mínimos detalhes, procurando o relacionamento histórico e sociológico dos dados postos à disposição, para depois ordená-los com precisão de

ANEXO F - Contos Gauchescos, Nelson Boeira Faedrich, feita por Manoelito de Ornellas

Nelson Boeira Faedrich nasceu a 2 de janeiro de 1912, na cidade de Porto Alegre. Viveu parte da sua infância na casa dos avós maternos. Seu tio Oscar Boeira, uma das máximas expressões das artes plásticas do Rio Grande do Sul, exerceu sobre o espírito de Nelson uma grande influência. O equilíbrio e o agudo senso estético que fizeram de Oscar um caso à parte, na história da Arte no Rio Grande do Sul, serviram à formação espiritual e artística de Nelson.

Todos os anos, Oscar Boeira procura paisagem gaúcha para pintá-la, com aquelas cores palpitantes de vida que são as cores de nossos campos, à luz derramada das primaveras. Oscar levava consigo o jovem sobrinho. Nelson guardou, desde então, a beleza cromática das nossas campanhas e o profundo mistério das nossas distâncias sem paredes. O que realizou mais tarde não surpreenderia ninguém, pelo aprendizado que fez, e a intimidade com que sentiu a alma do Rio Grande.

Adolescente, em 1926, tomou entusiasmo pelo atletismo, destacando-se no mundo dos esportes, até 1932. Praticava também a ginástica de aparelhos. Vem-lhe daí, sem dúvida, o encanto pelo ritmo, pela harmonia e a beleza da forma, que seriam –notas predominantes de sua arte. Sua primeira realização, com estilo próprio, foi um álbum de fotografias que lembravam suas pugnas e vitórias no esporte. Desenhou para cada gênero e sua preferência, nos campos olímpicos, um motivo simbólico. A síntese que expressou a corrida, o lançamento do disco, um motivo simbólico. A síntese com que expressou a corrida, o lançamento do disco, do dardo, etc., revelou o artista. Ali estava, flagrante, a estilização de linhas que tanto marcou o seu traço, hoje inconfundível.

Mas, chamado à vida prática, Nelson tornou-se balconista de uma loja de ferragens, entre parafusos, ferros e tintas. Ali procuravam-no os poetas de então, que lhe solicitavam ilustrações para seus poemas, publicados nos suplementos dominicais da imprensa ou em livros editados pela Globo. Em 1932, Henrique Bertaso, diretor da Editora, colocou-o nas oficinas como aprendiz de litógrafo. Domiou rapidamente a técnica e passou a ilustrar e executar, em zinco, as litografias para capas de livros, cartazes e ilustrações para contos infantis. A rica imaginação de Nelson, servida, então, por uma experiência técnica, deu-lhe, em seguida, o prestígio que o guindou à fama.

[...] Em 1939, Nelson fixou residência no Rio de Janeiro, onde passou a dirigir o Departamento da Empresa de Publicidade da Loteria Federal, que iniciou a modalidade de cartazes litografados a 6 e 8 folhas. Em 1944, a convite novamente da Editora Globo, regressou ao Sul para ultimar as gravuras que ilustrariam as *Lendas do Sul*, de João Simões, e os *Contos de Andersen*.

Na sensibilidade humana, as impressões da infância permanecem, como força subjetiva. O menino Nelson, ao acompanhar o pintor Oscar Boeira pelos campos do Rio Grande, guardou toda a beleza e toda a simplicidade da nossa vida. Viu as coxilhas, as canhadas, os riachos, as sangas, os caponetes, os pássaros e os pernaltas. Daí a veracidade pura de suas descobertas, em linhas que são absolutamente dele, pessoalíssimas, finas, harmoniosas, espirituais.

Ninguém como ele poderia descobrir, como descobriu, certas sutilezas no tipo humano e no espírito da terra. As imagens passaram pelo crivo de sua requintada sensibilidade daí o mistério de sua composição [...]

As glórias mundanas são transitórias, como os próprios homens. Só a Arte é imortal. Ao brilho ilusório das medalhas, a cintilância enganadora das glórias políticas, à percussão da palavra inflamada da praça pública ou da tribuna dos Parlamentos, sucede, quase sempre, no

tempo, a mensagem às vezes silenciosa e humilde que o artista realizou no recanto obscuro dos estúdios, ou à sombra acolhedora das estantes. E os estadistas, os políticos, os guerreiros, os milionários, senhores da vida, da força, e do poder, se ainda atravessam vitoriosos as espessas camadas do tempo, se ainda sobrevivem, é porque a mão de um Miguel Ângelo e ou de um Velásquez fixou-os no mármore dócil ou na tela complacente. Pelos livros que falam e cantam, pelas telas que embelezam os museus e pelas estátuas que esplendem nas praças públicas e nos templos, a humanidade traçou os caminhos de sua evolução.

Se um cataclismo varresse superfície do Rio Grande todos os sinais de sua cultura e todas as conquistas da sua civilização, mas ficassem num recanto da terra, dois pequeninos livros humildes – os *Contos Gasauchescos* e as *Lendas do Sul* de João Simões Lopes Neto – isso bastaria para que o Rio Grande retornasse ao conhecimento dos povos, na revivescência de seus hábitos, de seus costumes na grandeza plena de seu espírito.

A, com poucas exceções, na vida dos homens que sonham, a renúncia dos faustos materiais. Como se lês bastasse o espetáculo majestoso do mundo íntimo, fecham os olhos às luninárias exteriores.

Aos que a vida condenou ao vôo raso das superfícies, que fiquem os ouropéis transitórios como traço luminoso das estrelas cadentes... Aos que auçam vôo mais alto, à procura dos espaços ilimitados, que baste a lembrança que não morre – a perpetuidade de uma página cheia de beleza, o bloco de mármore humanizado pelo gênio, a sonoridade de um verso ou a magnificência de uma tela onde a luz realizou o milagre das imagens.

João Simões Lopes Neto é um símbolo da própria terra. Na perspectiva do tempo, seu vulto se agiganta como a figura de Homero sob a nevoa luminosa das lendas.

Aqui está, por tanto, o espírito da terra, porque na arte de Nelson Boeira Faedrich, está viva e palpitante a arte de João Simões Lopes Neto. O escritor e o pintor se encontraram na procura dos mesmos caminhos. E hoje não se poderá invocar mais seus nomes separadamente, já envoltos pela mesma atmosfera de beleza, de simplicidade e mistério. Na espontaneidade do traço de Nelson sente-se a mesma força criadora de Simões Lopes Neto. A imaginação do autor de *Lendas do Sul* exigia, para intérprete, um artista da linhagem espiritual e da força lírica de Faedrich.

Nelson é um pintor solitário no panorama da arte moderna. Sem concessões a popularidade fácil, realiza, honestamente, a sua arte. Não lhe cabem rótulos. Não lhe servem escolas. Não obedece aos modismos de certos rumos estéticos. É profundamente pessoal. Ele mesmo. Só e sem alardes, aí está – ainda nisto parecido a Simões Lopes Neto – maior e mais vivo no futuro que no presente.

ANEXO G – Música do 20º Carijo da Canção Gaúcha, elaborada com base em dados da referida tese

DON MOZART, UM CERNE DA PALMEIRA⁴¹¹

Ritmo: Rasguido Doble
Letra: Rodrigo Bauer
Música: Jorge Freitas
Intérprete: Jorge Freitas

Há um poeta aquerenciado na ciência,
Que escreve os rumos numa eterna pastoral...
Sua obra é com certeza, referência
Do nativismo, essência e vida em cada erval!

Olha pra vida com seus olhos ervateiros,
Sabe que o tempo é um cancheador de profissão
Que vai moendo a cada dia um sonho inteiro
Nessa existência com sabor de chimarrão!

**Sábio do mate, Don Mozart Pereira Soares
pai do Carijo, grande filho da Palmeira...
Sangue da erva transmudado em avatares,
Mais um esteio da Querência Missioneira!**

Quem o conhece, em sua estrada tão segura,
Homem do mundo, cerne guapo dos galpões,
Tem a certeza que esse mago da cultura
É a própria história de Palmeira das Missões!

Traz o Rio Grande em sua rica poesia
Vê o universo lá do sítio da Palmeira,
Ano após ano, a respirar sabedoria,
Sentado à sombra da famosa caneleira!

Declamado:

**Mesmo os invernos que os cabelos alvejaram,
Geadas e ventos assoviando nas taperas;
Não desanimam, nas estradas que passaram,
Esse menino de noventa primavera!**

⁴¹¹ Concorrente do 20 Carijo da Canção Gaúcha, foi premiada:

→ 2º lugar – Troféu Tarefeiro

→ Melhor trabalho sobre a História do Município de Palmeira das Missões – Troféu Professor Mozart Pereira Soares

→ Melhor intérprete: Troféu Cevadura

ANEXO H – Parecer da Comissão de Sindicância para análise do Curriculum de Dr. Mozart para a ocupação da vaga no IHGRGS

PARECER

Comissão de Sindicância

O confrade Luiz Carlos Barbosa Lessa propõe o nome do professor MOZART PEREIRA SOARES para preenchimento de uma das vagas existentes de Membro Efetivo deste Instituto.

A proposta vem acompanhada de um resumo do Curriculum Vitae e um exemplar de seu magnífico estudo histórico "Santo Antônio da Palmeira". A leitura deste trabalho e a de diversos ensaios publicados em cadernos especializados de nossa imprensa, basta para que se conclua, com absoluta certeza e inteira justiça, que o prof. Mozart Pereira Soares satisfaz plenamente às condições estatutárias para ocupar uma das vagas de Membro Efetivo deste Instituto.

Vejamos: é brasileiro, casado e professor catedrático da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi redator da Comissão de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e atualmente é Presidente do Conselho Estadual de Cultura.

O professor Mozart Pereira Soares é, sem dúvida, autor de provada capacidade de estudo em qualquer ramo do conhecimento humano, "muito especialmente" através de trabalhos publicados, concernentes às atividades do Instituto (art. 3º dos Estatutos) e sua admissão como Membro Efetivo honrará o Instituto que contará, assim, com mais um sócio de inestimável valor intelectual e cultural.

É nosso parecer, s.m.j.

Porto Alegre, 08 de abril de 1985.

A COMISSÃO DE SINDICÂNCIA:

Guilhermino Cesar
Guilhermino Cesar, presidente

José de Araújo Fabrício
José de Araújo Fabrício, relator

Riograndino da Costa e Silva
Riograndino da Costa e Silva

*Eleito membro efetivo
do Instituto, em Assembleia
Geral de 05-06-85.*

*Mons. Ruben Neis,
Secr.º Geral*

ANEXO I- Ofício sugerindo o nome de Dr. Mozart para o preenchimento de uma vaga no IHGRGS

0194

Porto Alegre, 11 de Novembro de 1984

Ilustríssimo Senhor

Presidente do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

Em conformidade com o Estatuto deste sodalício, tenho a satisfação de propor, para preenchimento de uma das duas vagas de membro efetivo, o nome do Prof. MOZART PEREIRA SOARES, atualmente Presidente do Conselho Estadual de Cultura. Em razão de seu livro "Santo Antônio da Palmeira", e de inúmeros ensaios publicados em cadernos especializados de nossa imprensa, o referido professor faz jus a uma avaliação de seus méritos no campo da Historiografia. Em anexo, curriculum vitae.

Peço determinar que esta proposição seja levada ao plenário.

Respeitosamente,


LUIZ CARLOS BARBOSA LESSA

Há vagas.
P. Alegre, 13-11-1984
Mons. Ruben Reis
Secr.º Geral

do conselho Int. de Braço Pateado
para que se deigne relatar.

12.11.1984.

Luiz Carlos

ANEXO J – Ofício comunicando a eleição de Dr. Mozart para integrar o quadro de Membro Efetivo do IHGRS



145
Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Reconhecido de utilidade pública por Decreto Federal n.º 4373, de 24 de novembro de 1921, Decreto Estadual n.º 16.565, de 15 de abril de 1964 e Municipal de Porto Alegre n.º 2464, de 10 de dezembro de 1962
RUA DO RIACHUELO, 1317 - TEL. 24 3760

Porto Alegre, 02 de julho de 1985

Senhor Professor

Tenho a honra e a satisfação de comunicar-lhe que, em reunião de Assembléia Geral do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Vossa Senhoria foi eleito para integrar o quadro de seus membros efetivos, preenchendo a vaga deixada pelo falecimento do ilustre e benemérito historiador Abeillard Barreto.

Congratulo-me com Vossa Senhoria pelo acontecimento, e aguardamos o pronunciamento de aceitação, para posteriores providências relativas à sua posse no prazo de um ano, de acordo com o artº 51 do Estatuto.

Em nome de todos os membros da Instituição apresento a Vossa Senhoria cordiais saudações.

Mons. Ruben Neis

Mons. Ruben Neis
Secretário Geral

Ao Ilmo. Sr.

Prof. Mozart Pereira Soares

Venâncio Aires, 495 - aptº 71

90000 PORTO ALEGRE - RS

ANEXO K - Ata de nº 37 - Sessão Solene de Posse de Dr. Mozart no IHGRGS

Ata nº 37 - Sessão Solene

Nos 18 de junho de 1986, às 16 horas, no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, à rua Riachuelo nº 1317, realizou-se uma sessão solene, para a posse do Prof. Mozart Pereira Soares como membro efetivo da entidade. Encontravam-se presentes os consócios Arthur Ferreira Filho, Guilhermino Cesar, Laudelino Teixeira de Medeiros, Lothar Francisco Hessel, Sérgio da Costa Franco, Earle Diniz MacCarthy Moreira, Francisco Riopardense de Macedo, José de Araújo Fabricio, Moacyr Domingues, Carlos de Souza Moraes, Moacir Flores, Paulo Xavier, Lourenço Mário Trunês e Ruben Otis. A sessão foi aberta e presidida por Arthur Ferreira Filho, que convidou, para participarem da mesa, os senhores: Ten Cel. Alfeu Amauri Ciliato, representante do Comandante do Comando Militar do Sul; Prof. Luis Luiz, Presidente do Conselho Estadual de Cultura; Prof. Gerhard Jacob, representante do Rector da UFRGS; Prof. Hélio Moro Marante, representante da Academia Rio-Grandense de Letras; Prof. Raphael Copstein, representante da ARI; Dr. Peri Pinto Diniz da Silva, representante da Associação dos Antigos Alunos da UFRGS. A seguir, convidou os consócios Carlos de Souza Moraes e Lothar Francisco Hessel para receberem o novo sócio e acompanhá-lo até à mesa. Depois de recebido com salva de palmas pelos presentes, Mozart Pereira Soares proferiu o compromisso estatutário, de acordo com o artigo 52. A seguir, foi convidado para tomar assento à mesa. A saudação oficial foi feita pelo próprio presidente em exercício, Arthur Ferreira Filho. Mozart fez belo e aplaudido discurso sobre o "Pioneirismo Universitário

do Rio Grande do Sul". Encontravam-se presentes numerosos amigos e familiares do novo consócio, bem como membros de diversas entidades de cultura. E, para constar, lavrou-se a presente Ata, que depois de lida e aprovada será devidamente assinada.

Aprovada em 9 de julho de 1986

Arthur Ferreira Filho.

Ruben Otis

PIONEIRISMO UNIVERSITÁRIO NO RIO GRANDE DO SUL(*)

Mozart Pereira Soares

Um tema que me parece extremamente significativo para o Rio Grande do Sul: seu pioneirismo no ensino universitário, sobretudo de caráter técnico. E talvez se encontre em Fernando de Azevedo a sua melhor epígrafe:

— “Se deixarmos de lado a palavra Universidade, diz o grande educador, cuja acepção remonta do Século XII e procurarmos apenas **o elemento intemporal de essência**, a sua função permanente através de suas variações morfológicas temporais, será fácil constatar que todas as sociedades dispõem de instituições semelhantes e têm seus órgãos ou, se quiserdes, seus meios para a formação das elites de que necessitam e sua preparação para as atividades especiais de caráter técnico ou cultural, dominante em determinado quadro histórico⁽¹⁾.”

É curioso, mas o fato se coaduna perfeitamente com a natureza deste país de contrastes: coube à última de suas províncias, aquela que se integrou na comunhão nacional mais de duzentos anos após o descobrimento, a organização de um conjunto sistêmico de instituições de ensino superior, com o caráter de uma Universidade técnica, que foi a “Escola de Engenharia de Porto Alegre”, fundada nesta capital por um grupo de idealistas, como entidade privada, a 10 de agosto de 1896.

Para que isto melhor se entenda, basta uma retrospectiva histórica.

É verdade que tivemos uma Universidade temporã, como quer Luis Antonio Cunha. Se desde muito cedo surgiram iniciativas universitárias na América Latina e na América Inglesa, o Brasil foi excluído deste processo quase até o início do século XX.

A primeira delas, teve por sede São Domingos, em 1538. Veio depois a do México, de 1551, (logo após a Conquista da Capital Azteca), a de São Marcos, em Lima, de 1553, a de Santa Fé, em Bogotá, 1580, a de Quito, 1586, a de Charcas, 1587 e a de Córdoba, na Argentina, em 1613. Todas elas abrigavam, a princípio, escolas de Teologia e Leis ao espírito medieval da Espanha de então e se destinavam à formação do clero para a catequese.

(*) Posse no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, a 18/06/86.

(1) Azevedo, Fernando de — Seguindo meu Caminho. Conferências sobre Educação e Cultura. Comp. Editora Nacional, São Paulo 1945. Pág. 18.

⁴¹² Enviado pelo IHGRGS somente a primeira página.

ANEXO M - Carta de Branco ao Dr. Mozart



Última carta de Branco, antes do falecimento 3 dias ap., em 19.3.62. Mozart

Curitiba, 16 de março de 1962.

Meu querido irmão Mozart.

CAIXA POSTAL. 672
CURITIBA - PARANÁ

P.S. - Como já disse na outra carta, devo abrir para o concurso do Willy, mas não posso oferecer mais caluroso e firme. Tenha est. corda. etc.

Recebi tua carta do dia 12 cujos termos agradeço de todo o coração. Na terrível crise de sofrimento físico e moral em que há meses venho vivendo, pela primeira vez recebo palavras de conforto e compreensão de um verdadeiro amigo. Em que sempre cumpro com os meus deveres, indo para isto até o sacrifício, tenho sido acusado de tudo, perdoado e entendido, nunca.

Por interferência de minhas filhas, estou de novo em casa, mas o coração, como "de Vozes Passadas" de Sully Prud'homme, não cura suas maguas e não imagina o que é o ressentimento contínuo e silencioso, após as mais terríveis ofensas.

Voltando à tua carta, fez-te pedido, mas não me considero com vocação, nem mesmo com a capacidade mínima para ensinar anatomia. Seduz-me a idéia de lecionar fisiologia (que é a cadeira que leciono com paixão) nas quatro faculdades de Sta Maria, criando - quem sabe? - por lá um Instituto de Fisiologia ou uma filial do Instituto de Porto Alegre.

Mas, não és tu o professor? Não tens já um sucessor indicado, com mais direitos do que eu que não tenho direito nenhum e sou, apenas, no caso, um modesto postulante?

Prefero, em todo o caso, ir para Sta Maria, não para Porto Alegre. Mais tarde, iria a Porto Alegre com frequência, mesmo para manter contacto contigo, principalmente, e com o pessoal do Instituto.

Agradeço o que me disse sobre minha absolvição entre os teus. Beijo as mãos de D. Tereziinha e de Sua Exma Mãe, assim como, retribuo, agradecido, os beijos de Tereziinha.

Não quero precipitar minha saída daqui porque preciso assegurar os direitos de Ottilde. Rosalie iniciou entretanto o curso, após ter tirado o primeiro lugar no vestibular.

Accepta um saudoso abraço de teu irmão e amigo muito grato
Branco

ANÚNCIOS FÚNEBRES E RELIGIOSOS

Obituário

Técnico, professor, historiador e escritor gaúcho tinha 91 anos

Morre Mozart Pereira Soares

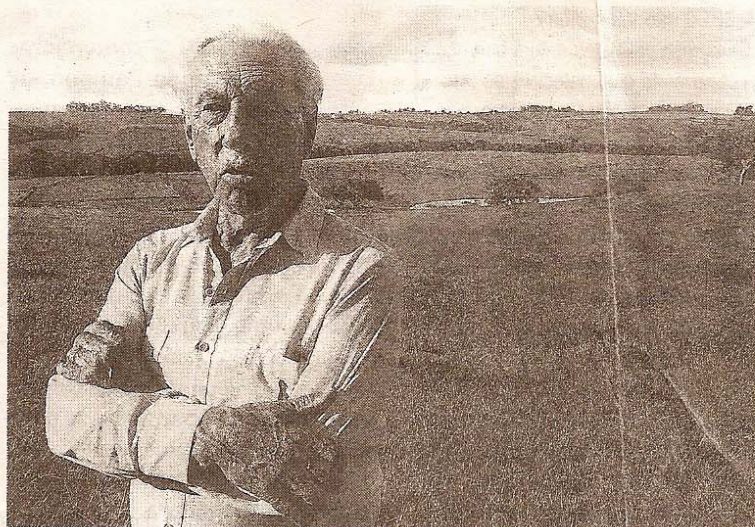
Morreu ontem à tarde, aos 91 anos, com problemas decorrentes de uma pneumonia, Mozart Pereira Soares, um dos nomes mais importantes da cultura gaúcha.

Ele estava internado havia uma semana no Hospital da Unimed, em Ijuí. Professor universitário, historiador, romancista, poeta, cronista, amante da natureza, deixa um legado inestimável.

Estava morando com um sobrinho em Ijuí. Afastou-se do sítio em que vivia, em Palmeira das Missões, para ficar perto dos familiares. Teve uma filha adotiva, Tânia, que morreu jovem, em acidente de carro. Sua mulher, Terezinha, morreu em 2004.

Mozart nasceu em Palmeira das Missões. Como veterinário, foi o primeiro professor de fisiologia da Faculdade de Medicina de Santa Maria. Na UFRGS, foi diretor da Faculdade de Agronomia e Veterinária, professor emérito e reitor. Diplomou-se advogado com 71 anos.

– Lembro de um provérbio: quando um homem sábio morre, é como se toda uma biblioteca se incendiasse. Perdi um segundo pai – diz o escritor Alcy Cheuiche.



BANCO DE DADOS

Mozart será enterrado no sítio em que nasceu, em Palmeira das Missões

Seu livro *Erva Cancheada* é uma obra definitiva da poesia regional. Seu primeiro romance, *Pastoral Missioneira*, uma narrativa sobre sua infância no campo, recebeu em 1972 o Prêmio Ilha de Laytano, e deu início a uma trilogia, completada com *Tempo de Piá* e *Meu Verde Morro*.

Era, segundo muitos, o homem mais culto do Rio Grande. Cheuiche, numa crônica em seu site, fala sobre um encontro com o mestre, ocorrido no ano passado. Para pro-

vocar a memória do amigo, Cheuiche pergunta:

– Como é o nome científico do quero-quero?

Ele responde no ato:

– *Bellopterus chilensis lampronatus*. Em tradução livre, o nome vem do latim *bellus*, guerra, e *pterus*, asa. Ou seja, o que carrega a arma nas asas.

Mozart será enterrado hoje, às 11h, em Palmeira das Missões, no mesmo sítio em que nasceu e viveu.

ANEXO O - Ofício da Editora Globo confirmando a inserção do trabalho do Dr. Mozart intitulado Fruticultura na Enciclopédia de Conhecimentos Práticos.

Editôra Globo S. A.

ANDRADAS 1428 — PÓRTO ALEGRE — BRASIL



CAIXA POSTAL 1520 — TEL.: DICIONÁRIO

Pôrto Alegre, 14 de março de 1963.

Ilmo. Sr.
Prof. Mozart Pereira Soares
Avenida Venâncio Aires, 465 - Apto. 10
Nesta Capital

Ilustre Colaborador:

É com prazer que lhe enviamos, junto à presente, um exemplar do volume III da "Enciclopédia de Conhecimentos Práticos", no qual foi inserido o trabalho de V. S. intitulado "Fruticultura".

Aproveitando a oportunidade, queremos expressar-lhe mais uma vez a nossa satisfação em tê-lo entre os colaboradores da referida obra.

Sem mais, valemo-nos do ensejo para reiterar-lhe os nossos protestos de elevada estima e consideração, com que nos firmamos

cordialmente,


EDITORA GLOBO S. A.

Henrique d'Avila Bertaso
Henrique d'Avila Bertaso
Diretor

HB/jl

FILIAIS: RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA — BELO HORIZONTE — SALVADOR
DEPÓSITOS, AGENTES E REPRESENTANTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS.
TOMAMOS O MAIOR CUIDADO COM ORIGINALS, DESENHOS, LIVROS, ETC. QUE RECEBEMOS, PORÉM NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS POR PERDA OU DANO EM QUALQUER EVENTUALIDADE
EDITORA — FÔRMA N.º 2140

ANEXO P - Oficio declarando Dr. Mozart h6spede da Faculdade de Veterin6ria de La Plata


UNIVERSIDAD DE LA PLATA
FACULTAD DE CIENCIAS VETERINARIAS
DECANO

LA PLATA, Noviembre de 1964. -

VISTO :

La concurrencia del Se1or Profesor Dr. MOZART PEREIRA SOAREZ
Decano de la Facultad de Agronomfa y Veterinaria de Porto Alegre -
Brasil, a la primera reuni6n de Decanos de Facultades de Veterinaria del cono-
sud de Am6rica, la que se llevar6 a cabo durante las Terceras Jornadas de la
Facultad de Ciencias Veterinarias de La Plata.


Teniendo en cuenta los relevantes m6ritos del distinguido visitante
que honra a nuestra casa con su presencia y representa dignamente a la ilus-
tre Facultad de Agronomfa y Veterinaria de Porto Alegre - Brasil, contribu-
yendo con su visita a estrechar v6nculos fraternales que unen a todos los hom-
bres de Am6rica y especialmente a los universitarios que comparten los mis-
mos ideales de libertad y justicia.


Por todo ello el Decano de la Facultad de Ciencias Veterinarias

RESUELVE

Arto. 1o.) Declarar hu6sped de honor de la Facultad de Ciencias Veterina-
rias de La Plata al ilustre Decano de la Facultad de Agronomfa y
Veterinaria de Porto Alegre - Brasil, Profesor Dr. Mozart Pereira
Soarez.

Arto. 2o.) Entr6guese copia del original al homenajeado, comunfquese al
Honorable Consejo Acad6mico y archfvese.


Dr. JOSE MORALES
Secretario T6cnico


Dr. CONSTANTINO BRANDARIZ
Decano

ANEXO Q – Ofício agradecendo a Palestra de Dr. Mozart sobre a Erva-mate.



Ofício nº 083/SG/CTG/93

Santo Ângelo, 14 de janeiro de 1993.

Ilustríssimo Senhor
Profº MOZART PEREIRA SOARES
Muito Digno Palestrante do 38º CTG
PORTO ALEGRE (RS)

Ilustre Senhor,

O 38º CONGRESSO TRADICIONALISTA GAÚCHO refletiu o sentimento de todos os tradicionalistas, resgatando a espiritualidade dos gaúchos.


Se o êxito perdurou, com certeza Vossa Senhoria contribuiu, quando marcou presença em sua palestra sobre "Erva-Mate".

A semente ficou plantada e irá repercutir na consciência de cada gaúcho e os frutos haverão de ser colhidos na medida em que levantarem-se os ervais pelas plagas missioneiras e as Missões voltar a servir o mate aos gaúchos do Brasil.

Fica aqui o nosso agradecimento.

Sendo o que se apresenta para o momento, aproveitamos o ensejo para renovarmos protestos de consideração e apreço.

CORDIALMENTE,


CLEUSA M. DORNELLES DE ANDRADE,
Presidente da Comissão Executiva do 38º CTG.

ANEXO R - Ofício da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, parabenizando Dr. Mozart pelo título de Cidadão Emérito de Porto Alegre.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS - IEPE

Of. nº 123/85 Porto Alegre, 23 de agosto de 1985.

Prezado Professor:

Ao ser titulado pela Câmara de Vereadores de Porto Alegre "Cidadão Emérito" de nossa cidade, desejo externar ao ilustre mestre o regozijo pelo reconhecimento público por sua cultura e por seu trabalho intelectual, bem como manifestar a ventura de desfrutar da contemporaneidade com tão insigne riograndense.

Um caloroso abraço e as melhores saudações do amigo,

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Cláudio F. Accurso'.

Prof. Cláudio F. Accurso.
Diretor.

Ilmo. Sr.
Prof. MOZART PEREIRA SOARES
Reitoria da UFRGS
N/CAPITAL

O Engenheiro Frederico Westphalen

Tribuna de Notícias - Palmeira, 26.03.98
Mozart Pereira Soares

I - ASCENDÊNCIA

Precisamente no local em que hoje se ergue o prédio da **Tribuna da Produção**, existiu a última residência do Engenheiro Frederico Westphalen em Palmeira das Missões.

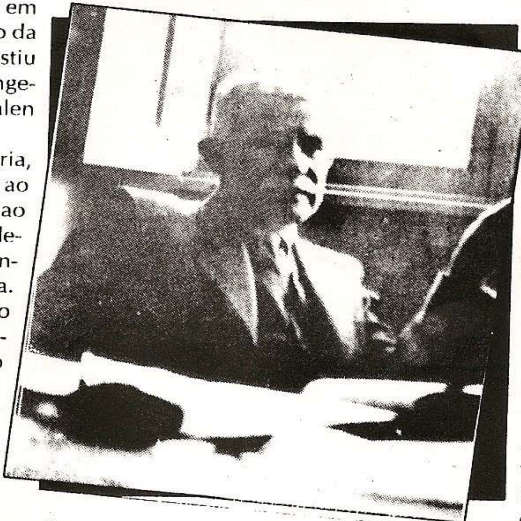
Era uma casa de alvenaria, colunas à frente, varanda ao lado sul e porão habitável ao fundo, aproveitando-se o declive do terreno, exatamente como ainda se faz agora. O vasto quintal, limitado ao norte pela rua Francisco Pínteiro, era jardinado junto à moradia e arborizado no restante, parte com as fruteiras comuns à região e uns restos de vegetação nativa, o **sertão**, para as tropélias do bando de que eu participava. E havia mais: **Barra, trapézio e ar-**

golas no pátio, em que os candidatos a **borlantins**, que somos todos nos tempos de piá, se exercitavam sob as vistas da família.

Frederico provém de nobre ascendência alemã, imigrada no princípio do século passado para a cidade de Lapa, no Paraná. Era seu pai o médico Fernando Westphalen (1842-1903). Foi ele, a princípio, auxiliar de seu genitor Eugênio, em negócios externos da Casa Comercial e da Fazenda do Capão, na Lapa. Nessa condição viajava frequentemente ao Rio Grande para comprar gado e mulas, de grande aceitação naquele tempo em São Paulo. Em Cruz Alta conheceu Teclas Mendes, com quem casou a 20 de outubro de 1875. Desse casal nasceu, a 31/10/1876, o primeiro filho, Frederico.

Fernando adquirira, em sociedade com sua sogra Ana Joaquina Ferreira Mendes, a Fazenda São Jacob, no município da Palmeira de então e hoje incorporada a Santo Augusto. Aí passou Frederico sua infância, assistindo aos rudes trabalhos rurais da época, convivendo com índios, negros escravos e mestiços e apercebendo-se dos problemas sociais de um tempo de profundas transformações no Brasil. Findara a guerra com o Paraguai, a qual nosso país ficou devendo grandes mudanças. A campanha abolicionista e a propagação republicana apaixonaram a elite política da nacionalidade e muito em breve dariam seus frutos.

Fernando Westphalen, amigo de Julio de Castilhos, era anti-escravagista e republicano e desde muito cedo inspirou a seu tenro filho,



Engenheiro Frederico Westphalen.

mais tarde cidadão ilustre, os sentimentos da solidariedade e fraternidade humana.

Ainda na fazenda paterna, Frederico assistiria uma festa excepcional: a grande alforria dos escravos, promovida por seu pai. Em fins da década de 1880 está com a família no Paraná, quando se decreta a Abolição da Escravatura e se proclama a República. Desses episódios recebe, na

adolescência, mais uma lição de seu pai, ao prele com as consequências de um possível abandono dos negros alforriados. Era necessário assegurar-lhes trabalho digno e permanente, como já fizera em São Jacob.

Ingressando na política, Fernando foi eleito vereador na Câmara de Palmeira. Ao se instalar a República em nosso município, coube-lhe integrar o Triunvirato designado como "Junta Governativa", ao lado de Evaristo Teixeira do Amaral e Guilherme Felner, assumindo a Presidência desta Evaristo, por ser o mais idoso dos três.

Com o assassinato de Evaristo, a 27 de outubro de 1892, Júlio de Castilhos nomeou Fernando Westphalen para Intendente Municipal da nossa comuna. Dirigindo o extenso e conturbado município, num dos períodos mais difíceis de sua história, desempenhou seu mandato com extremo bom senso e probidade exemplar. Para restabelecer as finanças públicas abaladas pela Revolução, teve de emitir um **bônus**, bem recebido pela população e resgatado no prazo estabelecido. Mereceu do General Comandante da Região um entusiástico elogio (cópia em nosso poder). Era seu irmão o humanitário médico Alfredo Westphalen, pai de Hildebrando e outros.

Estas referências a Fernando se justificam pela sua grande participação na vida política e social de Palmeira das Missões.

Capitão
* Colaborou João Batista Lima de Souza

ANEXO T – Escrita do Dr. Mozart sobre o Positivismo, no jornal Zero Hora datado de 27.09.1989.

40/Quarta-feira, 27 de setembro de 1989

ESPECIAL

ZERO HORA

IV

O POSITIVISMO E A REPÚBLICA

MOZART PEREIRA SOARES
Professor e escritor

O positivismo penetra no Brasil a partir de 1850, pelo ensino de Matemática, na Escola Militar do Rio de Janeiro e através do Apostolado Positivista, fundado na Capital federal, em 1881. Deles irradiou o pensamento republicano.

Do núcleo militar viria o ministro da Guerra, Benjamin Constant, e do Apostolado, Demétrio Ribeiro, ministro da Agricultura.

Miguel Lemos, diretor do Apostolado, considerava Benjamin Constant o fundador da República. Mestre acadado pela rara competência e honestidade, foi decisivo para a republicanização das Forças Armadas.

Convertiu a seu chefe, Deodoro da Fonseca, e este conduziu o Exército à Proclamação. Desse modo, transformou uma sedição militar em marcha num movimento orgânico pró República.

Entretanto, a influência do positivismo sobre a República, foi de pequena duração: dois meses, enquanto Demétrio permaneceu no Ministério. Isso todavia, não impediu suas conquistas básicas.

distinção de crenças religiosas". Observe-se que *Ordem* aí não significa disciplina, mas respeito à ordem universal, cósmica e humana ou às bases da sociedade, condição fundamental para o progresso, sinônimo de aperfeiçoamento dos indivíduos e das instituições.

Outra grande conquista: a separação da Igreja do Estado.

Por Comte, o princípio capital da política moderna consiste na separação do poder temporal (ou governo) do espiritual, composto pelos agentes teóricos da sociedade: educadores, filósofos, sacerdotes das diversas seitas e a mulher, cuja autoridade espiritual tem alta significação no positivismo.

Da separação entre a Igreja e o Estado resultam, a par da mais ampla liberdade espiritual, a supressão da teologia oficial. O Estado, não tendo religião, não pode manter orçamento eclesiástico: não possuindo ciência oficial, também não deve ter orçamento científico ou acadêmico. Outras consequências da citada separação: o casamento civil e a secularização dos cemitérios.

O ato civil, a princípio foi declarado independente da cerimônia religiosa. Os positivistas aceitavam esta, antes ou depois do acordo civil. Possíveis, e 15 de novembro, comemoração da pátria brasileira.

Influências secundárias também lograram, como a fórmula "Saúde e fraternidade" na correspondência oficial, extraída da Revolução Francesa.

O Rio Grande foi o segundo foco da influência positivista na República, graças a Júlio de Castilhos, autor da única Constituição positivista do mundo, promulgada a 14 de julho de 1891, considerada por Miguel Lemos o "Código político mais avançado do Ocidente". Borges de Medeiros foi apenas seu sucessor político, tendo-se convertido (ou reconvertido) ao catolicismo no fim da vida.

Getúlio Vargas, considerado por alguns, equivocadamente, continuador político de ambos, em verdade foi o antipositivismo, instituindo um regime centralista e queimando bandeiras dos estados, o que contrariava frontalmente o espírito federativo da política positiva.

Finalmente, além das influências formais, é preciso anotar esta: a absoluta moralidade no trato de cooperação pública. Que bom que perdurasse

A República foi influenciada pelos princípios do positivismo de Augusto Comte. Uma prova desta influência é a bandeira brasileira, com sua inscrição Ordem e Progresso, sendo que aí ordem significava respeito à ordem universal, às bases da sociedade.

Bandeira brasileira: inscrição de inspiração positivista

Benjamin: fundador da República

Demétrio: influência no Ministério

Contra a escravidão: os abolicionistas publicam um Manifesto

1883 — Publicação do manifesto abolicionista, pela extinção do cativo negro.

1886/87 — Oficiais do Exército que se haviam pronunciado politicamente foram punidos por ministros civis. O incidente foi explorado pelos republicanos como sendo ofensa à honra dos militares. Manifestações classistas do Marechal Deodoro e do Visconde de Pelotas. A "questão militar".

1888 — Em 13 de janeiro, moção dos vereadores de São Borja, reclamando um plebiscito nacional para deliberar sobre a conveniência de um 3º reinado.

ANEXO U – Documento de Termo de Posse do Dr. Mozart na Cadeira de Fisiologia dos Animais Domésticos.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL
REITORIA

TERMO DE POSSE DO DR. **MOZART PEREIRA SOARES**
NO CARGO DE PROFESSOR CATEDRÁTICO, PADRÃO "O", DA CADEIRA DE
FISIOLOGIA DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS DA
ESCOLA DE AGRONOMIA E VETERINÁRIA, DA UNIVERSIDADE DO
RIO GRANDE DO SUL.

Aos ³⁰ dias do mês de **dezembro** do ano de mil novecentos e cin-
coenta e **oito** o Senhor Professor **MOZART PEREIRA SOARES**
....., nomeado por Decreto de **28/11/1958**, publicado no Diário Oficial
de **29/11/1958**, para exercer o cargo de Professor Catedrático, padrão "O", da ca-
deira de **Fisiologia dos Animais Domésticos**
da **Escola de Agronomia e Veterinária** da Universidade do Rio Grande

do Sul, do Quadro Permanente do Ministério da Educação e Cultura compareceu perante
o Exmo. Sr. Professor Dr. **Elyseu Fagliari** Reitor, para
prestar compromisso e tomar posse do cargo acima referido. De acordo com o artigo 24,
parágrafo único da Lei n.º 1711, de 28 de outubro de 1952, prestou a **DECLARAÇÃO DE**
BENS E VALORES, anexa ao presente Termo. E, para constar, eu *[assinatura]*

Diretor da Divisão do Pessoal da Universidade do Rio Grande do
Sul, lavrei o presente Termo de Posse, que o Excelentíssimo Senhor Professor Reitor assina,
com o nomeado, e pelo qual este último assume o compromisso de bem e fielmente de-
sempear a função que lhe compete, entrando em exercício na mesma data. Foram ve-
rificadas as exigências determinadas pela legislação vigente.

Pôrto Alegre, ³⁰ de **dezembro** de 1958

O REITOR *(ass) Elyseu Fagliari*

O NOMEADO *(ass) Mozart Pereira Soares*

TESTEMUNHAS

(ass) Zairles Dias de Castro
(ass) Luiz Villa

REF. Processo n.º **7818 / 53**

M.E.C. - U.R.G.S.
DIVISÃO DE PESSOAL

P.: 24 - Frederico Westphalen, 02-11-1996

O ALTO URUGUAI

Sucesso no Encontro Estadual de Microistória

A abertura do 13º Encontro Estadual de Microistória aberto pelo prefeito Deoclides Vendrusculo, segunda-feira à noite, no Cine Floresta, reuniu mais de 150 pessoas procedentes de dezenas de cidades gaúchas. Na oportunidade, foram homenageados os senhores Dionísio Cerutti, Natalino Mariq, Otávio Guidini e Wílson Jehová Farias, pessoas que contribuíram com o desenvolvimento cultural de Frederico Westphalen.

Os homenageados tiveram a leitura da biografia de cada um e depois receberam uma placa de prata, registrando o acontecimento que marcará a história da região. O encontro encerrou na quinta-feira.

Este é um dos artigos, de uma das comissões, feito durante o XIII Encontro Estadual de Microistória, realizado em Frederico Westphalen. *A morte dos cemitérios, de Odilon Gomes de Oliveira*

“Os marcos históricos de maior relevância cronológica, em nossa região, são os cemitérios. Eles caracterizam e expressam épocas com bastante nitidez. A ocupação dos rincões do Guarita e São



No encontro foram homenageadas as pessoas que contribuíram com o desenvolvimento cultural de Frederico

Jacob, que deram origem a Campo Santo (Coronel Bicaco, atualmente), Umbus, Rincão dos Paivas e São Jacob (hoje Santo Augusto) e Monte Alvão (Ajuricaba e Chiapetta), aconteceu sob o dorso de um coxilhame e os cemitérios identificam as fases dessa ocupação, que vem desde 1815.

Acontece que estão ruindo, perdendo a identidade e mesmo sendo demolidos os túmulos antigos, abandonados e sem conservação, para, sobre o local, sepultarem outros mortos e construírem jazigos ou lápides modernas.

A falta de consciência histórica dá lugar ao imediatismo e à perda de referências que são de inestimável valor para pesquisa e que estão disponíveis sempre ao pesquisador. O que não acontece com documentos, em que, dependendo da repartição ou órgão público onde se encontram, não é dado acesso ao pesquisador.

A seqüência de fatos do que resta de alguns cemitérios de nossos antigos rincões dá uma visão de sua importância e o estudo da deteriorização em que os mesmos se encontram”.

Evento reuniu profissionais preocupados com a memória histórica

O encontro discutiu, com historiadores, microhistoriadores, professores e alunos da área de ciências sociais, temas como A Formação Histórica do Norte do Estado, Microistória e Cultura Historiográfica no RS, A Importância dos Arquivos e Museus Municipais na Produção da Microistória, A Construção do Território no Norte do RS, O Caboclo e a Historiografia do RS, As Perspectivas para Editoração de Livros na Área da Microistória e A Questão Indígena. Este último

tema oportunizou que os participantes ouvissem um depoimento de Augusto da Silva Opecaingue, e visitassem a área indígena, em Irai, onde puderam conhecer a realidade do dia-a-dia na aldeia.

No depoimento Augusto relatou a difícil luta pela sobrevivência do seu povo, a luta pela demarcação de terras ao longo dos anos. Ele salientou que “nunca foi respeitada nossa educação diferenciada, nossa saúde diferenciada, nossa cultura diferenciada. Em todas as áreas, há esse tipo de problema” e acrescentou: “Na última Constituição Federal foram garantidos alguns direitos: direito a terra, educação. Agora o Fernando Henrique enxergou e achou que nós não merecemos essas garantias”.

Na oportunidade o representante dos caingangues encaminhou através do XIII Encontro Estadual de Microistória, um documento em direção ao prefeito eleito de Irai Vilmar Leite. Nele a comunidade indígena de Irai apresenta suas reivindicações e pede o comprometimento da futura administração. Essas são algumas das reivindicações que estão contidas no documento construção de uma enfermaria equipada dentro da área indígena, garantia de atendimento médico odontológico uma vez por semana dentro da área; garantia de medicamentos gratuitos à comunidade indígena; abrir espaço para a participação indígena no Conselho Municipal de Saúde; garantir contratação dos professores indígenas bilingües; garantir material escolar, merenda e transporte para os que estudam no ensino fundamental na cidade de Irai. Segundo consta, a assinatura desse documento permite à comunidade indígena cobrar do prefeito ações concretas.

P.: 13 - 02-11-96

CORREIO DO POVO

Historiadores querem a preservação de museus

Frederico Westphalen — O início de um movimento em favor da preservação de museus e arquivos históricos, foi um dos pontos definidos na realização do XIII Encontro Estadual de Micro-história, encerrado quinta-feira na cidade. O evento teve a participação de 120 historiadores, professores e alunos da área de ciências sociais. No final do encontro foram aprovadas 2 moções: a preservação de museus, em nível estadual, e das áreas indígenas.

F. WESTPHALEN

Cerca de 200 historiadores, pesquisadores, professores e estudantes estão participando do 13º Encontro Estadual de Microhistória. O objetivo do encontro é incentivar a pesquisa sobre a história regional.

P.: 55 - 29.10.1996

Fez a palestra de abertura, nenhuma referência...

ANEXO X - Diploma da Academia Rio-Grandense de Letras, em que Dr. Mozart ocupava a cadeira n° 8.



ANEXO Y – Original do Prefácio do livro O Gato e a Revolução de Alcy Cheuiche, escrito por Dr.Mozart

Correio do Povo

| uda | REPORTER | REDATOR | RETRANCA | CORPO - MEDIDA | PÁGINA |
|-----|----------|---------|----------|----------------|--------|
| | | | | | |

123456789°123456789°123456789°123456789°123456789°123456789°

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19

O GATO E A REVOLUÇÃO

Nestas páginas se refletem as inquietações, os drams e as angústias vividas por uma parcela ultra-sensível da sociedade - os universitários - dos quais o autor se apartou muito recentemente, quase às vésperas de entregar ao prelo os originais de seu livro, datado de Hannover, Alemanha Ocidental, onde fizera mais um curso de pós-graduação em Medicina Veterinária.

Estão elas a confirmar excelentemente a velha verdade de que o lastro vivencial não é apenas ingrediente comum no processo de criação novelística, mas elemento indispensável, a conferir-lhe validade e autenticidade.

São oito capítulos que, não obstante o "fim de cena" em que o Autor os reúne, para constituir a unidade da novela, podem ser lidos, também, como contos independentes.

Justamente naqueles em que o narrador se põe a evocar as experiências da vida estudantil, os vivos debates entre "comunas" e "reacionários", assistidos com indiferença pelos "alienados", enquanto se dividem nas eleições acadêmicas ou polemizam sobre a Guerra do Vietname, a novela adquire a veracidade de um

3
6
9

1 Alcy de Vargas Cheuiche vem da Poesia, sempre gênese da boa
 2 prosa, para estas páginas em que ele, visivelmente, se empenha
 3 em buscar e aprimorar seu instrumento de expressão.
 4 Não se pode escrever bem sem que se escreva muito, asseve-
 5 rou Somerset Maugham; e sem se ler muito, acrescentaríamos. 3
 6 O Autor, ainda muito moço, não teve tempo de fazer nenhuma
 7 coisa, nem outra. Esta naquele magnífico momento de febre e in-
 8 quietação criadora, na hora matinal a que Saint Beuve empresta-
 9 va tanta importância para a construção e a compreensão de qual-
 10 quer obra. 6
 11 Trabalhador infatigável das boas-letras, dotado de bom gos- 6
 12 to e de invejável apetite literário, permite antever aqui o es-
 13 critor de amanhã, quando tiver percorrido maior extensão na lar-
 14 ga e longa estrada que se abre à sua frente; quando tiver tira-
 15 do todo o proveito de seu estilo ágil, vivo e límpido, de seu 9
 16 esplêndido fluxo verbal, de ritmo agradável e tão bem servido
 17 por essas duas virtudes aparentemente antiéticas, mas complemen- (t
 18 te, de cujo senso de dose resulta o equilíbrio e harmonia de /
 19 qualquer obra de arte: a capacidade de efabulação e a verossimi-
 lhança, aqui tão presentes.

Correio do Povo

| auda | REPORTER | REDATOR | RETRANCA | CORPO - MEDIDA | PÁGINA |
|------|----------|---------|----------|----------------|--------|
| | | | | | |

123456789°123456789°123456789°123456789°123456789°123456789°

1 Alcy Cheuiche - O Gato e a Revolução.
 2 Editora Sulina. Porto Alegre, 1967. 4ª Capa
 3

**DOCUMENTÁRIOS
E
ENTREVISTAS**

ANEXO A1 - Documentário 1

MUSEU da IMAGEM e do SOM: Dr. Mozart Pereira Soares. Sérgio Machado. Palmeira das Missões (sítio),[s.d.]. 1 Fita, 120 min, col, son.,VHS. FITA DE VÍDEO.

Mozart: É pena que tudo aquilo que a gente viu no passado não possa ser mais do que evocado, algumas poderão ser até ilustrada com imagens que nós colheremos aqui e ali, e para que tu avalies como eu sinto isso, eu começo por dizer que desde menino assisti em Palmeira das Missões cenas inesquecíveis, como por exemplo: a chegada de Getúlio Dornelles Vargas em Palmeira das Missões quando ele inaugurou a estrada de rodagem de Cruz Alta ao Iraí, que foi uma das grandes conquistas do Rio Grande do Sul, a colonização que tinha penetrado no Alto Uruguai loteadas aquelas terras devolutas e inserido ali as etnias variadas de alemães e italianos, poloneses, de eslavos, mesclados com os caboclos e com os indígenas inseridos nessa comunidade protegidos pelos serviços de Rondon, isso foi uma epopéia maravilhosa que constitui a nossa reforma agrária autêntica do Rio Grande do Sul, a melhor que se fez até hoje, eu conheci as pessoas que participaram disso, os engenheiros, a começar por Frederico Westphalen, que curiosamente teve a sua última residência na Palmeira no local onde está implantada exatamente a Tribuna da Produção, ali havia uma casa de alvenaria, com, em torno dela, há jardinamento, um pomar ao fundo. Frederico Westphalen recebia na sala da frente os políticos da época, muitos dos quais eu vi em conferência com ele, embora não os identificasse, mas então você veja, conhecer Frederico Westphalen o que fez essa epopéia da colonização. O Getúlio Vargas que veio aí para conhecer e foi até ao Iraí, e lá em conferência com Torres Gonçalves que realizou essa obra em Frederico Westphalen, Vicente Dutra e tal, ta ali ele fotografado, e eu tenho essa fotografia, e vou oferecer para o museu, talvez ainda encontre também a chegada de Getúlio Vargas em Palmeira, que eu vi na hora em que ele desceu do seu fordeco, subiu as escadarias da prefeitura antiga, cuja imagem tem que pertencer ao museu da imagem e do som. A prefeitura que era neoclássico belíssimo, com janelas românicas e toda decoradinha, com um corpo avançado de escadas de um e de outro lado que entrava na sala principal, por ali subiu Getúlio Vargas, saudou o povo naquele seu gesto conhecido mais tarde, ao enfrentar os trabalhadores do Brasil, aquele gesto do Getúlio, que, aquele gesto do homem pequeno, não é, cordial, sorridente, e aquilo eu assisti pela primeira vez na minha vida, e me lembro, quando meu pai chegou e contava para os circunstantes, o Dr. Getúlio é um homem pequenino, um homem pequenino, um homem baixinho e tal, mas muito sorridente, muito simpático, e nós que chegamos ouvimos ali com grande satisfação, como ele é um homem que sabe conversar. Getúlio Vargas, isso eu assisti.

Sobre a caneleira

Mozart: Essa é remanescente, e ela deve ter mais de cem anos, é uma caneleira, canela guaicá, ali, debaixo dessa árvore meu avô recebia as autoridades principais que aqui vinham visitar, a primeira autoridade que visitou este sítio, que era a fazenda do meu avô, foi justamente o Dr. Frederico Westphalen, que veio medir a propriedade, e esta foi a primeira propriedade medida pelo engenheiro-agrimensor Dr. Frederico Westphalen, acampou aqui, depois ele, levantou as propriedades principais do município de Palmeira das Missões, porque ele veio de Cruz Alta exercer a agrimensura em Palmeira das Missões, mandado, a mandado de Firmino de Paula que era seu amigo, e sabia que o meu avô tinha sido tenente do Firmino de Paula e que este esteve presente na infeliz degola do Boi Preto ali, meu avô era tenente quando o massacre que o Firmino de Paula submeteu a tropa do Demétrio Machado, de cerca de 500 homens, 370 dos quais ele passou pelas armas, e isso não é fantasia é o telegrama autêntico que eu transcrevi na história de Palmeira das Missões, que ele comunicou a Júlio de

Castilhos: “sacrificamos 370 inimigos, tomamos armamentos, munições... o relato é da confissão de Firmino de Paula” [...]

Da mangueira de pedra em Bagé, que os maragatos começaram esse massacre e que o Joca Tavares e seus companheiros passaram pelas armas, disse pela faca de Adão de Latorre, famoso não é, era 410 chimangos. Quando os chimangos pegaram essa tropa aí ele disse, o Firmino de Paula, começa no telegrama assim: “Vingamos o Rio Negro”. Alguns contestam que há exageros de degolas de parte a parte, que eles talvez aumentassem as degolas para salientar o feito.

Bom, mais ali debaixo dessa árvore o meu avô depois, ele recebia as pessoas mais importantes, o próprio Firmino de Paula teve aí, esteve aqui Júlio Pereira dos Santos, que foi um homem que foi mandado, aqui de São Martinho onde ele era nascido, para Palmeira das Missões, para pacificar esse povo, que estava divididíssimo pela guerra de 1902, a chamada Revolução da Palmeira e que dá a Palmeira das Missões, esse é um fato que nós temos que registrar na história desse município, o único município que tem uma guerra própria, é Palmeira das Missões, foi uma guerra em que os remanescentes de 93, revoltados aí pelo Potreiro Bonito, foram se reunindo e um dia atacaram Palmeira das Missões, sobre o comando do Valentin Modesto, e vieram peleando pelas coxilhas, quando chegou a hora do combate decisivo, estavam na praça da Vila Velha.

Veio para cá o Júlio Pereira dos Santos, para pacificar a Palmeira porque eracapaz e já tinha demonstrado no seu passado republicano grandes qualidades no estilo pacificação, na acomodação, era um aliciador vamos dizer de partido, ele veio para Palmeira das Missões acompanhado por dois irmãos, o Hermínio Pereira dos Santos [...] outra pessoa que veio com ele e que foi delegado de polícia da Palmeira foi o Homero Pereira dos Santos [...] Homero Pereira dos Santos deixou descendência por aí [...]

Outra reminiscência que eu gostaria de fazer em relação a Júlio Pereira dos Santos, é que ele, eu tenho um cartão dele, vou oferecer para o museu, um cartão que ele passou para meu avô, com o qual se correspondia, o meu avô era seu primo, Vicentino Pereira Soares, primo do Júlio Pereira dos Santos, que veio comandar a Palmeira. Júlio Pereira dos Santos deixou grandes obras na Palmeira, entre elas o seguinte: primeiro, Palmeira não tinha sarjetas, as ruas eram muito irregulares, cheio de valos, não havia calçadas, subia-se e descia-se pelos barrancos, o muro era uma raridade, então ele primeiro alinhou as ruas, disciplinou os terrenos e as ruas passaram a ter regularidades que até então não possuíam, construiu a praça principal, em frente a Igreja, entre a Igreja e a Intendência, e essa praça que está ali hoje desfigurada pelos arquitetos paisagistas sem cultura própria, porque isso é uma cultura, nem toda a cidade tem, Palmeira não tem culpa nenhuma, mas Palmeira teve uma originalidade extraordinária, foi o seguinte, é que a praça foi decorada com árvores nativas, de tal modo que ela era como um capão nativo, tinha todas as nossas árvores principais, no centro havia um quiosquezinho, cuja fotografia eu acho que o nosso museu tem que recolher, onde aos domingos a banda do seu Florêncio Uchoa que era um vulto histórico, que foi secretário de Palmeira das Missões, quando ela se tornou independente de Cruz Alta, quando se instalou a primeira administração o Secretário foi Celso Florêncio Uchôa, que era músico nesse tempo, bem moço, e depois formou a Banda em Palmeira e deixou seus descendentes músicos por aí afora. O seu Florêncio Uchoa, quando eu conheci anos mais tarde, porque eu sou nascido em 1915, eu conheci lá por 1920 e vinte poucos, então o Florêncio Uchoa, era já um homem magrinho e tocava o bonbardão, o que me fazia estranhar, que aquele homem tão fraquinho tocasse um instrumento que fazia um som tão estrondoso (*risos*).

O Júlio Pereira dos Santos, deixou mais, além daquela praça que ele decorou e a qual deu o nome de praça Júlio de Castilhos, esse é o nome original da praça, porque naquele tempo o Júlio de Castilhos, embora ainda hoje era um vulto de grande expressão e cuja morte não tinha transcorrido a muitos anos, ele morreu em 1904 e a praça começou a ser decorada

por 1910, de modo que era muito recente a morte, e a homenagem se impunha quase assim como uma emoção popular. Outra coisa que o nosso vulto histórico Júlio Pereira dos Santos deixou na Palmeira foi o seguinte: Palmeira teve três cemitérios, o primeiro foi justamente no local da praça, entre a intendência e a igreja, ali havia uma colina e para eles mudarem o cemitério dali e fazerem a praça, eles escavaram e nivelaram a colina, tiraram os túmulos e levaram para o quarteirão que fica entre o edifício dos Deck que está até hoje meio inconcluso, depois seguia ali o local, a casa construída pelo Lourenço Bonesso, onde depois o Brasil Gonçalves teve a sua casa, e tem o casarão do Adrião Gonçalves, o avô do Fernando Gonçalves, aquele casarão imponente, que foi do assistente mais acérrimo de Palmeira das Missões, que aqui recebeu o Assis Brasil, numa jornada maravilhosa, conheci Assis Brasil em Palmeira das Missões, sentado na grama conversando com os piás do meu tempo, assisti aqueles homens em conferência, justamente na esquina do Lourenço Ardenghi, ao lado da casa do Lourencinho, ali foi a hora da recepção e do comício, dos foguetes atirados pelo João Ourives. Assis Brasil também passou por aqui, é um registro que fica para a memória de Palmeira das Missões.

Alecrim e Mangerona explicado pelo Dr. Mozart

Mozart: “Alecrim bateu na porta, Mangerona respondeu: saibam Deus e todo mundo que esse amor é muito meu”. Esse versinho que eles cantavam na meia canha, quando o parzinho se encontrou, é de um lirismo tradicional, mas o lirismo deles terminou em conflito com a vida, de modo que o romance foi o lirismo de Alecrim e Mangerona, terminando no conflito que a vida determina. É a revolução de 93 em Palmeira, desenvolve-se esse romance em Palmeira, os personagens eram reais, por que o primeiro personagem que é o capitão Valeriano Silveira era o meu avô é personagem, mas meu avô foi homem que teve na degola de 93 com Firmino de Paula, ele era tenente, ele desencilha o cavalo depois que comprou a fazenda aqui, ele tinha uma outra fazenda lá no Boi Preto, aonde nasceu meu pai, ele era um filho do sesmeiro Bento Pereira Soares que veio para cá como autoridade, depois da República, uma sesmaria e que começava aqui no Dari Kurtz e ia ao Boi Preto, tinha 30 quilômetros, e minha mãe vinha de uma família que tinha daqui de Santana da Palma Redentora 70 quilômetros em linha reta, era gente que chegaram aqui não tinha ninguém. O Athanagildo é bisavô da minha mãe e sou portanto trineto do Athanagildo, que é fundador da Palmeira, brigadeiro Athanagildo funda Palmeira e o pessoal dos Pereira Soares funda Porto Alegre, quando o casal açoriano Manoel Pereira Soares e sua mulher tiveram o primeiro filho de um casal açoriano vindo com 70 casais para Porto Alegre. [...]

De acordo com Aurélio Porto que registrou na História das Missões Orientais, ele registra Manoel Pereira Soares, batizou o Mateus, a 8 de dezembro de 1752 na aldeia de Viamão, que era Porto Alegre, né, e aí então, vieram para Porto Alegre, Taquari e Arroio do Sol, onde nasceu meu avô, São Martinho, Cruz Alta, Palmeira e tal, e um ramo foi bater em São Borja, indo por Encruzilhada, e esse ramo que é da qual descende a minha mãe, é parenta dos Pereira Soares, a minha mãe é parenta dos Pereira Soares, ninguém sabe, sabe como é que eu fiquei sabendo, um dia eu era Diretor da Agronomia e o Dr. Sales que é aí de Júlio de Castilhos, genealogista recebeu um ofício quando era presidente do Instituto da Carne, ele recebeu um ofício do Diretor da Agronomia Mozart Pereira Soares, pegou o telefone e disse: “Escuta, Mozart Pereira Soares, você sabe de onde é que você veio?” Eu digo: “Descofio que nasci, meu avô nasceu em Arroio do Sol, e depois cruzou por São Martinho, depois Cruz Alta, pois é, pois é Júlio de Castilhos, passaram por aí. O senhor descende de Mateus Pereira Soares, primeiro filho de um casal açoriano nascido no Rio Grande do Sul, batizado na Aldeia [...] transcrevi na História de Palmeira.

Athanagildo

De São Paulo veio o Athanagildo, o Athanagildo é nascido em setembro de 1772, o Athanagildo Pinto Martins, ele veio da Vila do Castro, no Paraná, mas ainda era São Paulo, aí esse camarada veio, chegou em Cruz Alta, pegou cinco ou seis fazendas, que começa em Cruz Alta e termina em Porongos, perto de Santa Bárbara. Depois eles passaram para Palmeira, e por aqui morreu cinco dias depois de Proclamada a República, o Athanagildo Pinto Martins, que tinha fazenda ali na Granja PL, que ia até o Turvo, esse camarada foi quem fundou Palmeira das Missões.

Sobre o Carijo

Mozart: O Hermes, tu sabes que o, um dos Muckers, filho da Jacobina, na noite que bateram e arrasaram o acampamento [...] os sobreviventes do tiroteio pelo mato lá fora, e como eles eram carpinteiros finos segundo o gênio alemão, ele foi para Uruguaiana e lá evoluiu e terminou vindo com a família pra serra, sempre fugindo, e veio parar ali na Fortaleza, no Rio Fortaleza, ali ele foi, botou numa cascata uma roda d'água e depois transformou-se em fabricante de rodas d'água, ele aí ficou enterrado no cemitério, tá lá com os dizeres: filho de Jacobina, Mauto Lese, [...] direitinho, e registrado pelo Saul Missel, que tinha um cartório ali na Fortaleza, e quando eles fizeram uma canção do “Último Mucker”, o pessoal que julgou, e rejeitou porque disseram que o que tem que ver o Muckers com Palmeira, o nome dele tá lá, registrado [...] aqui na Fortaleza, cemitério ali dos Mello, tá lá a placa, nós podemos ir, fazer uma romaria.

Viu, vou te contar: o Mucker de Jacobina, quando foram destruídos no Ferrabrás, sobrou uma criança chamada Jacó, viu, e eles eram carpinteiros finos como o gênio alemão, foram bater em Uruguaiana, de lá vieram para o Rio Fortaleza e aí ele botou uma fábrica de rodas d'água, quando morreu foi enterrado no cemitério da família Mello, aí [...] no cemitério da Fortaleza, do Rincão São João, vamos lá...

Sobre a formação de Mozart e o Correio do Povo

Mozart: [...] lá uma relação do guris que iam para Porto Alegre e me deram o dinheirinho pra passagem, e eu me fui, quando eu cheguei lá, o curso era em sete anos, curso complementar, eu, em dois anos terminei o patronato agrícola e tirei o prêmio de honra, com a minha fotografia na parede, “Aluno Distinto de 1929”, Mozart Pereira Soares, nos confins da Palmeira e eu tenho aqui o cartão com o prêmio, tá aqui, posso mandar publicar no jornal, “Aluno Distinto” prêmio de honra de 1929. Bom, depois eu fui andando, mas há um episódio interessante viu ... (Hermes: o Caldas Júnior publicou o artigo que o senhor levou para ele aquela vez). Publicou e disse assim, me encontrei na rua da praia com ele, e ele me encontrou, diz: “venha cá Mozart”, ele me conhecia porque eu fui aluno orador e quem fez a formatura nossa foi o Fesidério Finamoni, que era amissíssimo dele, e era o veterinário, tratava do arado, aquela coisa toda, e aí ele como me conhecia disse: “o teu artigo vai sair no sábado, e você pode mandar porque não é abacaxi, pode mandar mais porque não é abacaxi”. Aí eu me tornei colaborador do Correio do Povo, em todos os cadernos, reportagens especiais, quarto, capa, artigos de fundo, aí eu né, me tornei um colaborador sistemático.

Sobre a reforma agrária em Palmeira das Missões

Mozart: Uma coisa é importantíssima que pouca gente sabe, em Palmeira das Missões organizou-se a melhor reforma agrária do Brasil, quando o Dr. Carlos Torres Gonçalves, inspirado na idéia de Júlio de Castilhos e de Rondon, entrou pelo sertão e dividiu todo o sertão em lotes né, em lotes coloniais e de 25 hectares por família, traçou estradas, quando as

não davam para seguir as encostas, desciam por cargueiro, levou a cultura através de colégios, armazéns de abastecimento, fez o serviço de proteção aos índios para não abater com os proprietários primitivos da terra e por outro lado ele melhorou o caboclo com o crédito rural, o caboclo proprietário e o indígena, pagavam o lote, o indígena não, porque era proprietário tradicional, mas o caboclo pagava pela seguinte forma, através do serviço pessoal, através da, colheita, serviços e, eram três modalidades de pagar, não era como o PT de hoje que está querendo arrancar terra de graça, ele era proprietário com o suor do seu rosto.

Wilmar: O Dr. Frederico Westphalen foi o que distribuiu os primeiros lotes não é isso?

Mozart: Foi ele que tratou os lotes e distribuiu todos.

O Dr. Frederico em 1915 fez a sede da colonização de Palmeira ali na esquina que desce para a CEEE, na parte de cima, era naquela casa a sede da comissão, o Frederico morava onde está sediado a Tribuna da Produção, ali era a casa do Dr. Frederico né. O Dr. Frederico levou para o sertão o capitão Vicentino Pereira com os republicanos, porque os maragatos tinham invadido essa região, como sem terra, e queriam se considerar donos, e Júlio de Castilhos achou que não podia dar as terras indiscriminadamente, então as terras foram sediadas com, hequitatividade, digamos assim.

Outra coisa muito importante que ele fez foi penetrar pelo sertão, a primeira sede depois de Palmeira foi a Fortaleza, foi Seberi, ali, e ali então ele foi cercado pelos maragatos e titroteado e o Pedro Domingos e o Galvão e outros lá, cercaram e sitiaram. A nossa turma foi daqui pra conter os maragatos e o Dr. Frederico com os documentos de colonização, um bauzinho, ele levava e o pessoal atirando, na frente, aos lados, levantando poeira, e o meu avô dizia: “deita porque os homens lhe matam”, e o Frederico não deitou, continuou passo a passo até sair da mira dos maragatos [...]. “Isso é uma barbaridade! Como é que o senhor ficou exposto assim, “se eu deitasse eles me matavam muito fácil, eu caminhando era mais difícil deles me pegarem.

Quando vieram, chegaram ali no passo grande, na Revolução de 23, no primeiro combate. Há registrado pelo Artur Ferreira Filho, no livro provisório que foi entregue ao Valzumiro Dutra, porque o Valzumiro era lugar-tenente do Firmino de Paula [...]. Aqui em Carazinho, na Chapada por ali, o Valzumiro que arrendou aquilo, veio para Palmeira, e o meu avô, que conhecia o município como delegado reuniu todas as provas da fazenda desde o Eral Seco até [...]

ANEXO A2 – Entrevista 1

Transcrição da entrevista concedida por Mozart Pereira Soares a Vânia Maria Oliveira de Freitas. *Origens e características principais da família Soares. Palmeira das Missões, 04.abr.2004.*

Vânia: Se o senhor fosse dividir em capítulos a sua vida, como o senhor dividiria?

Mozart: Eu dividiria: o ensino como de todos os do meu tempo de menino era doméstico, assim a minha primeira professora foi a minha mãe. Eu acho que, a História de todas as pessoas começa no seu relacionamento familiar, assim as pessoas tem que refletir necessariamente a linguagem: a maneira de pensar, a maneira de sentir e a maneira de agir das pessoas. Dessa forma eu tinha de herdar dos antepassados não só a linguagem, mas os costumes e os sentimentos, de modo que então eu sou produto como todas as pessoas do meu meio, e o meu primeiro meio que eu devo considerar é o familiar. Não havia no meu tempo abundância de material, quando nós conseguíamos jornais não era para ler era para com os jornais, com um grude de farinha de mandioca, grude de farinha de mandioca, eram pregados nas paredes como enfeite, assim eu fui a pessoa que vez por outra lia alguma coisa dos jornais das paredes, uma que outra palavra, mas a minha, o meu ensino como não havia muitos textos, ficava reduzido ao ensino da caligrafia materna, o interessante é que se você comparar as letras das pessoas do meu tempo de menino, da minha mãe com a letra da mãe dos outros vai ver que tem uma grande semelhança é que o ensino da caligrafia delas era assim feito através do alfabeto desenhado pelas mães de família. Todas as famílias tinham um tinteiro, eu me lembro muito bem do meu tinteiro de tinta sardinha pendurada pelo dedo que a minha avó mandava para a minha mãe desenhar, e como o papel naquele tempo era o chamado papel almaço, papel azul pautado, sobre a qual elas desenhavam para nós o alfabeto, o papel naquele tempo era muito escasso e por isso a gente se servia de uma pedra que chamavam uma lousa de ardósia que a gente riscava com um estilete. Portanto, o nosso processo gráfico era um projeto gráfico rupestre. A palavra estilete que era da mesma ardósia que a gente riscava a pedra, depois a gente renovava aquilo, apagava a pedra e usava novamente. Então nós tínhamos um caderno rupestre, um caderno de pedra, esse era o que tudo mundo utilizava. Mais tarde eles usaram uma espécie de lâmina revestida de material para grafar. Então, o meu primeiro caderno foi rupestre, como todos. O meu primeiro exercício de caligrafia, como nós não tínhamos nada para grafar, a minha primeira lousa, na qual eu gravei as minhas primeiras impressões foi a terra, eu escrevia na terra, é um fato muito interessante, eu aprendi a escrever sobre a terra. A minha mãe começou a escrever para mim o alfabeto doméstico sobre o papel almaço, papel branco pautado de azul. O meu primeiro caderno foi a terra, assim é que mais tarde a minha mãe fez para mim, desenhou no papel que se usava naquele tempo que era o papel almaço, que era papel branco pautado de azul, e ali todo mundo escrevia naquele papel, o que se escrevia mais freqüentemente era o preparo das pessoas para a profissão que naquele tempo era muito desejada, porque o máximo que se poderia conseguir com as pessoas era a escrituração mercantil [...], aprendi, me preparei para a vida de balconista, porque o balcão era a coisa mais avançada, o indivíduo que conhecia a escrituração mercantil e dominava, era uma pessoa muito estimada, e como a escrituração era individual, as pessoas com um bom talhe de letra eram as pessoas principais da sociedade, pessoas com um bom talhe de letra, eram as principais pessoas da sociedade. [...] estava ensinado a vida de balconista através da escrituração mercantil, o meu primeiro alfabeto foi traçado por minha mãe (A sua mãe é natural daqui?). É nascida exatamente aqui, a minha mãe tinha 14 irmãos, o pai da minha mãe chamava-se João Maurício, o João Maurício lembrava o nome do holandês Conde de Nassau, de modo que o meu avô tinha sido oficial de marinha em São Borja, e as são muito interessantes, ele matou um companheiro e

fugiu, como ele era do império ele fugiu para Palmeira das Missões, e aí se empregou na casa dum indivíduo ilustrado, um indivíduo ilustrado, e quando aquele camarada viu que o meu avô também era ilustrado, transformou-o em professor, e botou uma escola, como tinha muitos filhos, botou uma escola doméstica, e pelo simples exame, o nome das pessoas, a gente vê que ele tinha bom gosto, por exemplo: como ele era maragato, o seu primeiro filho ele botou o nome de Gumercindo, em homenagem a Gumercindo Saraiva, ele morava a poucas léguas da cidade, o interessante é, é que o meu avô por parte da minha mãe era maragato e meu avô por parte do meu pai era republicano, mas o meu avô maragato me dizia: “O seu avô, pai da sua mãe, é uma pessoa de muito respeito”, de modo que o republicano né, ele considerava o meu avô. [...] Soares do Santos, Felipe Soares do Santos, e o meu avô por parte de meu pai era [...] Vicentino Pereira Soares, o meu avô Vicentino Pereira Soares era descendente dum açoriano, Vicentino Pereira Soares era descendente de um açoriano, que foi batizado na Aldeia de Viamão, em 8 de dezembro de 1752, 1752. Esse meu avô foi descendente de açoriano, produziu o primeiro filho descendente de açoriano no Rio Grande do Sul, batizado na Aldeia de Viamão a 8 de dezembro de 1752 (isso que a memória não está muito boa hoje). Alguma coisa eu repeti, que é para eu mesmo guardar mais uma vez, porque se eu vou deixando de repetir eu também esqueço. Bom, em Viamão, curiosamente, existiu uma pessoa com o nome da minha mãe exatamente, que era um nome esquisito, e é esquisito que ela tenha ficado com esse nome, a minha mãe chamava-se Esperterina, Esperterina Martins e lá em Viamão apareceu uma revista dos estudantes de agricultura, uma revista escrita por um camarada que se chamava Latino Magalhães Bravo, Latino Magalhães Bravo, escreveu uma revista chamada Teres, Teres que a deusa da agricultura, ele era um homem, um rapaz muito instruído, Latino Magalhães Bravo, nome bonito né. Esse Latino escreveu portanto, uma revista e um exemplar dessa revista e dedicou a minha [...] a uma pessoa de nome igual a minha mãe que não era a minha mãe, lá em Viamão, Esperterina Martins. Eu acredito que esse nome dessa revista é que tenha inspirado o meu avô, colocar na minha mãe o nome de Esperterina que é um nome esquisito, bastante esquisito, Esperterina Martins, bueno [...] Ele tinha o nome de Felipe Soares dos Santos, Salvador Soares do Santos quando ele matou esse camada ele fugiu para Palmeira e aqui como era maragato, ele procurou o maior maragatão, e como ele era instruído o meu avô Felipe Soares dos Santos, ele pegou o meu avô para ser professor e fundou a escola para instruir a família, como meu avô era um homem muito ilustrado, oficial de marinha ele tinha a história da marinha e de outras histórias muito presentes na cabeça, assim ele botava o nome nos filhos, por exemplo, uma das filhas dele chamava-se Cemirades, Cemirades que era uma rainha, uma outra dele chamava-se Jandarai, um nome indígena, bonito, que naturalmente também ele não queria deixar sem batismo, o outro o primeiro filho, como eu já disse era Gumercindo, em homenagem ao Gumercindo Saraiva, tinha também, as profissões dos filhos dele eram escolhidas pelos próprios filhos, assim a minha tia que era Cemirades, era chamada modista, era modista, ela recebia as revista de moda de Paris e fazia na Palmeira daquele tempo, vestidos, e eu é que ia buscar no correio a revista, quando eu chegava lá olhava aquelas mulheres compridas, porque em Palmeira das Missões todas as mulheres eram baixotas e atarracadas, a minha tia, tia Nensia, era modista que fazia os vestidos de moda pelo modelo de Paris, você imagina que era para aquele tempo, alguma coisa de muito respeito.

Morava em Porto Alegre na rua Venâncio Aires, na frente da minha casa eu enxergava de vez em quando eu abanava, morava um Palmeirense, o Mauro, casado com a Marlene, irmã do Lourenço Ardenghi e o Mauro morava do outro lado e eu aqui, um dia de Palmeira das Missões uma mulher de Porto Alegre, não de Palmeira das Missões uma mulher telefonou para Porto Alegre, diz é aí que mora um veterinário de Palmeira das Missões? Eu disse pra ela: “esta falando com ele”, aí ela começou a fazer perguntas e como não fechava eu disse pra ela: quem é a senhora? Eu sou a Dileta Bastos, eu digo Dileta Bastos é filha da dona

Melucha? Ela diz: “exatamente”. Como é que o senhor sabe? Porque eu lhe conheço, mas como é que eu não lhe conheço, eu digo: “olha a senhora filha da dona Melucha trabalhava no correio e eu ia buscar as revistas no correio”, a é, e outra coisa interessante é que a senhora trabalhou na companhia telefônica, quando botaram o telefone da Palmeira, aquele telefone que tinha uma parte assim treeeee...ela trabalhava, digo então a senhora é a Diletinha. Então como é que eu não lhe conheço? “Digo não mas eu lhe conheço, eu lhe conheço e até tinha uma tia minha, uma tia minha, que eu ia buscar correspondência dela que ela era comadre da sua mãe”, por aí a fora eu fui, porque eu ia buscar a correspondência no correio.

O livro texto daquele tempo, o livro texto principal era chamada *Cartilha Maternal de João de Deus*, esse livro todas as pessoas que ensinavam conheciam mais ou menos de cor, em Palmeira das Missões havia um único professor público, era o chamado professor Manoel Antonio de Almeida, esse professor Manoel Antonio era um homem bastante ilustrado e refletia a maneira de ensinar dos portugueses, assim é que na sua aula existiam trabalhos que lembravam Portugal, assim o ensino de música tinha como peça forte o Hino ao Trabalho, de Antonio Feliciano de Castilho, e que cuja as estrofes diz mais ou menos: trabalhai meus irmãos, que o trabalho é a riqueza, a virtude é valor, dentre as vidas [...] esse era um hino ao trabalho, única peça que servia para o ensino artístico daquela rude escola rural daquele tempo. Bom, havia também além da *Cartilha Maternal de João de Deus*, existia no outro texto que eu vou me lembrar depois qual era o nome, que a minha mãe que nos ensinava e tinha uma memória muito boa conhecia de cór, então a gente entrega o livro ela dizia: “Diz aí meu filho que a mãe vai dizer pra ti”, que ela dizia o texto que a gente segurava aqui, a *Cartilha Maternal de João de Deus*.

Havia nos arredores de Nazaré Deus menino, Deus menino, havia um templo nos arredores de Nazaré o Deus menino, eu gostaria de pegar esse texto e recapitular [...] *Cartilha Maternal de João de Deus*, qual era o outro, havia outro que era a da professora da minha mãe chamava-se professora Conceição Pereira, que era irmã do intente da Palmeira Júlio Pereira dos Santos, Conceição Pereira Hoffmeister, porque ela era casada com um Hoffmeister, naquele tempo a família Hoffmeister era muito importante lá na Palmeira. A professora Conceição Pereira foi a nova mestre, a mestre da minha mãe e das mulheres daquele tempo porque era escola feminina, e a escola masculina era do professor Manoel Antonio de Almeida, professor Manoel Antonio de Almeida que era maragato teve de fugir pro Paraná e assim Palmeira ficou sem professor, nessas condições minha mãe exigiu que o meu pai botasse uma escola ele reuniu os meninos da redondeza e formou uma escola, cujo o único professor chamava-se Pedro Flores, o Pedro Flores, só sabia caligrafia, não sabia fazer uma conta, não sabia fazer conta, só sabia caligrafia, e ele tinha uma peça forte, ele sempre declamava para os alunos aprenderem uma poesia, a poesia de resistência dele era a “A Rolinha do peito plumoso”, (*risos*), “A Rolinha do peito plumoso”.

Onde começou, quem era o professor, o que fazia, ensinava o que? O Pedro Flores como todos os professores ganhava tão pouco que não podia se sustentar e assim nas férias o nosso Pedro Flores, foi plantar a sua lavourinha de milho e de mandioca, e era muito fraco e por lá morreu e nós ficamos sem professor. Ah, era uma vida interessante essa lá (*risos*). Mais tarde, foi para Palmeira das Missões o professor Belga de nascimento, professor Afonso Hostyn e botou um Instituto chamado Rio Branco, onde ele ensinava escrituração mercantil e até língua francesa, Palmeira das Missões no ano de 1925 teve o ensino da língua francesa, por um homem que foi educado nessa língua na Europa e que portanto, representou um avanço considerável para aquela rude vida no deserto da Palmeira. A escola feminina era dirigida pela professora Conceição Pereira, que era irmã do Intendente da Palmeira, Júlio Pereira dos Santos, e essa senhora Conceição Pereira era casada com um Hoffmeister de Santa Maria, de modo que então ela era Conceição Pereira Hoffmeister e ensinava coisas de uma família muito importante de Santa Maria, que foi para Palmeira das Missões, e o homem

dessa família era o seu Kimel, Kimel, botou uma oficina mecânica tão avançada que até relógio concertava e que no ano de 1922 construiu um canhão, canhão pequeno para saldar o Centenário da Independência do Brasil, e botava no dia da Independência, 7 de setembro de 1822, ele saudou a Independência com 21 tiros daquele canhãozinho, e o canhão corria, davam tiros com pedras e tal e coisa, traziam, atirava de novo, o canhão esse existe, tá lá em Santa Maria no museu, interessante.

Meu avô, que se chamava Vicentino Pereira Soares, era um homem orador muito importante, era um homem muito vivo, o primeiro filho era o meu pai, chamado Cecílio Pereira Soares que era nascido no dia de Santa Cecília, no dia 22 de novembro, e no dia 23 nasceu a minha mãe, então um fazia o aniversário num dia e o outro no outro, emendava. Existia algumas pessoas com talento literário, e entre elas, uma era prima da minha mãe, chamava Cândida Fonseca Henriques, era tia Candoca, a Candoca guardava os folhetinhos do Correio do Povo, e quando eu comecei a estudar eu passei a vender jornais, fui o primeiro vendedor de jornais de Palmeira das Missões, e quando eu vendia jornal eu pedia para as pessoas que guardassem que no outro dia eu queria ler os jornais, e aí eles guardavam, e eu então quando parava de vender o jornal eu abria os jornais e lia, então eu, quando eu fui pro o colégio pela primeira vez eu não sabia escrever uma palavra, não sabia fazer uma conta, mas eu lia numa disparada, então apesar [...] uma pessoa que está aqui em Porto Alegre da minha idade, quando eu entrei no colégio, eu mesmo por minha conta, com uma calça arregaçada, uma camiseta de meia manga, toda furadinha e um tirante atravessado, eu subi as escadas do colégio no mês de junho e pé no chão, guri de rua, vendedor de jornais, mas eu resolvi aprender, porque os meninos de Palmeira passaram carregados de livros, e eu dizia porque que eu não posso saber isso, eu vou lá, vou me matricular, então quando eu peguei os primeiros dez mil réis que era o valor da matrícula, subi as escadas, cheguei em frente ao colégio, e ele disse assim, que que tu veio fazer aqui? “Digo eu vim me matricular no seu colégio”, [...] O que tu é para querer se matricular? “Eu digo é entrar no seu colégio”, Quem é que te mandou aqui?, “Fui eu mesmo”, E quem é que vai pagar?, “Tá aqui os dez mil réis”, E ele disse: “ah muito bem, então fica esperando aí”, Aí disse o que é que tu sabe? “Digo eu sei ler, só sei ler, não sei mais nada”, Diz e como é que tu sabe ler? “Eu leio bem”, “então espera aí, chegou na hora de tomar a lição” era a chamada Guia da Infância, e ele me botou frente à professora, fulano de tal, adiante fulano, um lia um pedacinho e o outro continuava, e ele disse: adiante Maria, e Maria, ele lê muito ligeiro, eu me perdi. Aí o Hostyn mandou eu ler, e eu li e quando ele viu que eu lia daquele jeito ele disse: mas quem é que te ensinou assim? “Digo fui eu mesmo, pois eu vendo jornal e tal”. [...] “ah tá muito bem”. Então no mês de junho, eu, segundo ano, primeiro ano, me passou para o segundo e o mês de julho eu tirei um primeiro lugar, agosto eu tirei outra vez em primeiro lugar, quando chegou no fim do ano tirei o primeiro lugar de novo. Então eu dei três pulo num ano, no mesmo ano, e o Hostyn, aí disse: “mas veja, eu vou te tirar as contas”, “Eu digo não precisa eu já sei, agora eu sei”, Mas como é que tu sabe?, “Digo eu vejo o senhor ensinar os outros e eu to com o ouvido neles”, Diz: mas como é que tu sabe? “então tu passa pra essa classe que eu vou fazer combate de tabuada, aí vai: 7 vezes 7, 8 vezes 8, 9 vezes 9”, “aquela coisa, e aquilo foi um, já tirei o primeiro lugar”, E aí ele me diz:” e agora eu vou te ensinar fazer conta com decimais”, eu digo: “eu já sei”, diz: mas como é que tu sabe? digo: “eu já sei porque o senhor ensina os outros e os outros estão errando e eu acertando”, diz: “e geografia”, digo: “geografia eu sei toda eu comprei geografia lá na livraria com o dinheiro, e eu li a geografia e já sei”, e História? tava dando a história dos índios e de repente ele diz assim: “os índios contam até quatro e até um cair [...]Aí ele disse bah, quem é que te ensinou? Digo: “eu, o senhor tá ensinado para eles aí e eles tão errando”. Bom, aí quando ele diz assim que ia me ensinar as contas decimais, eu digo: “eu já sei”, digo: “então me faz, eu vou te botar uma conta e encima a varinha e se tu não fizer eu vou te passar a vara pra tu não ser metido”, eu digo: “ponha lá”,

aí dito, e eu larguei, cortar as vírgulas, [...] as casas, o maior divisor, e num estante eu fiz aquela conta, era meio dia, ele tinha uma parede que ele dividia a turma, mais atrasada dos adiantados, aí ele, quando eu terminei de fazer aquela conta, o Hostyn bateu com a varinha na mesa, diz: “esse préguinho que está aqui vai bater todo mundo, e vai para muito longe, não sabemos para onde, mas um dia vocês vão ouvir falar o nome dele” (*risos*), a minha primeira profecia na vida, e tu sabe o que aconteceu quando eu escrevi uma página de saudades do tempo de menino, eu escrevi a minha página numa noite de neve, na cidade de Nova Iorque, então (*risos*) tá li, tá escrito, você veja, é uma coisa que eu acentuo, porque eu tive a iniciativa de fazer as coisas, não precisou que me cutucassem, eu mesmo [...] muito bem, essa, eu acho que é um registro interessante. Saí lá em primeiro lugar o seu Pedro Wink lá de Palmeira, Pedro Wink, tio do Wilmar Wink, Pedro Wink, o seu Pedro Wink foi, disse pra mim, diz: “você deve ir para Porto Alegre”, eu digo: “então põe o meu nome aí que eu quero ir”, ele disse: “eu já botei Mozart Pereira Soares”, digo: “mas o senhor sabe o meu nome”, “sei porque fui eu que te registrei (*risos*) lá no cartório”, aí eu vim pra Porto Alegre, Porto Alegre tinha sete anos de ensino e eu, cheguei lá e tirei o maior prêmio, chamado prêmio de honra, e que ficava o retrato na parede, aluno distinto de 1929, tava lá, 1930, a Escola Instituto Pinheiro Machado, da Escola de Engenharia de Porto Alegre, no Morro Santana, em Porto Alegre. [...] Bandidagem, a minha escola, Instituto Pinheiro Machado, ensinava tudo, havia a cessão de agricultura, pecuária, onde aprendia, criar vaca de leite, criar abelhas, apicultura, eu fui aluno que aprendeu apicultura no colégio, e ali estavam as caixas de abelha [...] e eu dizia ah uma dia aquelas rudes colméias de oco de pau terão suas caixas racionais, que o pessoal chamava de Europa, e isso aconteceu hoje, hoje a apicultura está por toda a parte. [...] aprendia tudo, por exemplo: havia uma oficina mecânica, oficina gráfica, que com esse nome pomposo se reduzia à uma sala com tipos, tipos de compor, e que a gente recebia o texto do professor e pegava os tipos e fazia, imprimia, tirava, corrigia e tal, e imprimia um jornal chamado “O Campo”, o jornal tinha o título de “O Campo”, “O Campo” tinha num lado e noutro “O solo é a pátria, cultivá-lo é engrandecê-la, “O solo é a pátria, cultivá-lo é engrandecê-la”. Bom, o que mais que a gente aprendia, no inverno é bom a gente ia para a cozinha, onde a gente aprendia cozinhar, fazer o café, o café de cevada, esse café de cevada, não havia café pó, era cevada, encima dum enorme fogão, que fazia café para duzentas pessoas, a gente fazia o café pra todos, começa a nossa atividade para buscar nas pilhas de lenha, as lenhas para o fogão, botava no fogão direitinho e mais tarde a gente ia aprender as artes da enfermaria, a enfermaria, existia uma enfermeira que tinha vindo da Europa, chamada Anúncia Alquati, a Dona Anúncia quando os guris fugiam do trabalho, diziam que tavam doentes, ela dizia: “diz, vengá”, a gente vinha, ela pegava um purgante de óleo de rícino e dizia assim: “engula tudo sim cara feia”, e a gente botava uma [...] e esperava que o churriu viesse, e a gente borrava toda, se borrava todo. Depois ficava, a gente tinha alguma cárie e outra, ela usava um ferrinho com iodo e metia nas cáries, e a gente queria, dizia, mas porque é que nós não vamos tratar dos nossos dentes, e disse: “vocês vão lá agora no Instituto Borges de Medeiros”, o Morro Santana, ficava acima e embaixo tinha o Instituto Borges de Medeiros, então vinha uma dentista, quando ela olhou para os dentes, naquele tempo eu só tinha uma cárie, uma cáriezinha, ela olhou, ela olhou assim: “mas que dentadura linda que tu tem, bem parelinha”, e eu, pois é, mas a senhora não vai tratar dessa minha cárie? Diz: “não, nós não temos recurso”, mas digo: “por que a senhora está então me examinando”? diz: “é para estatística”, para estatística? “mas então sabe para que se a senhora não vai tratar”, então eu já botei uma bronca. Bom, no Instituto Pinheiro Machado, a gente aprendia outras coisas, plantar um jardim, onde o Orestes Boreli era o professor, os canteiros eram todos eles baseado, muito importante isso, isso é muito importante, sabe, é tão importante, que os canteiros eram todos de forma geométrica, começa que o círculo era dentro de um círculo perfeito e ali a gente aprendia o pi, 14, 16, depois o professor ensinava o triângulo, o

retângulo, a secante, a tangente, todas as coisas da geometria se aprendia na prática, no jardim, pena que fique [...] naquele tempo, ensinava geometria moderna, secante, co-secante, tangente, co-tangente, saudade do meu morro, onde se aprendia tudo, tudo Morro Santana, professor Orestes Boreli chegava pra lá e ia pra horta, e lá numa bacia onde havia um olho d'água, que era uma maravilha, água limpa tirava com o regador molhava aquela horta e o homem que ensinava horta era o seu João da horta. Dizia para nós: “a horta, essa água, é uma dádiva de Deus” (*risos*) “Uma dádiva de Deus”. Lá tinha plantação de pessegueiros, lugar de enxertia, fazíamos estacas de parreiras, e aquelas estacas de parreiras, a gente depois vendia no comércio, fazia renda para o colégio [...]. muita plantação de moranguinhos, morango. Havia um que nós chamávamos de Valdir olho de boi, Valdir, e o Valdir, quando capinava o canteiro de moranguinhos ele pegava um por um e atirava dentro d'água e, o João da horta olhando, quando chegava a hora de recolher ele mandava lavar a ferramenta, a ferramenta era lavada todos os dias né, ancinho, enxada, picão, tudo. E o Valdir olho de boi tinha tirado uma barbaridade de moranguinhos dentro das valetas, aí quando o João da horta mandava limpar tudo e guardar as ferramentas, dizia: “agora vamos embora”, e o Valdir pensava que ia pegar os moranguinhos, quando ele chegava lá não tinha nenhum, o João da horta tinha levado tudo para a família (*risos*). A mulher do João da horta [...]. Que mais que a gente aprendia lá! O jardim, o jardim, a grama de jardim, a gente cortava mudas e na hora de plantar, tinha que um que furava a grama, outro que botava a semente, o outro que acertava, tinha uma [...]

Transcrição da entrevista concedida por Mozart Pereira Soares a Vânia Maria Oliveira de Freitas. *Origens e características principais da família Soares*. Palmeira das Missões, 04.abr.2004. Fita 02.

Quando era para plantar o jardim, um furava, outro botava a mudinha, outro apertava e, havia então jardim por toda a parte. Havia uma, a rouparia, a rouparia era uma peça enorme, onde nós guardávamos os nossos pertences, a gente chegava e tirava a roupa toda [...] os sapatos, a gente pedia [...] só no inverno vocês vão usar tamancos, mas no verão é descalço, e tinha um areião grosso, um areião [...] a sola dos pés da gente ficava grossa, e eu dizia: “Mas como é isso?” “É isso mesmo, quando vocês botam o, [...]”. Vocês sabem porque o cavalo tem o casco duro, é porque ele trabalha na terra e aí por isso que os animais tem o casco, aí a gente ficava sabendo o que era o casco, e é muito importante saber isso, a unha é formada pelos pêlos, pêlos, o cabelo é oco, cada, cada fio de cabelo tem, é como se fosse uma pena [...] então é coberto de pontinhas, formando, chama-se epidermícolas, epidermícolas, quando a gente corta [...] corta assim, bem curtinho, aí forma o cantro do chapéu, o cantro é formado pelo fio de cabelo cortado bem curtinho, prensa, e ele prende, se fosse liso não grudava, até que a soga de crina, a crina do animal você, pega [...] forma o sovéu, sovéu é formado pelo cabelo torcido, e o cabelo das pessoas se enrola todo e gruda porque ele tem essa epidermícolas. [...] As estacas, fazia milhares de enxertos, de todos os tipos, enterrava, quando a gente media aquilo [...]. Ta tudo descrito, e ali por aquele livro que tu tem que ler, são três: *Tempo de piá*, *Meu verde morro*, vamos pegar ali ó, lê um pedacinho só para tu sentir o clima do livro. A beira do povo [...]. Em Palmeira, em Palmeira, quando nós fomos, fomos daqui do sítio para lá, fomos morar numa rua [...] a rua, e pertinho que vivia o seu Polidório, [...] o vizinho mais perto era o seu Polidório, elo de confiança entre nós, entre o povo, porque viera de fora e guardava os costumes da roça, como prova ali estava analisando a geometria dos alinhamentos, o seu rancho, o verde tranqüilo do potreiro, cheio de vacas e cavalos, e as lavouras de milho e de mandiocas, lá cuja sombra promessas de mogangos e melancias, o filho mais velho, casado, morava num chalé, do mesmo terreno [...] de vez em quando se exercitava em sua trompa, ou se punha a dar um brilho de espelho a superfície amarelada e fosca de seu instrumento. Na realidade só vim a ter noção da nobreza de seu ofício, quando a banda ali se pôs a tocar numa noite de baile (*risos*), aí deu aquela explosão [...] para nós que apenas conhecíamos os concertos de bugios e relinchos e mais propriamente, o solos de seriemas e sabiás, a música foi tão grande surpresa e encantamento que o alvoroço daquela revelação parece reviver com a mesma intensidade [...] mais de meio século depois, quase um século depois de agora, mudou [...]. A fascinação que foi aqueles instrumentos [...] estava longe da importância que adquiriram quando reunidos, na noite a suas [...] derramaram harmonias. Era um secreto comando a colocar em sintonia todos os gestos daquele ajuntamento, isso aqui é uma evocação.

Revolução: a palavra soturna, a revolução, não há outro batismo melhor, a palavra soturna, murmurada como um agouro pelo povo medrontado, era um vento arrastando as graças do Brasil, [...] dizia bem feito, foi premiado, a *Pastoral missioneira*, foi o primeiro prêmio chamado Ilha de Laytano, foi um prêmio, prêmio do melhor livro escrito em prosa no Rio Grande do Sul. [...] Esse aqui, seu Antônio Felipe, copo de caninha na mão, olhando os matutos que vinham das grotas para as tropas provisórias do governo [...] o que pegaram quando virem o gramofone, onde imaginar que uma pessoa miudinha lá dentro, ou quando pensarem que é Deus (*risos*). Seu Polidório solidário com eles abordado nos lírios do fundo dos olhos vermelhos, e como dizem saber se nunca viram um professor e mau o sabem o sinal da cruz [...] (*risos*). Num instante eles estavam ali, sofrendo a maior metamorfose da vida, abandonavam a miséria da paz e ingressavam no conforto da guerra (*risos*). Sai um pó da barba dar instruções para essa gente, mas tem que sair desse jeito não saber diferenciar o lado

direito do esquerdo. O capitão comandante do primeiro esquadrão solucionou, lindo ato, mandou atar uma palha no dedão do pé direito, e comandava: “pé com palha pé sem palha” (*risos*) [...]. Batalhão em direção a direita para que portão marcha a farda, as botinas ranhuradas, a tesoura e a navalha estavam operando milagres, em breve eles também eram gente, transfigurados para ordem unida, como os da linha de tiro, que coisa boa a guerra, viva a revolução, e viva o [...] do governo. Esse sentimento que dominava a maioria dos convocados para aquela sopa da ordenada hora certa, para aquele trabalinho que julgavam brinquedo, só os provisórios [...] aquela obrigação de [...] armas. De modo que aí já vemos o gênero do livro, Mangueira reiuna, Mangueira reiuna é lá na Febem, é uma mangueira que o meu pai construiu para reunir, fez casa lá, lá na Febem, uma casa, fez a mangueira, construiu um galpão, porque naquele tempo, como já ta dito aqui, de Santa Bárbara do Sul iam de carroça os mantimentos para Palmeira, os mantimentos comprados na civilização, só eles chegavam tarde, desenciliavam as tropas e o meu pai tinha feito, arrumado um bebedouro d’água e a noite eu ia ouvir os causos de saci, Boitatá, saci-pêrere, aquela coisa, mula-sem-cabeça, eu passava a noite ouvindo [...] Um dia o nosso colégio batendo tambor entrou na Igreja, eu achei uma profanação [...] dentro da Igreja, mais como, pois é [...] descansar armas com um toque de profanação [...] deu-me lições de ética, nosso ambiente até onde amistosidade de um abraço era coisa feia, amistosidade de um abraço era coisa feia, [...] conquista da cortesia, por último nos ensinou religião, e foi através dele que ficamos sabendo que os restos de catolicismo mesmo com o perfume de frasco quebrado pode embelezar uma vida inteira, somos [...] desta herança, debruçamos sobre todos nós, cheio de claridade todas as sextilhas [...] que ilumina e aquece a nossa estrada é uma escola de educação literária, escola de educação literária [...]

[...] No colégio de Porto Alegre João Winck nos dizia que nós íamos receber de tudo, roupas, livros, ordenado no fim do mês, cinema gratuito todos os sábados, temos também o batalhão de escoteiros, aos domingos fazemos excursões, acampamos e armamos as nossas barracas no morro, essa última palavra desconhecida em nosso vocabulário, pronunciada naquele sotaque citadino pelo João carregando [...] aquele sotaque, arrastando o “r” [...] rolante. Como aumentava a distância entre nós, porque a roda do povo numa sessão bem triste para a família, ficou estabelecido que venderiam a Estrela, minha vaca de leite, para conseguirmos os recursos necessários a viagem e uma reserva que eu deveria guardar durante os meses de ausência, meu ordenado deu para uma fatiota feita, comprada, pelo custo, na própria loja do patrão. Agora era só esperar o dia aprazado para a viagem que era.

[...] Porto Palme [...] No dia da partida, ao alvorecer passei então a viver uma verdadeira prezejada, dali em diante, então pouco tempo [...]. E no dia da partida, ao alvorecer, me despedi dos meus [...] um revirado de galinha para a viagem, que revirado de galinha, que coisa boa, já comeu isso? (“Já é bom”). Meu ordenado né [...]. de longe acompanhei a viagem que me tirou umas lágrimas na véspera, aguardei no barranco da estrada o caminhão que nos levaria a estrada de ferro, de longe acompanhei suas voltas a recolher passageiros [...] povoados, sobre as coxilhas sopradas pelo vento da madrugada, ainda luzia os restos de [...]. todos mansos humildes e serenos que a grande noite abrigara despertavam alegres para se atolarem no sol de mais um dia. E eu diante deles derrotado pela humilhação do exílio que iria começar em breve [...] que os passarinhos, as perdizes, os simples insetos do campo pelo menos não teriam que abandonar o rincão para viver [...] tão longe [...] entre gentes e terras estranhas.

[...] Névoa da manhã, o matiz da névoa da manhã, tivemos a verdadeira visão da vila missioneira dentro de nossos corações, também lentamente, começamos [...] a mergulhar no mundo das recordações. Ali se fechavam os horizontes dos campos nativos, da paisagem familiar, outros, mais outros visitantes se abriam a nossa frente e estamos ainda longe de

compreender que a vida consiste mesmo no abrir e fechar horizontes, que torna possível ao homem suportar os seus diálogos com o mundo.

Dá para se fazer uma iniciação, aprendizado literário bom, relendo várias vezes.

De tatu peludo, os velhos coronelões, caudilhos aposentados que escreviam numa posição disfarçada as moças da vila nova.

[...] Se mantinham vivas por algum milagre de bruxaria, mas as bruxas não perdiam nada e retribuía as da vila velha, parcela, parcela, era o erotismo, era ilusão o erotismo da vila [...] de possuir as raparigas, prostitutas.

Pastoral, Tempo de piá e Meu verde morro, com isso tu tens um panorama, um panorama daquele momento.

Vânia: O que eu vim conversar com o senhor Dr. Mozart, sobre o positivismo, o que o senhor teria para me dizer, sobre positivismo?

Mozart: Posso dizer, como não, (Isso que eu queria saber hoje) a ótimo! Bom o positivismo foi uma doutrina política social e religiosa, política e social e religiosa, fundada por Augusto Comte, o nome de Augusto Comte era François Xavier Isidoro, vou retificar: Isidoro François Xavier Comte, ele nasceu em 1898, e faleceu em 1857, nasceu em Montpiller numa aldeia ao sul da França e faleceu em Paris em 1857. Portanto ele não chegou a durar 60 anos, aliás as pessoas naquele tempo duravam pouco, raramente um homem passava dos 60 anos, que as conquistas da moradia, da alimentação, da vestimentação, tudo isso era precário, e portanto as pessoas tinham uma duração limitada, a vida foi se desenvolvendo cada vez mais, de modo que aquela idéia do Matusalém que durou muitos anos é uma idéia errônea, o homem cada vez dura mais com as conquistas das ciências, da política, da religião, tudo isso leva a desenvolver-se mais. O positivismo é uma doutrina que visa desenvolver o homem, desenvolver o homem, em todos os aspectos, desenvolver a inteligência, o sentimento e a cientificidade, de modo que a bondade do homem vai se desenvolvendo cada vez mais, há então um dileto [...] o homem é uma criatura que tende a se juntar de modo que a característica principal do homem é, reside no cérebro, antigamente pensava-se que o homem, que o sentimento, a inteligência, a atividade não residiam na cabeça, muitos pensavam que os sentimentos se localizam nos órgãos do corpo, como por exemplo no fígado, dão por exemplo o inimigo fidagal, o fígado desenvolvia-se no baço, o baço [...].

Vânia: O positivismo na sua vida foi muito marcante?

Mozart: Foi, na minha vida foi porque, foi muito marcante, mas agora continuo é preciso saber o que é o positivismo. O positivismo visava desenvolver o homem em todos os aspectos, o fundador dele, Augusto Comte, ele o Augusto Comte, pretendeu desenvolver o homem, não como antigamente pretendiam, havia uma idéia de que o homem devia se desenvolver como um animal se desenvolve, tinha uma idéia que se desenvolvesse nem deus nem rei, Augusto comte pretendeu desenvolver o homem não sem deus nem rei, mas com uma idéia de que o homem vai se [...].

A primeira professora do Augusto Comte, foi a sua própria mãe, aos nove anos ele ingressou na escola, foi para Paris, se matricular na escola politécnica, escola politécnica, eu tenho um livro.

Vânia: Gostaria de saber depois algumas bibliográficas do senhor, mas gostaria de saber se a sua vida foi muito regida pelo positivismo, eu vejo assim, não sei se o senhor concorda. Gostaria que o senhor falasse do positivismo na sua vida, como é que funcionou, como é que apareceu, surgiu na sua vida, como é que o senhor trabalhou essa questão?

Mozart: Muito bem, eu escrevi um livro sobre o positivismo (Positivismo no Rio Grande do Sul), Positivismo no Brasil, eu tenho um exemplar aqui que tu vai ler, porque ele tem tudo, lendo aquele livro, ficará sabendo, onde nasceu o positivismo, o que exerce, o que é o positivismo, o que é, que isso é importante. Então eu vou pegar aquele livro e te colocar na mão. Ele tá lá ó.

O positivismo é uma religião, e como uma religião, o positivismo ensina melhorar o homem, melhorar o homem, nas três funções que estão dentro da cabeça, que são o afeto, a inteligência e a atividade. Tudo se passa assim. Por exemplo, o sentimento faz com que a gente deseje, queira, sinta alguma coisa. A inteligência conhece o mundo [...] quando tu deseja alguma coisa manifesta o sentimento, o querer alguma coisa. O conjunto das nossas inclinações é o desejo, esse é o primeiro dos nossos impulsos [...], o sentimento está profundamente ligado a conservação do indivíduo. Então é, a gente tá ligado as [...]. como uma religião o positivismo organizou um templo, uma igreja, isso é aqui em Porto Alegre. Todos os domingos as dez horas da manhã, tá aberto, tem uma pessoa que explica o que é o positivismo, a fachada dela tá aqui, isso aqui é uma escada, que é composta de treze degraus, porque no calendário positivista o Augusto Comte estabeleceu um ano de treze meses exatos e 28 dias, que dá 364, bem, então não são doze meses, porque os meses foram nascendo numa casa, primeiro mês que se organizou foi o mês de janeiro, o janeiro, eram um Deus de duas pátrias, uma que era voltada para o passado e outra para o futuro, genus, daí deu janeiro, um mês para o passado e outro para o futuro, o segundo, o mês de fevereiro, como na Europa o mês de fevereiro cai no inverno é muito frio e dá muita febre, o mês foi chamado februari, fevereiro é o mês das febres, o março foi dedicado ao Deus da guerra, março. O abril era quando começava o ano, abria o ano, e quer dizer abril, é abril, era a primavera né. Maio era o maior dos meses todos tinha 36 dias, daí é o mês de marjo, marjo, o maior dos meses. Juno, é dedicado a esposa de Júpiter, que era o Deus que mandava no mundo, Júpiter Pantes, depois já vinha Julho, era o sétimo mês, o oito october, o nove november, dez december, e havia dois meses complementares, que fazia com que tivesse doze meses, por isso setembro era o sétimo mês, outubro era o oito, novembro era nove e dezembro era o dez, mas como [...], fazendo um cálculo, tem 1500 anos, havia uma diferença de calendário, entre calendário romano e o calendário gregoriano, 1500 anos havia uma diferença de dois meses no calendário, então aí no ano de 385, 385, chamado ano da confusão, o ano da confusão, acrescentava-se dois meses no calendário e por isso o sete ficou nove e o dez dezembro ficou doze, né, daí a diferença, setembro nove, nono mês, outubro é o oitavo mês, novembro é o décimo mês, dezembro é dez. Então isso aqui tá no calendário.

Vânia: E a entrada do Augusto Comte na sua vida, Dr. Mozart, como é que se deu?

Mozart: Esse templo, visite lá na Avenida João Pessoa. O mês é composto de quatro semanas, entretanto o mês tem 28 dias, cada mês é dedicado a um grande vulto da humanidade, assim o primeiro mês é dedicado a Moisés, Moisés, e aí vai até no bissexto de 364, o ano bissexto é de, no positivismo é de 365 dias, sobra um dia porque o ano normal é 364, o dia que sobra o Augusto Comte dedicou a mulher, considerada o melhor tipo da humanidade, superior ao homem em matéria de amor, de afeto, sentimento de, a mulher é mais inteligente do que o homem.

Vânia: E o senhor concorda?

Mozart: Concordo. Eu nasci de uma mulher que tinha todas as virtudes humanas, a criatura superior ao homem pela inteligência, pela bondade, [...] a mulher empreende mais do que pode, empreende mais do que pode, o coração da mulher, no próprio sono está esperto, o coração da mulher no próprio sono está esperto. Veja só como é que o Augusto Comte considerava a mulher: a mulher educou a humanidade, nós devemos tudo, o que de bom a humanidade tem devemos a mulher.

[...] É bom conhecer o segundo mês [...]. Cada dia é dedicado a um vulto eminente da humanidade, o catolicismo por exemplo considerou o calendário, o calendário do catolicismo só pensando no catolicismo, e o positivismo botou todos, de toda a humanidade. Então o calendário do positivismo é formado por 600 tipos eminentes, aos quais nos devemos o desenvolvimento da humanidade. Então, o positivismo pensando em toda a humanidade. Bom, como é que eu entrei no positivismo, eu tinha uma curiosidade, eu tinha uma

curiosidade por esse centro aqui que existe na João Pessoa, e um dia entrei lá, e fui saber o que é aquilo, e quando eu vi que aquilo era uma religião, que tinha como fundamento base o amor, o amor era o princípio, a ordem, a ordem e o progresso, Amor, Ordem e Progresso. O amor é o princípio, a ordem significa quem é positivista, aquela divisa da bandeira brasileira “Ordem e Progresso” não significa a ordem um, dois, três, quatro, cinco, seis, a ordem significa o conjunto de coisas que compõem o universo, a ordem universal, o conjunto de coisas que forma o universo amor por princípio, a ordem por base, é a base, a ordem por base e o progresso por fim, o progresso aqui no positivismo não quer dizer desenvolvimento material, mas quer dizer o desenvolvimento do sentimento da atividade, a expansão do homem em direção a unidade humana, unidade quer dizer conjunto de coisas que fazem com que a humanidade seja uma coisa só. O positivismo pretende que no futuro nós falemos uma língua só.

[...] Tinha um conjunto [...] poder levar lá no templo para tu ver que Augusto Comte dedicou para cada mês do ano um vulto eminente, primeiro Moisés, depois Homero, depois Aristóteles, e aí foi, eu escrevi um livro sobre Aristóteles né.

Vânia: A partir dali o positivismo regeu bastante a sua vida, teve muita influência?

Mozart: Bom, muito bem, quando eu fui para, terminei a minha primeira escola de técnicos rurais foi nomeado professor no Instituto Pinheiro Machado, no Morro Santana em Porto Alegre, e esse Instituto Pinheiro Machado, era dirigido por um homem que ensinava matemática, o positivismo conhece muito a matemática, aliás o Augusto Comte era um dos maiores matemáticos do mundo. Depois de desenvolver o meu estudo no Instituto Pinheiro Machado eu conheci um Palmeirense que veio a ser meu orientador do positivismo, filho do Dr. Frederico Westphalen, o Dr. Moisés Westphalen, cujas filhas estão lá em Porto Alegre, ele tem duas filhas que são muito minhas amigas. Moisés filho do Dr. Frederico morava em Palmeira, tu conhece aquela rua que passa pela CEEE? [...]. Bom, Moisés, filho do Dr. Frederico, ele namorou [...] uma Palmeirense chamada Cleci, Cleci. A Cleci era filha (...) dum parente da minha mãe, prima da minha mãe, prima da minha mãe, a mulher com quem o Moisés casou. O Moisés gostava muito de rosas (...) cultivou um jardim e, durante esse tempo em que ele namorou a Cleci, todos os dias que ele ia visitar levava uma rosa, levava uma rosa. [...] Foi a única namorada dele, então ele levava aquele (...). Quando nasceu a primeira filha ele botou o nome de Nina Rosa e depois todas as filhas de Moisés foram, ele botou o nome de Rosa.

Vânia: Ele que foi o seu orientador no positivismo?

Mozart: Ele foi o meu orientador, eu um dia conversando com ele (...), ele foi lecionar no Morro Santana, e lá ele se transformou em meu colega, e como ele viu que eu tinha uma curiosidade muito grande, e que eu lia bastante, e que sabia para o meu tempo de rapaz, eu uma pessoa culta, considerada [...] sábio do meu tempo. Aí o Moisés se interessou, “então vamos estudar”, aí eu comecei a dizer para ele como é que eu pensava que era o mundo e por mim mesmo eu encontrei o positivismo, e ele disse: “Mas essa doutrina que você está falando já existe, tá escrita”, eu digo: “mas aonde é que está?” “é a doutrina do positivismo de Augusto Comte”. Eu tenho o positivismo por mim mesmo, e ele ficou admirado, “como é que você chegou a essa idéia?” e eu digo: [...] e como é que alguém chegou? aí ele contou não é, mas o camarada que encontrou o positivismo era um gênio e eu era apenas uma pessoa comum, mas uma pessoa que tinha uma curiosidade muito grande e que atinava umas coisas rapidamente, aí ele ficou tão entusiasmado que começou a me lecionar, aí quando eu fui para essa Igreja aqui, encontrei lá uma pessoa chamada Salvador Petrutie, Petrutie. O Petrutie era um positivista, então resolveu a ensinar positivismo para mim e para um outro palmeirense que hoje é morto. Áureo Gonçalves Dias, que era sobrinho do grande poeta Gonçalves Dias, então foi meu colega junto no templo para estudar o positivismo com o Doutor Salvador Petrutie. Terminado o curso do positivismo eu fazendo outras coisas terminei, fiz um curso de

Técnico Agrícola, e fiz vários outros cursos e terminei fazendo o curso de advogado, fiz vários cursos. Depois fiz entre todos cursos que eu estudei desenvolvi [...] 25 especialidades, de modo que então, fui desenvolvendo, desenvolvendo, e quando eu formei essa idéia desse conjunto enciclopédico eu passei a ser professor de várias faculdades, eu lecionei 4 universidades, desenvolvi, estudei em muitos países, nos Estados Unidos, no México, no Peru, na Argentina fiz cursos, diversos tipos de cursos, 25 especialidades, durante o tempo de rapaz [...], aí terminei sendo professor, em várias faculdades, eu lecionei na Faculdade de Agronomia, de Veterinária, de [...] lecionei várias [...].

Vânia: E o positivismo em relação a Palmeira? Quando começa aparecer, a se formar o município de Palmeira, teve alguma contribuição, Palmeira teve uma ligação positivista?

Mozart: Porque, o Dr. Frederico Westphalen era positivista, o seu filho, o Moisés Westphalen também, havia um outro muito inteligente que se formou em engenharia, era o Dr. Paulo Westphalen, que deu o nome a um colégio lá na Palmeira. Esse Paulo Westphalen morreu com 34 anos, era casado com a sobrinha do Getúlio Vargas e morreu de tuberculose. Bom, Palmeira era o maior município do Rio Grande do Sul, tinha 15 mil e 600 quilômetros quadrados, era [...] parecia um [...].

Fita 03 -17-04-2004.

[...] produziu 57 municípios [...] desde Irai até os municípios modernos que tem em torno de Palmeira.

Vânia: E dentro desse processo do surgimento de municípios, teve políticos que apareceram nesse cenário?

Mozart: Políticos? Ah! Apareceram muitos [...] primeiro [...] foi o Dr. Frederico, Palmeira. [...] Porongos, ao sul de Santa Bárbara, desenvolveu-se muito e foi se desenvolvendo e apareceu lá um alemão nascido em [...], era chamado Maximiliano Beschoren, esse camarada trabalhava numa livraria importantíssima na Alemanha, mas resolveu fazer a América, como ele tinha, tinha um baú cheio de livros, que tinha desde o Goethe até os principais até os principais vultos da humanidade, revistas, tudo ele levava [...] onde ele fosse ele levava. E quando ele foi para a América ele levou toda aquela bibliografia. Chegando na Palmeira, ele pegou para criar um escravo que tinha sido corneteiro [...].

Moisés Westphalen, filho do Dr. Frederico, ele me deu a primeira idéia, e organizou um curso com o Dr. Salvador Petrutie, o Dr. Salvador Petrutie nos ensinou o positivismo através de um livro que está aqui, do Dr. Roubineau, aqui, o livro tá. Ensinou a mim e a um outro palmeirense que depois faleceu, aquele sobrinho do Gonçalves Dias [...]. O primeiro livro que o Augusto Comte escreveu foi 3 volumes, escreveu, depois [...] mais 4, depois mais ele matinou [...], era uma moça que estudou a obra do Augusto Comte e aqueles 3 volumes [...] ele reduziu a 2, ficou mais fácil entender, olha aqui ó, aqui está a moral positivista, as últimas idéias de Augusto Comte.

Vânia: [...] escrito sobre o positivismo alguma coisa de documentos, e coisas que recebia na época?

Mozart: [...] tem uma publicação de uma biblioteca, 500 obras [...]. A humanidade se representava por uma mulher, com filho, mulher de 30 anos com filho nos braços, representando não uma mulher, mas a mãe, porque a mãe é uma entidade superior a mulher, a mãe está[...].

ANEXO A3 – Entrevista 2

Transcrição da entrevista concedida por Oli Fernandes Soares da Costa a Vânia Maria Oliveira de Freitas, *Como se fosse meu pai*. Ijuí, 27.01.2007.

Nós estamos aqui em Ijuí no dia 27.01.2007 pelo turno da manhã para falar sobre Dr. Mozart, estamos com seu sobrinho Oli Fernandes Soares da Costa que tem muito a nos dizer devido a sua convivência muito grande com Dr. Mozart. Eu queria te dizer Oli que você pode ficar bem a vontade para falar sobre Dr. Mozart. Então, partindo diretamente para as perguntas que eu gostaria de te fazer. Em primeiro lugar eu te pergunto:

Vânia: Dr. Mozart é conhecido como um grande intelectual no Rio Grande do Sul, personagem que deu uma contribuição muito grande para o estado principalmente no ensino superior. Mas o que eu gostaria de saber de ti é: quem foi Mozart tio?

Oli: Mozart tio, foi uma pessoa luminosa nas nossas vidas (*emoção*), eu digo nossas vidas porque a influência dele foi sobre a família. Mozart era uma pessoa muito devotada a aquilo que ele denominava de “os seus,” ele tinha um carinho muito grande pela família e este valor ele fez ao longo de toda a sua existência, sempre presente, e nos estimulou, pois ele considerava dentro da sua doutrina filosófica como a família sendo a célula mais importante da sociedade, e ele além de pensar assim agiu isso, porque o carinho dele era enorme, era muito grande.

Como tio, ele era uma referência, era uma pessoa que detinha tanto deste sobrinho como dos demais, uma admiração muito grande, ele foi uma pessoa importante na nossa formação cultural, ele nos apoiou desde a fase da alfabetização (*emoção*) até o clímax da formação em nível superior. Foi uma pessoa que ao longo da vida teve aquela sua preocupação com educação não só exercitada em nível de pensamento, mas dotou isto com ação prática e nós hoje devemos grande parte da nossa formação, digamos assim, como conduta moral àquilo que ele pregou, aquilo que ele viveu, e aquilo que ele ensinou.

Vânia: Eu gostaria que a partir de agora você falasse sobre do Dr. Mozart na convivência do sítio?

Oli: o sítio era o refúgio dele, era o local onde ele revivia suas emoções de infância, era onde ele executava seus passeios e conversava com as árvores.

Vânia: O Dr. Mozart, no sítio, chegou a escrever livros?

Oli: Sim, eu lembro, lembro muito bem quando nós chegamos (*risos*) lá por volta de 1957, e que ele estava se preparando para defender as suas teses, em que ele no desconforto de uma cadeira, que ele mandou fazer ele andava procurando locais onde poder estudar onde poder se preparar para defender sua tese. Sobre livros: ele escreveu sobre *Júlio de Castilhos* boa parte foi escrita lá, ele escreveu sobre *Verdes urbanos rurais*, também escreveu lá, o *Santo Antônio* muito capítulos foram escritos lá mesmo, então a participação, como espaço que ele usou para se inspirar, ou mesmo para produzir, o sítio foi importante.

Vânia: Que lembrança você tem do Dr. Mozart como profissional?

Oli: A figura do professor Mozart se destaca como um educador de qualidades admiráveis, ele tinha uma capacidade de envolvimento em termos de tratamento dos assuntos que ele poderia abordar contigo muito grande, ele, creio que, a maior impressão, mais viva dele é indiscutivelmente como um educador, e profissionalmente a ação dele deu-se em campos já mais reduzidos e eu não tive um conhecimento maior, mas a vida dele basicamente foi em função da educação e da produção intelectual, então ele foi, por exemplo, sempre procurou me estimular, a que eu também me dedicasse a escrever, e me cobrou até bem próximo ao seu

final, alguma coisa que ele diz “ainda um dia tu escreverás”, diz “que tu reúnes condições para fazer isso” e foi procurando estimular, ele também foi uma pessoa no outro aspecto que se salientava na personalidade dele, um otimista e um grande entusiasmador das pessoas.

Vânia: Quem foi Dr. Mozart fora dos centros acadêmicos?

Oli: O professor Mozart, ele era uma pessoa que tinha uma necessidade grande do contato com as pessoas, ele amava entrar conversar, estar reunido, gostava muito disso, fazia parte da sua essência esse contato, então ele por exemplo a nível tanto de família como de amigos, ele gostava de participar de um churrasco, de dividir aqueles momentos a sua maneira, ele gostava de ver o povo reunido, as pessoas reunidas conversando embora muitas vezes ele não tivesse naquele ambiente ali em termos de participação direta mas ele gostava disso, desse contato, dessa vivência. Ele, digamos assim tinha uma grande capacidade, tinha digamos, uma grande preocupação, em participar dessas instituições que promoviam apoio às pessoas mais necessitadas **Mozart e o lado social?** Ele, digamos assim, era uma pessoa de uma capacidade de recepção do ser humano que era de, digamos, uma pessoa com a formação com a capacidade intelectual dele, ele acolhia todo mundo não importava a posição social e tinha digamos assim, uma admiração e um estímulo especialmente pelas crianças, pra ti veres ele, a alegria dele era no meio de crianças, ele sempre olhava aquilo ali e enxergava e dizia: “quem sabe que grande homem não está aqui na nossa frente”.

Vânia: Dr. Mozart em sua relação direta com o Município de Palmeira da Missões. Tratando especificamente na questão social: quando encontramos em seu arquivo, por exemplo, cartas recebidas de presidiários que o admiravam e aproveitavam a oportunidade para lhe pedirem auxílio?

Oli: Como foi dito antes ele era uma pessoa de um extra capacidade de se dedicar ao outro, ao próximo, ele fazia isso de modo extremamente natural, ele era capaz de se sacrificar a si pra auxiliar os outros, ele dividia o que tinha, diz “o que eu tenho dá pra mais um” vamos dividir simbolicamente usar um pão diz esse “pão eu não preciso de todo ele eu posso dividir com aquele que ta precisando que chegou ali e me pediu”, então ele por exemplo gostava muito de não com esse sentido que hoje a gente vê os esmoleiros parado nas ruas solicitando auxílio, mas ele gostava muito de auxiliar uns meninos que houve um época que aparecia muito que existirão muito que era os engraxates, então ele gostava de lustrar o sapato lustrava o sapato duas, três vezes pra poder ajudar e sempre fazia um recheio no pagamento dava uma gorjeta, ele ia no cinema, me lembro no tempo que existia o cinema ele dava uma gorjeta pra o lanterninha, isso era uma forma não digamos assim hipócrita de agir é aquilo saia dele espontaneamente assim, chegava no posto de gasolina sempre o frentista recebia uma gorjeta dele ele diz “não as pessoas merecem estímulos pelo seu trabalho quem sabe se isso aqui soma com o meu tem mais alguém que pensa que nem eu e vai juntando e vai melhorando um pouco o salário dele”, vai ajudando tem uma ação ele entendia o mundo assim, ele gostava de viver bem também, mas de que os outros também vivessem bem, isso deve ter uma relação muito grande com a própria infância dele e com a questão da doutrina positivista, na doutrina positivista, ele exercitou digamos a formação filosófica dele, ao pé da letra ele exercitou aquela vida ele foi um grande defensor da ética, ele, digamos assim, pela própria formação positivista e vem lá da história ele trabalhava em função da ética e da honestidade pode ser que tenha ocorrido desvios na aplicação prática dentro da história do Rio Grande, mas ele como pessoa defendeu isso e ensinou isso e praticou isso.

Vânia: na política: o que levou o Dr. Mozart a concorrer ao cargo de Prefeito de Palmeira de Missões, se na época você lembra se ele mencionou algum projeto específico para o Município?

Oli: Eu era muito novo naquela época ainda mas, digamos assim o que deve ter levado ele a concorrer foi o fato de poder diretamente contribuir com o município de Palmeira das Missões além de repente satisfazer alguma satisfação pessoal, atender alguma satisfação, algum desejo íntimo dele, porque ele criou-se naquele ambiente da Palmeira onde convivia quando gurizote no meio das grandes lideranças onde nós podemos citar a figura do Valzumiro Dutra que tem para alguns o tizar de sangue na sua trajetória e para outros o lado positivo que o professor Mozart via no Valzumiro Dutra que foi uma pessoa extremamente importante na administração e na política palmeirense e foi um homem e isso eu aprendi com ele que viveu ao seu tempo, porque aqueles a quem fazia oposição cometia os mesmos atos que ele também cometia, claro que nós não vamos justificar sangue com isso, porque inclusive eu lembro nesse aspecto o pavor que a minha mãe tinha daqueles tempos e que por também por informação dela e do próprio professor Mozart nos dizia como a mãe dela sofria, porque o tio o professor Mozart teve, digamos assim, um convívio duplo tanto com chimangos como maragatos, basta dizer que um grande amigo dele em Palmeira das Missões é alguém que teve origem em família maragata, que é Wilmar Winck de Souza de outro lado existe outro o filho do Coronel Valzumiro Dutra, que é o Dr. Plínio Dutra falecido também que foi um grande amigo dele também, ele conviveu nesse ambiente, teve sua infância sendo que a família da mãe dele era das mais tradicionais maragatos de Palmeira das Missões e a família do pai do avô dele era um líder chimango, politicamente a influência foi do Dr. Mozart foi do Valzumiro Dutra.

Vânia: Tu lembras como é que o Dr. Mozart reagiu em relação quando ele não se elegeu, ele comentou ao longo dos anos como foi essa experiência, o que marcou pra ele, ele chegou a comentar, isso contigo?

Oli: Ele foi uma pessoa que suportou os maiores reveses da vida com estoicismo fenomenal, ele experimentou perdas muito grandes do lado pessoal e digamos assim esta derrota pra ele deve ter influenciado mas ele administrou muito bem e diz: “dei a minha contribuição”, porque aquilo foi no momento o que nós temos que entender é o momento histórico em que se vivia naquele momento o país reagia a parte da nossa população reagia contra a opressão, a dominação, e a falta de expressão e ele foi desafiado a prestar a sua contribuição, ele sabia que ia pra o sacrifício diz: ‘eu não tenho a vivência que esses meus próprios companheiros’ ele concorreu numa sub-legenda, ele não dispunha de estrutura nenhuma, não tinha nenhum cacique junto com ele foi uma demonstração de coragem e digamos assim de responder a aquilo que ele dizia, que ele falava com um ato prático e ele entregou-se a isso nós na família na época a esposa dele a tia Tereca foi uma oposição brutal, porque eu pessoalmente achava digo tio isso é um sacrifício que o senhor vai fazer, o senhor vai se entregar num ambiente que o senhor não tem vivência, não tem estrutura, não tem quadro atrás, sabe o que ele fez, ele disse: *(risos)* “foi o mais anti-político que teve” chegavam as pessoas oferecendo votos pra ele, desde que ele desse tanto ele reagia diz “meu amigo o senhor pode levar esse seu voto pra quem lhe ofereça o que o senhor tá pedindo, porque o seu eu não preciso eu quero aqueles votos em que as pessoas acreditem em mim”, é postura, isso é ser anti-político, porque o que o político faz? Ele vai ter que tratar esse assunto, procurar fazer um despiste, mais ele não ele se empolgava e ia em frente e não foi nenhum, nem dois isso é uma prática que tava ali, então ele sabia que concorria e além disso dentro do próprio partido havia segmentos como se não bastassem os candidatos de oposição, mais aquela subdivisão e oposição interna, mas ele foi digamos assim para responder aos apelos que recebeu e para tornar um ato prático aquilo que ele pensava.

Vânia: Dr. Mozart Secretário de Cultura de Palmeira das Missões.

Oli: No meu modo de ver o professor Mozart como Secretário de Cultura ele não realizou a tarefa que estaria ao seu..., que ele teria condições, e isso foi motivo de uma pergunta uma vez, de uma avaliação que nós fizemos, porque nós tínhamos um diálogo muito intenso, tínhamos uma proximidade bastante grande e uma vivência que embora eu tenho o meu pai vivo e está presente hoje, estava no sítio também, mas digamos assim pra dá o grau de aproximação que a gente tinha era uma relação praticamente de pai pra filho com o tio, eu tinha a liberdade que muitos as vezes não chegavam a ter e nós conversamos francamente sobre tudo na vida e aí nós chegamos um dia e comentamos sobre a passagem dele sobre a Secretaria da Cultura ele me disse: diz “eu cheguei imbuído das melhores idéias para poder executar um programa que alçasse Palmeira especialmente no aspecto cultural ao nível das melhores cidades do Rio Grande do Sul, mas a realidade foi dura não havia dinheiro para nada, tudo que nós tentássemos mexer havia o empecilho da falta de recursos” e aí ele se singiu aquilo que estava lá e emprestou o nome dele para ajudar a administração e a experiência que ele tinha e prestígio também era inegável que ele existia, porque o professor Mozart era um grande administrador, voltando aquela tua pergunta lá de trás dos aspectos. O professor Mozart, quando foi Diretor da Faculdade de Agronomia e Veterinária foi um dos melhores Diretores que aconteceu lá, sendo Veterinário isso dito pelos meus professores da Agronomia e por ex-diretores diz “o professor Mozart foi dos melhores diretores que nós tivemos nos últimos anos da UFRGS”, ele conseguiu estabelecer convênios, contatos, em função dos contatos que ele tem contatos pelo Brasil todo, ele conseguiu trazer aportes de recursos de instituições e teve um momento também que a história da Agronomia e da Veterinária do Rio Grande do Sul tavam passando e que ele também soube muito bem aproveitar então o professor Mozart era um grande administrador e ele queria trazer isto porque uma certa feita também dentro dessas nossas aproximações e conversas que nós tivemos a gente chegou e questionou digamos assim a sua vivência, o seu conhecimento da máquina como é que o senhor vai entrar numa prefeitura pra montar esse quadro diz “não mas eu no aspecto administrativo eu me garanto, porque eu já tenho uma experiência que me autoriza a falar isso”, ele foi Superintendente dentro daqueles estudos, dentro daquela contribuição que ele deu a cultura do Rio Grande do Sul acho que uma muito importante também Vânia que pode ser ressaltada é a contribuição que ele deu a Ensino Médio técnico do Estado, ele foi um dos idealizadores de um programa que casualmente hoje numa emissora de Ijuí eu ouvi um relato de um professor que dizendo que foi o melhor programa que ouve já formulado pro ensino rural do estado foi daquela época em 1954 que foi quando ele estava na Superintendência, ele foi de 52 foi o melhor programa e de fato porque aquele programa atendia as necessidades da comunidade rural, ele ouvia a comunidade, ele não impunha um currículo de fora e trazia uma outra coisa que era a qualificação do nosso homem, porque nós como economia, como povo, vocês que são educadores só vamos conseguir calcar uma evolução social melhor e ter uma posição econômica, sólida se nós tivermos preparo, se nós tivermos gente, que saiba fazer, gente que saiba pesquisar e mais ainda preparar a mulher também, porque ele foi o criador das escolas técnicas aquelas domésticas, na superintendência foi com ele e ele disse “foi minha idéia” e ele nesse aspecto tinha uma admiração formidável, fantástica pelas mulheres e pelo papel das mulheres dentro da sociedade mas acho que voltando também as contribuições para Palmeira, que eu acho que deve ser citado é a participação que ele teve de forma relevante na fundação e na organização daquele que é considerado hoje um dos maiores festivais da música nativista do estado pra gente lembrar e ser fiel a história na oportunidade em que surgiu uma preocupação dentro de Palmeira das Missões para se ter um empreendimento ou um evento que mobilizasse a comunidade e tivesse repercussão além da cidade o professor Mozart foi sondado por pessoas como Wilmar Winck, Lourenço Ardenghi que era o prefeito da época e Hermes Garcia dos Santos sobre o que fazer em termos de programação e aí diz ele: ele contava isso com uma propriedade muito

interessante, nos perguntaram quando diz ele, que o Lourenço Ardenghi perguntou pra ele quando que nós podemos fazer uma coisa que tenha uma dimensão que extrapole e mobilize além de Palmeira das Missões e ele disse: “o ontem já passou, o amanhã ainda não chegou o dia é hoje é agora” e assim foi dado o ponta pé inicial, para a criação do Carijo, indispensável dentro disso foi a disposição da prefeitura através do prefeito, que queria mobilizar a sua comunidade não sabia como o secretário que era o Hermes no caso que fez a parte de mobilização e o respaldo que seria da figura da intelectualidade da Palmeira através do Wilmar Winch, digamos assim, da intelectualidade vivente na Palmeira porque o professor Mozart sempre foi um intelectual de Palmeira das Missões mas numa dimensão que passava das nossas fronteiras e ele através das suas relações, porque uma coisa que sempre me chamou atenção foi a grandiosidade com que nasceu o carijo. O carijo nasceu com uma estrutura e com uma presença das figuras mais notáveis da cultura gaúcha e certa feita eu também fiz essa pergunta esse comentário ao nosso querido tio e ele nos disse: “bom, tu deves saber que eu sou uma pessoa que tenho um grande trânsito dentro desse meio minhas relações são por todo o Rio Grande do Sul diz então entrei em contato especialmente com o Dr. Eduardo de Grassi que foi quem colocou digamos assim a estrutura do Estado para trabalhar, não é para mobilizar, aquelas figuras que estão dentro do nosso universo vinculados a área e nisso aqui também dentro do carijo é importante dizer a contribuição que Uruguaiana deu através da Califórnia. Colmar Duarte que eu vim saber é um grande amigo dele, era um grande amigo que hoje é uma pessoa que está aí recebendo prêmio da nossa Assembléia ele auxiliou, dedicou tempo e experiência, contribuiu pra organização do Carijo e aí o Carijo veio com toda aquela força que tem até hoje e onde o nosso professor como diz uma música do Jorge Freitas é um dos pais do Carijo.

Vânia: Oli, eu gostaria de saber, o que tu recordas da relação do Dr. Mozart com ex-governador do Estado Leonel de Moura Brizola?

Oli: Bom. As referências que ele fazia ao nosso antigo governador Leonel Brizola eram muito, digamos assim, ele admirava muito o Brizola e, contava, contava-nos aquela convivência que ambos tiveram na escola Técnica de Agricultura de Viamão, onde o professor Mozart era um jovem professor, estava chegando né, e lá apareceu aquele aluno oriundo de Carazinho, e que tinha uma grande vocação para a oratória, e tinha um sentido de liderança muito grande e ele percebeu isso, e se aproximaram e ele estimulou esse aluno e aí começou o início do contato entre eles, posteriormente quando Leonel Brizola, o professor Mozart tinha uma vivência política dentro do antigo PTB, ele foi segundo ele nos conta, foi um dos fundadores da ala moça do PTB que foi a responsável pela primeira eleição do Leonel Brizola e ele era o coordenador, basta dizer que tem uma foto ainda que eu acho que no Santo Antônio esta presente que o Brizola após eleito foi fazer uma visita na Escola de Agricultura de Viamão, onde aparece todo o quadro de alunos e professores e o professor Mozart ta juntamente com Brizola nessa foto, mas depois quando Brizola teve sua carreira política ascendente chegou ao governo do Estado, ele continuou participando dentro do partido, do antigo PTB, e tinha uma relação digamos assim, Brizola tinha, segundo conta o professor, tinha uma admiração, tinha, prezava esse relacionamento, por ocasião do falecimento da Taninha a Neuza Brizola que era esposa do governador, que estava aqui, que o Brizola não estava naquela época, a Neuza compareceu a missa e levou as condolências por aquela passagem, que foi extremamente traumática tanto para o tio quanto para a tia, e o Brizola em muitas oportunidades quando estava de passagem pelo Rio Grande do Sul dava o acaso deles se encontrarem no aeroporto ou outra coisa e conseguia identificar que o professor tava lá ele ia ao encontro dele saudava então eles tinham, digamos assim uma relação mais do que amistosa ou simplesmente formal, eles tinham, havia uma relação de mútuo respeito, de proximidade eu não sei, mas havia respeito e admiração mútuos e que não era simplesmente

digamos assim, protocolar, era, vinha de dentro, e digamos assim ele admirou muito a carreira do Brizola, o posicionamento dele e as posições que ele defendeu, só que agora no fim ele não tava muito de acordo com que o Leonel estava fazendo.

Vânia: Aspectos Econômicos: Observa-se através da obra Santo Antônio da Palmeira que Dr. Mozart abordava os assuntos relacionados com a erva-mate como fator primordial para a economia de Palmeira das Missões. Como você vê essa preocupação por parte de Dr. Mozart?

Oli: Bom, ele teve uma preocupação muito grande acho que no início da sua formação como técnico, por que o professor Mozart antes de mais nada ele é técnico rural, ele formou-se em Viamão, então ele tinha uma, esse seu veio, essa sua identificação com o lado da agronomia está aí, porque ele é, profissionalmente formado ele é médico veterinário, mas foi um homem que teve dentro da sua formação universalista né, ele dominava muita coisa da agronomia, então ele no início ele deu aula de poda na sua atividade lecionou até fruticultura na ETA, e tinha então essa identificação com na área além da veterinária tinha com a agronomia e ele empreendeu alguma atividade, ele tentou estabelecer convênios com o antigo instituto nacional do Mate para desenvolver variedades, selecionar variedades, e procurou estimular em Palmeira que houvesse já em anos muito antigos uma preocupação com a qualidade do produto, mas ele não teve resposta dentro da comunidade, porque o pessoal achava que já tinha uma erva boa, que não precisava melhorar o que tinha, e hoje há parece que uma busca nesse sentido, há pessoas sentindo lá, empresas que estão descobrindo que nós podemos sempre agregar valor e qualidade ao produto, mas digamos isto foi uma experiência mais antiga, e como atividade econômica, digamos, como ele era uma pessoa voltada para a educação, digamos assim, o seu efeito a sua contribuição foi de modo indireto, a grande, digamos assim, alavanca que ele plantou em Palmeira foi a escola técnica, escola agrícola Celeste Gobatto, que a partir dali nós temos milhares de profissionais que estão hoje agindo no Rio Grande do Sul e no Mato Grosso, pelo Brasil todo, da para dizer que tem gente que ali se formou, praticamente de ponta a ponta no Brasil, então esse é um efeito, digamos assim que é o investimento em educação proporcionou, que foi a contribuição que ele deu foi o estabelecimento da Celeste Gobatto em Palmeira das Missões, assim como existe uma rede de escola, escola de Frederico Westphalen e outras que ele também contribuiu nos estudos para determinação de locais e criação do próprio programa para fazer com que essas escolas existissem, outro sentido econômico eu não traria presente, digamos assim.

Vânia. Ambiental: Qual foi a maior preocupação do Dr Mozart com o meio ambiente, principalmente no que se refere à região de Palmeira? Já que, no sítio, observa-se uma grande preocupação em preservar os aspectos naturais do meio ambiente.

Oli: Ele dizia que nós teríamos que nos acordar para procurar a vocação natural da nossa região, e o que seria essa vocação natural, nós fizemos uma agressão muito grande com o desmatamento ele entendia, é uma mensagem que ele deixou que nos deveríamos procurar florestar aquilo que nós havíamos destruído, ultimamente ele teve uma contribuição que ele até trouxe à público num artigo que era sobre qualidade de água, a água da Palmeira e os cuidados que aquelas pessoas que tem propriedade que margeiam as fontes de abastecimento deveriam se preocupar, então até com uma visão futurista, em que essas pessoas deveriam receber uma bonificação para evitar a mobilização dessas áreas que não tivessem aquela adequação para o estabelecimento de lavouras anuais e como um todo ele não só dentro de Palmeira ele procurou fazer com que nós tivéssemos uma agricultura, pelos menos ensinou, uma agricultura menos dependente dos venenos, que nós tivéssemos caminhos alternativos, isso como filosofia de ação, e que tínhamos que reduzir esses impactos ao máximo, claro que enxergava que havia junto disso uma realidade, uma realidade de produção, uma realidade da necessidade da produção de alimentos, que tinha que ser atendido, mas que com nossa

especialização, com a nossa melhoria de produtividade, nós deveríamos nos preocupar em oferecer, não só aquela quantidade de alimentos, mas alimentos com qualidade, e dentro do sítio ele procurou sempre preservar a cobertura florística natural e isso quer dizer manter aquelas árvores que lá estão, manter a mata nativa como ela está, e procurar digamos assim incrementar algum aspecto produtivo havia uma idéia de se fazer um estabelecimento de ervais lá que é uma coisa que ele diz “Palmeira também pode voltar a plantar sua erva” para ter como uma atividade econômica menos sujeita a oscilações de clima porque é uma cultura perene é um elemento que está estabelecido no solo e tem uma longevidade de aplicação e que nós desenvolvêssemos a industrialização processo de industrialização, contatos por exemplo como para ver o que a Argentina faz para seus ervais, como é que ela trata, que os argentinos tem algumas peculiaridades eles por exemplo são menos agressivos ao meio ambiente, porque nós temos uma tecnologia rudimentar, em termos de secagem da erva, os argentinos estão com algumas evoluções, então ele disse, “nós temos que buscar, temos que procurar essas técnicas”, e, digamos assim ele associava também pecuária junto, achava importante que nós deveríamos pela própria formação, que nós deveríamos ter, como de fato, que uma propriedade precisa ter diversas fontes de renda para evitar, digamos assim, concentrar num aspecto só toda a expectativa de rendimento da uma seca na lavoura você não tem por onde sair, agora se tu tiveres uma vaquinha, se tu tiveres tu podes produzir o leite ah ele era um grande fã do leite, da produção de leite, então até foi uma das razões para o sítio se manter, não é, em função do seu tamanho foi a atividade de gado leiteiro que foi importante numa certa fase da nossa vida lá, dentro do sítio.

Vânia: A questão do Dr. Mozart e sua relação com os amigos. Se puder chegar até a questão do Erico Verissimo.

Oli: Bom, os amigos, o contato e a fraternidade eram a marca dele, ele era uma pessoa que dizia, aquele que tiver um amigo, tem meio caminho andado, ele dizia, as amizades foram importantes na vida dele, claro que além do aspecto pessoal, da sua qualificação profissional, da sua qualificação pessoal, a pessoa também precisa de ter amigos, os amigos são importantes, em muitas horas da vida, o que a gente pode destacar, alguns que se conhece, porque não podemos cometer injustiças de não citar outros, eu por exemplo tive hoje analisando os contatos e as oportunidades que o convívio me proporcionou fico lembrando de pessoas assim extremamente importantes dentro da cultura e que a gente tinha acesso tinha contato se eram por exemplo aqueles amigos da estância da poesia crioula, que se ia lá aos domingos, lá para o lado de Gravataí, fazer churrascos, então era um grupo de grandes pessoas, ele falava muito em Gevaldino Ferreira, que eu conheci, ele tinha um amigo que o professor Mozart parava para ouvi-lo de tão bom orador que ele era, Moacir Santana, Moacir Santana foi uma pessoa de uma vida que eu não conhecia muitos detalhes, mas o que eu ouvia dele ele era declamador ele era orador emérito, era um fidalgo com as damas, então o professor Mozart também teve em Palmeira das Missões uma afeição muito grande e era recíproca com o Wilmar Wink de Souza, que embora fosse um pouco mais novo do que ele, eles conviveram na mocidade, mocidade para um e a pré-adolescência para outro, e estabeleceram uma relação de cordialidade impressionante, que até hoje, que até os últimos dias se manteve, e ele tinha também uma grande admiração pelo coronel Valzumiro Dutra, onde ele estudou no Santo Antonio da Palmeira a participação dele como autoridade pública, como elemento que dominou o cenário Palmeirense em determinada época, cenário político de Palmeira das Missões, ele tinha pelo Érico Verissimo uma grande admiração e o Erico Verissimo tinha uma disciplina, que em determinado dia da semana, se não me engano quinta-feira, ele dedicava para conversar com as pessoas então qualquer um que soubesse disso e tivesse coragem poderia ir falar com Erico Verissimo, ele recebia na casa dele, eu digo tivesse coragem, porque eu não tive essa coragem, eu fui desafiado certa feita pelo tio, diz “não

vamos visitar o Erico Verissimo” e aí ele me fez uma pergunta que me deixou extremamente embaraçado, “tu já leste algum livro dele?” Disse, e eu não havia lido, digo mas se eu chego lá e o homem me pergunta uma história, como é que eu vou fazer para sair dessa mas ele habitualmente conversava com Erico Verissimo e tinha uma, digamos dentro desse quadro, mas isso evoluiu mais do que esse quadro de receber porque o Erico Verissimo em determinada oportunidade quando estava sendo feita a reedição de um trabalho dele, o Erico Verissimo convidou pessoalmente ao professor Mozart para que ele participasse da obra elaborando aquele prefácio, e porque dizia o professor Mozart que o Erico Verissimo havia dito para ele, que a pessoa que melhor havia captado o papel da mulher nas obras do Erico Verissimo era o professor Mozart com o trabalho que ele fez, então até o tio nos dizia, o Erico me convidou, eu vou entrar para a história com esse livro e quero te levar junto vem comigo, faz esse prefácio então esse é um fato pitoresco desse relacionamento. Digamos, outros fatos eu não saberia. Mas eu lembro também que havia um certo contato que houve certa época que até a dona Tereca esposa dele freqüentava isso, que ela se referia a esposa, dona Mafalda, se referia a esposa do Erico Verissimo, e também quando era guri o Luis Fernando Verissimo, então até ele disse que o Erico era muito preocupado com o Luis Fernando, isso o próprio Luis Fernando disse num trabalho que ele andou publicando em certa oportunidade, ele era muito cisudo, muito sério, e o pessoal achava que ele tinha alguma dificuldade e depois que o pai se foi ele desabrochou também, aquela sombra devia de causar algum problema.

Vânia : O significado da Tereca na vida do Dr. Mozart?

Oli: Bom, dá para dizer que o Dr Mozart teve dois amores na vida, a Palmeira e a dona Tereca, ele era um apaixonado por ela, e ela também certamente correspondia isto, porque agente teve inúmeras, inúmeras oportunidades de ver isso, em momentos decisivos, a preocupação que ela tinha, só para te contar um detalhe, ela estava nos seus últimos dias de vida estava hospitalizada, e eu fui a Porto Alegre para acompanhá-los e na realidade o meu encaminhamento era para acompanhá-la, porque ela estava hospitalizada, e ela me disse assim: “Oli, tu me deixa eu aqui que eu estou atendida aqui no hospital pelas enfermeiras que estão comigo, vai atender o Mozart”, porque o tio havia sofrido uma isquemia, ele não estava ainda plenamente recuperado, e ela estava mais preocupada com ele, ela, digamos assim, numa situação de uma doença terminal, não é, e preocupada com ele, com o bem estar dele, e me pediu, disse, “atende o Mozart porque eu aqui to bem, e ele lá vai estar em casa mas precisa de um atendimento melhor,” então, e a figura dele, assim digamos, a figura dela, ele mesmo reconhecia, diz “a Tereca foi o meu sal na vida, ela temperava as coisas e ela era um tronco de solidariedade, ela era uma pessoa de dedicação extrema, não é, ela quando era amiga era uma coisa fantástica, e ela tinha um espírito solidário também extremamente importante, digamos a vocação dela se ela não fosse, digamos, tivesse a oportunidade de desenvolver alguma vocação, ela seria uma grande enfermeira, porque ela era, ela era uma pessoa que sabia atender naqueles momentos que a gente as vezes precisa de solidariedade, ela estava sempre presente. Ela era muito dura, ela tinha, digamos assim, muito inflexível na sua conduta, mas tinha um lado doce, e era digamos assim, se davam muito bem tinham aquele relacionamento que todos os casais tem, tem seus momentos de altos e baixo, mas o sentimento que unia era muito grande, e ela foi uma pessoa extremamente importante, ele mesmo dizia: diz “eu se não fosse a Tereca, não sei o que seria de mim” porque ela era o lado prático e organização das coisas, não é, e ela então fazia o contraponto o intelectual aquele que vivia perdido vagando, divagando pelo universo e ela tava aqui com os pés no chão puxando os freios e administrando as coisas pra poder dá certo e esse entendimento sempre houve, inclusive aquele poema que tem no Erva-cancheada o Flete-negro eu sempre olho e vejo aquilo como uma homenagem a ela.

Vânia: Depois do lançamento da 2.ed. de Santo Antonio da Palmeira em 2004, houve mais um lançamento de algum livro Mangueira Reiuna?

Oli: foi publicado só que nós não conseguimos assim levar ele mais longe, mesmo porque de repente teria que ver em termos de qualidade, o que ele apresentava aquilo foi uma publicação mais com o objetivo de trazer algum sentido pra ele, porque ele tinha um apego muito grande por aqueles escritos e sempre, não teve oportunidade de publicar e ele estava vivendo um momento emocional havia perdido a dona Tereca e que as coisas estavam perdendo sentido pra ele, nós entendemos isso e procuramos junto com os amigos, pessoal da editora e Cheuiche, entendemos por fazer essa publicação, mas ele não pode ir na Feira para o lançamento, teve que ser hospitalizado naquela semana e aí não teve aquela repercussão.

Vânia: Observamos que Dr. Mozart quando faleceu não foi tão referenciado como merecia (meu ponto de vista, talvez você não concorde), tendo em vista tudo o que ele fez por Palmeira, o que foi principalmente encontrado em seus escritos: Qual é a tua opinião sobre isto?

Oli: [...] mas esse é um fato que só o tempo vai nos explicar, não é, e digamos assim não vai contribuir para aumentar ou diminuir a importância dele em função do que ele fez, porque basta dizer que ele é uma pessoa que fez toda a sua vida profissional e sua vida intelectual extra Palmeira das Missões, mas nunca deixou de voltar a Palmeira e seus últimos dias passaram-se em Palmeira e seu, digamos assim, a sua, seu encontro com a posteridade, dar-se-á através do solo de Palmeira, então esse eu acho que eu considero das personalidades que tiveram que passaram por Palmeira, que tiveram nome, o que distingue dele é esse, é que ele voltou a sua terra ainda.

Vânia: Oli, você gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o Dr. Mozart para encerrar essa entrevista?

Oli: Vânia, eu acho que antes de mais nada o que eu não posso deixar de dizer da satisfação e da alegria que eu tive em procurar colaborar contigo neste trabalho porque eu considero ele uma felicidade ímpar, tu tiveste a oportunidade de conversar com ele sobre o trabalho então colhestes algumas informações que ninguém jamais terá a oportunidade de fazer, creio que é um trabalho extremamente importante para nós começarmos a conhecer um pouco mais dessa figura que foi, que nós a nossa visão está turvada pelo lado emocional porque ele como tenho dito para muitas pessoas, eu tive um privilégio, alguém já havia me dito isso, não é criação minha, eu tive o privilégio de conviver com uma pessoa do porte dele e muitas vezes de repente não consegui enxergar a dimensão mas eu tenho consciência que especialmente nos últimos tempos com a maturidade e com a vivência, eu pude ir percebendo do papel e do valor intelectual que ele tem, me distanciando desse lado emocional, porque a gente houve as pessoas também pessoas com qualificação, com informações e com conhecimento dizendo disto e mais creio que, mesmo uma pessoa assim necessita de um estudo e de um aprofundamento das suas atividades como um trabalho orientado e com essa profundidade como tu estás fazendo, eu acho que eu da minha parte considero extremamente elogioso e creio que é um bom material e com uma pessoa que teve uma oportunidade ímpar para fazer, eu te cumprimento por isso agradeço em nome da família, da família de sangue porque tu também participas por aproximação e creio que vai ser um documento que vai contribuir para que ele seja melhor entendido, compreendido e entendido.

ANEXO A4 – Entrevista 3

Transcrição da entrevista concedida por Wilmar Winck de Souza a Vânia Maria Oliveira de Freitas, *Amigos para sempre*. Palmeira das Missões, 24. fev.2007.

Vânia: Estamos em Palmeira das Missões, hoje dia 24 de fevereiro de 2007, no turno da tarde para entrevistar um grande amigo do Dr. Mozart Pereira Soares, que é o objeto da minha tese de doutorado, Eu gostaria de dizer ao seu Wilmar Wink de Souza, que pode ficar bem a vontade para responder as seguintes questões:

Desde quando o senhor conhece o Dr Mozart? Fale um pouco das origens do Dr. Mozart e sobre sua amizade com ele, eu sei que tem uma diferença grande de idade, mas sei também que o senhor sabe muito sobre as origens do Dr. Mozart, em fim.

Wilmar: É realmente eu fico muito a vontade para falar sobre a pessoa do Dr. Mozart que, eu conheço desde que lembro das coisas, eu lembro já dele, começa que ele era íntimo amigo de um tio meu, estudaram juntos no colégio agrícola lá no morro em Porto Alegre e eram muito amigos, finado João, então através do meu tio naturalmente eu já começando o ginásio, rapazinho, antes disso mesmo, no tempo de escola primária na Palmeira já convivia com o Dr. Mozart que vinha visitar o meu tio e o amigo etc.. e nossos laços de amizades são muito profundos porque ele vem dos nossos ancestrais. O avô paterno do Dr. Mozart era compadre do meu avô materno e era uma duma amizade daquelas amizade antiga, e que o compadre parece que vinha fazer parte da família, então daí a nossa ligação muito grande em que pese nossa diferença de idade porque através do calendário eu sou quase onze anos mais novo do que ele, ele nasceu 915 e eu sou de 26, mas isso não impediu que nós estreitasse mais ainda a nossa amizade depois que eu deixei o colégio vim residir na Palmeira que é a minha terra natal, e ele naturalmente todos os verão passava aqui no sítio as férias, agora por último aposentado, mas antes quando tinha atividades ele passava o verão aqui e nós sempre estávamos por lá volta e meia fazendo um churrasquinho, tomando um mate e conversando, de sorte que Dr. Mozart que foi um menino na Palmeira vendedor de jornal porque era descendente de família relativamente modesta, andou por aí pelas ruas de pé descalço, no tempo que a Palmeira não tinha nenhuma pedra de calçamento, isso eu lembro porque eu também conheci a Palmeira sem nem uma pedra de calçamento, de puro chão, de formas que se fez um homem intelectual, que nós conhecemos, pela vocação que teve pelas letras, e uma criatura humana extraordinária, bondosa, extraordinária mesmo, e se fez acompanhar de sua esposa, a nossa querida amiga e saudosa Tereca que também era uma pessoa extraordinária, de forma que nossos laços de amizade depois que eu casei, concebi família, se perpetuou através das nossas esposas e nós mesmos, então nossa convivência foi muito sadia, muito salutar.

Vânia: Seu Wilmar, quando o Dr. Mozart vinha de Porto Alegre para o sítio em Palmeira das Missões, o que ele mais gostava de fazer, que tipo de assunto por exemplo o Dr. Mozart gostava mais de comentar nas rodas de amigo?

Wilmar: Bom, Dr. Mozart era uma criatura que o assunto que se puxasse ela dava explicações, técnicas científicas não é, mas o que ele gostava muito era de falar do mato, ele tinha um pinheira lá que acho que dois homens não abraçavam a circunferência, e esse pinheiro ele sempre fazia referência, e na maioria das vezes levava as pessoas que não conheciam para mostrar o pinheiro na sua mata, e ele preservava muito essa parte da fauna, aquele mato que ele tem ali, e mais quanto assunto, via de regra se falava na história do Rio Grande, principalmente não é, e culturalmente não tinha assunto que você abordasse, o Dr. Mozart era o tipo do homem, vamos dizer assim não querendo exagerar, que sabia tudo

praticamente, é muito difícil uma criatura dizer que sabe tudo, mas Dr. Mozart se não sabia andava muito perto, e quando não sabia parece que adivinhava, então era assim o nosso convívio muito bom e qualquer pessoa que lá chegasse, fosse humilde trabalhador do campo, ou fosse elemento categorizado naturalmente com a toga da jurisprudência, fosse lá quem fosse, ele tinha o assunto próprio para aquele tipo de pessoa, era um homem assim, humilde, modesto, extraordinário.

Vânia: Como o senhor viu a administração do Dr. Mozart como Secretário de Cultura de Palmeira das Missões?

Wilmar: Hora, eu acho que o Dr. Mozart foi uma escolha muito acertada no início do governo Celso Valdugo, ele naturalmente não permaneceu todo o mandato do Celso, ele lá um ano e pouco, não chegou a dois, e depois ele foi convidado para a biblioteca pública pelo Collares se não me engano, de Porto Alegre, mas Dr. Mozart naturalmente desempenhou trabalho muito bom e muito, claro, com as limitações que o município lhe impõe, porque nem sempre o secretário consegue executar uma obra que pretende, ou falta recurso do município ou uma coisa ou outra, coisas desse gênero, mais ele é abordado nesse prisma, nesse contexto da dimensão municipal, em matéria de cultura foi o melhor secretário que o município teve, quanto a sua administração a sua realização administrativa, se ela deixou alguma coisa a desejar que não me consta, mas se tenha deixado, foi fruto evidentemente as vezes até de falta de recurso do próprio município, assim ele levou, ele conduziu, e nós temos o privilégio de ter na Palmeira um festival de música, cujo nome foi ele que sugeriu. Eu considero o Dr. Mozart o padrinho do Carijo da Canção Gaúcha, porque quando nós falamos em criar o festival de música ele disse vai se chamar Carijo da Canção Gaúcha, e foi muito interessante porque a maioria do mundo, dessa área cultural dos festivais de música, não conheciam, a maioria não conhecia a palavra Carijo, então confundiam com carijó, carijó é uma pena de galinha, ou uma mistura de feijão com arroz que se faz o carijó, pra comer o reviradinho de madrugada, na campanha principalmente, e isso serviu para nós divulgarmos o festival, porque nós íamos explicar que não era carijó pena de galinha, mas era carijo para secar a erva, a forma primitiva da secagem da erva né, isso tudo se deve ao cabedal cultural do Dr. Mozart, além das obras que ele deixou né, essas tu tem conhecimento. Eu tenho um grande parte, a maioria dos livros dele eu tenho autografado por ele, na\o diria todos, mas eu acho que eu tenho 90 por cento, eu tenho a *Erva cancheada* eu tenho *Adaga-flor*, eu tenho *Meu verde morro*, eu tenho o *Santo Antonio*, eu tenho *Alecrim e manjerona*, eu tenho aquela arborização urbana e rural, enfim, mas é por aí o negócio, todos autografados.

Vânia: Seu Wilmar, o que significou, então, o Dr. Mozart Pereira Soares para o Município de Palmeira?

Wilmar: Dr. Mozart foi um, foi um mensageiro, aonde andou, tanto em Porto Alegre, como qualquer parte onde esteve, levando o nome da nossa terra, ele tinha um amor profundo, um amor doentio pela Palmeira, e onde quer que ele andasse ele levava a Palmeira com ele, e isso nos prova inclusive agora pelo falecimento dele sepultamento dele, esteve aí também o não menos intelectual Alcy que foi discípulo dele, e que não fica muito aquém do Dr. Mozart a nível cultural, o Alcy Cheuiche. E ele nos disse que aprendeu a gostar e amar a Palmeira através do Dr. Mozart Pereira Soares, porque ele tinha um amor profundo pela terra, tanto assim que exigiu ser enterrado na terra pura, sem nenhuma alvenaria, no alto de coxilha ali no sítio dele, tu conhecia esse detalhe?. Ele teria pedido por escrito, isso o Oli que me contou, que se eventualmente morresse em Porto Alegre, que fosse cremado, cujas cinzas iriam ser distribuídas na frente da escola agrícola aqui, escola a quem ele doou um pedaço de terreno para ser construída, posteriormente a escola adquiriu mais terra, e se morresse na Palmeira, como aliás em Ijuí, mas aqui na região, como aconteceu, que fosse enterrado na coxilha, ao

lado da escola agrícola, sem nenhuma referência, cova rasa de sete palmos a moda antiga e isso foi feito e nós presenciamos, está lá, só pediu que não fizesse agricultura em cima da cova dele, tá lá no campo, não é para botar cruz, nada, nada, nada. E o Alcy Cheuiche fez um discurso ao pé da cova do Dr. Mozart que nos botou todas as lágrimas, coisa extraordinária, inclusive fez lembrar e eu estava junto nessa ocasião, quando ele completou 90 anos nós estávamos numa roda lá na área da fazendola dele, no sítio, e o quero-quero cantou logo na porteira, e o Alcy para testar a memória do professor, perguntou como é o nome científico dessa ave, e ele descreveu direitinho, e eu não sei nem te dizer em latin, eu não sei te dizer o nome científico, não lembro. Mas quer dizer o pássaro que tem a defesa na asa né, porque o quero-quero tem o ferrão na asa, ele deu direitinho a descrição quando fez 90 anos, esse era o Mozart (*risos*).

Vânia: Seu Wilmar, hoje, depois quase dois meses e pouco da passagem do Dr. Mozart, alguma lembrança que ficou dele?

Wilmar: Eu tenho algumas, nós tivemos algumas caminhadas, uma ocasião visitamos o Rotary Club aqui, uma noite lembro ainda encencou o auto, tivemos que andar empurrando o carro, eu e ele aqui em Panambi, e depois a nossa afinidade era muito grande, e sabe que eu tive uma isquemia vai fazer doze anos, e fiquei com uma seqüela com a perna direita e o braço direito um pouco prejudicado, e ele também teve, mas no lado esquerdo e uma ocasião nós fomos, era época de Carijo e os jurados foram visitar e me convidaram para ir junto dado a nossa ligação, e quando eu cheguei lá ele estava sentado ali na área, eu digo não levante professor, aguarde que eu quero fazer aqui um registro, e a turma ouvindo, digo é muito certo aquele refrão que diz Deus escreve certo por linhas tortas, veja bem, fomos acometidos do mesmo mal, você ficou com seqüela na perna esquerda e eu na direita, não podia ser diferente, você é chimango e eu sou maragato, não podia renguear da mesma perna (*risos*), são coisas assim que eu não esqueço nunca né, é verdade. Em uma ocasião também me perguntaram, outra coisa que eu não esqueço, a origem da palavra ginete era um rodeio que tinha aí, tinha um pessoal de fora, pessoal militar, mas qual é mesmo a origem da palavra ginete, digo bom, gineteada vem de ginete, é o ato de ginetear, agora eu vou ser bem sincero para vocês, eu a palavra mesmo, a origem eu não conheço, agora ginete é aquele homem que tem condições de parar, agüentar os corcovos do animal esse é o ginete, mas eu lhe dizer da origem mesmo eu não sei, bom, aí um dia eu encontrei o Dr. Mozart, professor me fizeram essa pergunta e eu não soube responder, sabe que eu também não lembro, qual é a origem da palavra ginete, mas você não vai ficar se resposta, pode deixar, ficou por isso não é, coisa de 3, 4 meses depois, nós nos encontramos, ó tive pesquisando, ó é essa, assim assim, vem lá, em fim, uma série de explicações, então veja a humildade dele, porque qualquer resposta que ele me desse pra mim serviria né, e ele disse que também não sabia bem, que ia pesquisar, veja bem, esse era o Mozart né (*risos*).

Vânia: A pergunta que venho lhe fazer, agora, é a mesma já feita para o Oli: Observamos que o Dr. Mozart quando faleceu não foi tão referenciado como merecia. Esse é o meu ponto de vista. Talvez, o senhor não concorde, tendo em vista tudo o que ele fez por Palmeira, principalmente encontrados em seus escritos. Qual é a sua opinião sobre isto?

Wilmar: Bom, a minha opinião é a seguinte, eu acho que se nós levarmos em consideração o fator público presente, deixou realmente a desejar, agora ele foi naturalmente, o poder público cuidou de levá-lo para ser velado na Câmara de Vereadores né, e recebeu a homenagem do Poder Legislativo e Executivo, e ao sair o féretro do local da câmara antes de entrar para o carro fúnebre estava a Banda Municipal, e tocou aquela canção que venceu um festival aí, “Minha Terra da Palmeira”, que tem uma canção que diz: Eu tenho orgulho de ser da Palmeira, terra hospitaleira que amo e bem digo, em cada cariyo um grande tesouro, coxilhas

de ouro de soja e de trigo. Enfim a minha Palmeira dizendo que eu tenho orgulho de ser da Palmeira, e isso é o que ele tinha de sobra, o orgulho de ser palmeirense, é evidente que pelo valor que tinha o Dr. Mozart e pelo tanto que ele divulgou a sua terra ele poderia ter merecido mais talvez um pouco mais de público apenas, porque quanto ao mais ele foi praticamente enterrado com toda a honraria que merecia né, só lá tanta gente como se esperava que tivesse, mas o povo é de memória curta de modo geral, e em se tratando da área cultural então isso é uma temeridade, você sabe que eu venho daquele grupo que iniciou o movimento tradicionalista no Rio Grande do Sul, de 48, 47, com Paixão Cortez, Antonio Saraiva, eu faço parte daquele grupo, e o que nós temos lutado num movimento tradicionalista para dar ênfase ao setor cultural você não imagina, é uma luta tremenda, é uma briga de espada que já estamos só com a guarnição, o pessoal gosta do baile da camperiada, do tiro de laço, isso faz parte, é muito bom e é necessário, agora culturalmente é uma briga, é uma briga danada, isso a nível de CTG e por aí vai aí a fora, de formas que aí também se justifica de certo modo a ausência de uma grande parte de público nos funerais do Dr. Mozart porque se tratava de uma das maiores cabeças que o Rio Grande conheceu, eu encaro dessa forma, agora quanto as, as [...] cerimônias que deviam ser prestadas a ele através dos órgãos competentes [...].

Vânia: Seu Wilmar então agora eu gostaria de saber se senhor gostaria de dizer para concluir, mais alguma coisa sobre o Dr. Mozart para encerrar essa entrevista.

Wilmar: Sim, é uma pena que a gente não consiga ter uma forma de guardar o cabedal cultural de pessoas desse quilate, Dr. Mozart, porque a realidade é que se perde né, a não ser as obras que ele deixou escrito, que já é um belo patrimônio né, o resto a gente perde, é uma pena que isso aconteça, porque a verdade é que o Dr. Mozart tinha uma cultura assim extraordinária, porque ele ia como eu disse a pouco, do peão, do modesto trabalhador rural, ao mais intelectual dos homens, e ele tinha assunto para qualquer tipo de criatura, era um homem dessa natureza, e de formação humilde, modesta, simples né, e de formas que é uma pena que a gente não consiga ter guardado esse manancial de conhecimentos que ele tinha né, e nós tivemos na pessoa dele, como disse a pouco, um grande incentivador do nosso festival de música, que hoje não sei se sabem, é um dos grandes festivais do Rio Grande do Sul o Carijo da Canção, e durante as primeiras edições, as três, eu fui presidente da comissão do Carijo das três primeiras edições, e até a quarta ou quinta nós nos reunimos lá, nos reunimos lá e ele hospedava toda a turma aí, os autores e cantores etc...Então era uma festa muito bonita, eu como dizia, esses tempos houve uma polêmica, não digo polêmica, mas um questionamento, rolou cantando o Dr. Mozart, e muito bonita por sinal, e numa altura dum verso ele dizia que era o pai do Carijo, e alguém teria questionado que ele não era o pai, bom, se nós tivermos que achar um pai pro Carijo isso já cheguei a dizer até nas ondas da rádio se nós tivéssemos que achar um pai pro Carijó esse seria o Lourenço que era o prefeito da época foi quem idealizou agora o Mozart é o padrinho, porque foi ele que batizou de Carijo, foi ele que deu a idéia né, de formas que ele é o padrinho e foi o jurado da primeira edição e por sinal tem uma passagem interessante, eu tinha escrito uma letra que foi pro Cd, pro disco na época, intitulada "Já fui guri" que é a minha história, e aí me convidam pra presidente do festival, mas eu tenho um trabalho aí que ta em pauta, como é que eu vou ser presidente, não tem nada a ver uma coisa com a outra, olha isso aí vai dar incômodo em, mas não tem nada a ver, ta, ah mas não deu outra, complicou, porque quando eu fui lá, no domingo do festival, está gravando? Quando foi no domingo do festival eu convidei o júri, o júri, a comissão organizadora, o júri, e a imprensa, pra nós fazer uma mesa redonda e analisarmos o festival nessa primeira edição, e aí já foi questionado que o presidente tinha trabalho em pauta, porque meu trabalho tinha passado, aí eu pedi que retirasse, não retira o trabalho porque eu, isso aí eu já tinha previsto, e pedi que retirassem logo que passou lá, mas não concordaram, o Dr. Mozart e o falecido Milton Souza, chegou a conhecer o Milton Souza de Uruguaiana? Edson Mota, essa gente

toda levantaram, e disseram: não, não você nessa altura não manda mais, que tem poderes para retirar um trabalho de pauta é o público, então tá bom, eu sei que deu esse pequeno [...] e o Dr. Mozart foi um dos responsáveis porque ele insistiu em não tirar, não permitiu que retirasse o trabalho de pauta, então aí ficou “Eu já fui guri”, tá no disco do primeiro Carijo de minha autoria, e eu era o presidente, [...] aí levei uma temporada sempre na diretoria do festival, sem participar, até que no nono Carijo eu voltei como letrista, e botei de novo e daí pra diante tenho colocado quase em todos festivais um trabalho meu, já tenho uma meia dúzia de trabalho gravado, pois é, e o Dr. Mozart foi homenageado, acho que um pouco antes dos 90 ano, claro foi, num dos Carijos, 2005, perfeitamente, pois é, é uma perda inestimável e nós lembramos sempre com saudade do Mozart, não tenha dúvida.

Vânia: Então fica aqui um registro se o senhor tem ou encerra aí mais alguma questão para ser abordada para encerrar a entrevista seu Wilmar.

Wilmar: Não eu acho que nós praticamente tratemos do assunto né, e agora nessas alturas o que nos resta é um preito de saudade em memória aquele grande amigo que passou né, como nós iremos passar também amanhã ou depois (*risos*). Em 1963 eu, na condição de vice-prefeito tinha assumido a prefeitura de Palmeira, o prefeito titular, o nosso saudoso companheiro [...] me entregou o cargo no último ano, a alí na esquina onde está hoje o banco do Brasil, era um terreno baldio, tinha uma casa antiga que o banco comprou, demoliu e ia construir a agência, mas terreno estava vazio e eu pedi por empréstimo e mandei fazer um galpãozinho de costanera bem simples né, 25x4, pra nós fazer a primeira ronda, porque naquele tempo não chamava-se Semana Farroupilha era Ronda Crioula, a primeira Ronda Crioula, e ali fizemos o galpão um foguinho no chão, aquelas coisas de gauchada, e o Dr. Mozart havia lançado a pouco a sua *Erva cancheada*, e então nós resolvemos homenageá-lo, e ele foi homenageado naquela oportunidade a beira daquele fogo, naquele modesto galpãozinho, pela sua *Erva cancheada*, eu tenho até uma fotografia disso aí, pelo lançamento da *Erva cancheada*, isso em 1963, depois no segundo Carijo se não me engano, eu peguei o *Erva cancheada* dele e fiz um poema com os títulos, tipo de uma critica mas que não critica não é, que não dá opinião, em cada titulo eu fui fazendo um verso com os títulos e ofereci para ele, ele ficou muito e até se emocionou, diz eu vou querer que você escreva de próprio punho numa cartolina grande que eu vou botar num quadro e vou pendurar no galpão, ta lá no galpão dele, *Erva cancheada* é o titulo do livro dele, de todos os títulos eu fiz um poema né, citando os títulos da *Erva cancheada* dele que nós homenageamos no lançamento em 63 naquele galpãozinho lá.

É prefaciado por ele, pelo Dr. Mozart, *Memórias do Provisório*, provisório é meu apelido, é meu nome de guerra, em causos e rimas não é em prosas e versos, e aqui ta o Mozart ó, prefácio, Mozart Pereira Soares, mas muito bem vamos ver uma coisa. Vou ler um poema, esse poema naturalmente eu fiz homenageando o Dr. Mozart, pelo seu trabalho poético da *Erva cancheada* através do título de seu trabalho, então nós começamos assim:

Homenagem ao prof. Mozart Pereira Soares
pelo seu livro ERVA CANCHEADA

ERVA CANCHEADA poesia
Carijo acesso braseiro,
Serão em noite de lua,
Fumaça de TRAFUGUEIRO;
Calmaria após TORMENTA
Orquestração na restinga,
Machadinho no terreiro
Três vezes em cruz MANDINGA.

MINUANO céu missioneiro
Para nunca envelhecer,
MONJOLO pilão hidráulico
Que não pára de bater.
CARRETAS ranchos andejos
Pousando ao anoitecer.

E as TRONQUEIRAS esguias
Indicando paradoro,
Os fogos do boi-tatá,
Será AVISÃO ou TESOURO?

Nem mesmo a morte dos pais
Turvou a festa no pago,
Com luto e choro na voz
Assim cantou o URUTAGO.

Maneia com seu capricho
No par de esporas valor,
Nas crinas d'uma tordilha
Enredo-se um TRANSADOR.
Dos entes a VOVÓ ELISA,
Que cantaste com amor
BILHETE uma despedida
D'alguém que deixou a vida,
Rumbeia outro parador

VENENO estória de bichos
Trago largo de emoção
A sombra da caneleira
De encontros feito salão,
Palmilhando passo a passo
O gramado deste chão.

Carqueja e barba-de-bode
CAMPO GROSSO ancestrais,
Prateado ao LUAR SERRANO
Ondulam louros trigais.

MATO CRIOULO relíquia
Da nossa flora campeira
TAQUARUSSU, cabriúva
Maragata CORTICEIRA
Praça RODEIO DE SOMBRAS
Mais cabocla das Missões,
Na VILINHA MISSIONEIRA

BAILE DE CHÃO
Capão do gaio-baixo
PRESILIA de um olhar ameaçador,
LAÇO DE IMBIRA, traquinagem de guri
Um SOVÉU de ternura e muito amor.

Mate bueno
Erva de SAFRA NOVA
LIRIO PORVIR
Onde a esperança se renova,
Na SENHA de lotear as sesmarias,
SINA-SAMÃO como foice na seara,
Tudo prove e de pronto já prepara
Ao deserdado mais pão e alegria.

Me empresta teu FLETE NEGRO
Que as três prendas domaram,
Na grande lição de amor
Que teus versos nos legaram.

Saindo agora de noite
Retorno de madrugada.
Cuidarei bem deste Pingo,
Não é tão grande a volteada
Vou cantar pela querência
A tua Erva Cancheada.

Vânia: O Oli até coloca que o Flete Negro seria uma homenagem a Dona Tereca, o senhor concorda?

Wilmar: Pois eu não duvido né, eu não cheguei analisar por esse prisma, mas a lição que dá é que ninguém domava o cavalo, e as prendas que conseguiram, é uma lição de amor né. Então veja, isso aqui é aprova da nossa ligação né, porque cada título que tá em negrito aqui, cada palavra são os títulos do livro dele, é verdade. Então a senhora quer me comprar esse livro?

O diálogo, com as raízes

ENTREVISTA

Prates - Mozart é um humanista, escritor, poeta e veterinário que depois dos 70 anos começou a estudar Direito. Há mais de 60 anos convivemos. Como presidente da Estância da Poesia Crioula gostaria que ele, com seu talento, falasse sobre as fronteiras entre nativismo, regionalismo e tradicionalismo.

Mozart - Estou muito feliz por encontrar nesta pequena charla o Caio Flávio, companheiro de tantos anos. Ele já demonstrou na sua pergunta que somos mais ou menos antigos aqui na terra. A Estância da Poesia Crioula surgiu de um movimento nativista de estudantes do Colégio Júlio de Castilhos que chegaram em Porto Alegre quando o mundo estava envolvido na Segunda Guerra. Estávamos ameaçados de uma invasão cultural e esse movimento foi uma espécie de proteção de uma cultura autóctone. Aqueles rapazes que fizeram o movimento nativista organizaram uma espécie de academia *xucra*, como chamaram a Estância.

O nativismo é a expressão do que nasce aqui, do nativo deste local. Ele não se opõe ao nativismo do outro lado, mas com ele

contrasta. Muitas pessoas acreditaram que no nativismo existisse uma espécie de xenofobia. Não é nada disso. O nativismo, para que se firme, deve ser fiel às suas características de terra e gente, mas tem de ser essencialmente fraterno.

Tradicionalismo é levar para o presente o que no passado foi criado de nobre e grande. *Tradie* significa trazer. Tradição não é lago, é rio, é correnteza. Nativismo, tradicionalismo, regionalismo abrangem uma região circunscritamente bem definida.

Eu persigo uma idéia há muito tempo e nunca deixei de manifestá-la. Os autores gaúchos, todos eles, tornam-se verdadeiramente fortes quando se voltam para os temas da querência. Deixando de lado Simões Lopes Neto, que foi



Fernando Aguiar

Participaram desta entrevista Antonio Hohlfeldt, Adriana Condessa Ferreira, João Carlos Tiburski e Caio Flávio Prates da Silveira, outono de 1996

inteiramente terra e gente do Rio Grande do Sul, e analisando a obra de Alcides Maya, por exemplo, veremos que foi um dos nossos talentos universais mais expressivos, mas só tornou sua presença marcante em nossas letras quando se voltou para os temas gaúchos com *Ruínas vivas*, *Tapera* e *Alma bárbara*, seus livros fundamentais.

Outro exemplo: as primeiras obras de Erico Veríssimo tratavam de personagens não ligados à terra, como em *Clarissa*, *Música ao longe* e outras, mas ele se tornou grande quando escreveu a obra extraordinária *O tempo e o vento*. Erico deu uma contribuição de profunda significação para a vida do Rio Grande do Sul com seu enfoque da mulher. A galeria feminina de Erico é talvez a mais importante da literatura brasileira. Ele aborda uma mulher que não surgiu no romance para se incumbir do pecado, da tentação, mas uma mulher vestida do cotidiano nas suas lutas e embates.

Hohlfeldt - *A imagem que me vem quando o ouço, é de um conhecimento bem renascentista, universal. Como alcançou tão expressivo desenvolvimento cultural um sujeito que veio lá do interior?*

Mozart - Considero fundamentais as raízes. Sou originário do 1º Distrito da Palmeira, onde as pessoas cursavam o primário de 5ª série, o primário curto. Onde aprendiam apenas a ler, a escrever e a contar. Ensinavam no máximo a multiplicação, porque a divisão era considerada de grande dificuldade, apesar de já haver muita divisão de terras aqui.

Na Palmeira das Missões do meu tempo era rara a pessoa que sabia ler. Os professores eram destinados às famílias principais. Militares que iam para lá montar guarda, bacharéis, médicos que eram importados. Havia apenas uma escolinha municipal na *vilinha* da minha infância, que na revolução de 1923, quando eu tinha

oito anos, fechou porque o professor era meio revolucionário... pelo menos não se ajustava aos caudilhos da época. Por isso fugiu, e meu pai, então, abriu uma escolinha.

Meu pai era filho de fazendeiro e fez uma *pontinha* de gado que vendeu para educar os filhos que já estavam com seis e sete anos. Mudou-se para Palmeira e comprou um bolicho, onde comecei a vida social. Minha primeira atividade foi levar comida para os presos da cadeia. Entre eles havia um topógrafo, uma excelente criatura que tivera a infelicidade de matar alguém. Foi quem me colocou nas mãos *A pátria brasileira*, de Olavo Bilac. Já havia aprendido as primeiras letras com minha mãe na *Cartilha maternal*, de João de Deus. Quando comecei a soletrar, atirei-me à *Pátria brasileira*. Ao ler o capítulo "Os Degredados", fui para a cama! A total solidão dos degredados, sem esperança de um dia reverem sua família, deixou-me doente. As pessoas acreditavam que eu estivesse com uma doença comum qualquer, mas eu bem sabia que era de aflição pelo que lera.

Neste tempo, havia um menino, filho do retratista, que foi quem me inspirou a aprender a ler. Ele era muito festejado e quando passava diante das casas, diziam: *Traga a Seleta!* Ele parava para fazer a leitura. Eu achava formidável aquele guri, mais ou menos da minha idade, com o livro aberto, debulhando com familiaridade espantosa aqueles caracteres que para mim eram o enigma dos enigmas.

Hohlfeldt - *Que tipo de formação tinha tua mãe?*

Mozart - Tinha o curso primário e uma memória extraordinária. Meu pai era um homem de talento que também não passou do primário. Eles trocavam *versinhos* entre si. Meu pai tinha algumas paixões, como por Lobo da Costa e Gonçalves Dias. Ele declamava I Juca Pirama e outros.

Hohlfeldt - *Como foi tua vinda para Porto Alegre?*

Mozart - A notícia de um educandário gratuito para famílias pobres, como era a minha, chegou a Palmeira por meio de alguns precursores meus aqui no Instituto Pinheiro Machado. Fiquei dois anos, completei o curso médio e passei a me preparar para o curso técnico. Como não atingi esse objetivo imediatamente, permaneci por um ano em Palmeira das Missões, trabalhando como empregado no Clube Comercial, varrendo o salão e servindo cafezinho aos que jogavam. Alguns jogavam xadrez como Arthur Ferreira Filho e Frederico Westphalen. O Arthur chegava sempre muito cedo e um dia me encontrou lendo *Os maias* na biblioteca do Clube. Achou que aquela leitura estava acima da minha capacidade. Ali começou uma boa amizade cultural, ampliando aquilo que aprendera no Instituto Pinheiro Machado.

Este educandário foi algo de extraordinário em nossas vidas, porque tivemos grandes pedagogos. Em matemática, os mestres tinham formação na Escola de Engenharia; na área humanística, um dos professores era Otávio Augusto Carneiro da

Fontoura, de grande cultura literária e virtuosismo pedagógico. Suas aulas eram um encanto. Ele precedia sua preleção com um exame da vida e da obra do autor que tratava. Acreditava que a primeira coisa a saber sobre um autor era a época em que vivera, o local, a língua e a cultura. Com relação a *Dom Quixote*, o professor dava-nos notícia de Cervantes e explicava que ele tinha sido genial por muitas coisas e, especialmente, por ter sido o precursor da biotipologia: Dom Quixote é o louco;

Sancho Pança é o idiota, que está sempre preso e fascinado pela realidade objetiva e dela não sai.

Hohlfeldt - *Qual a tua ordem entre os teus irmãos?*

Mozart- Sou o primeiro. É complicado para os outros, não para a gente que é recebido com grande expectativa.

Somos quatro filhos, uma mulher e três homens, todos já faleceram, infelizmente.

Os homens foram militares, estiveram na guerra; a irmã, de afazeres domésticos. Da minha situação de primogênito lembro de uma reação: no dia em que ouvi o choro de um concorrente, não me resignei muito, rondei por ali até que certa hora, achando que aquele choro molestava minha mãe, tratei de estrangulá-lo. Não levei meu intento a termo, porque a mãe chegou a tempo.



Hohlfeldt - *O bolicho foi algo importante para ti ou não?*

Mozart - Foi tão sensacional que cheguei a colocar no *Tempo de piá* uma página do bolicho. Ali vi meu pai transfigurar-se. De homem lutador, presença forte, no bolicho passou a ser afável, namorando a clientela com a intenção de segurá-la. Certa vez, chegou alguém para comprar um *quilinho* de arroz e começamos a caçar porque era um birolho em farrapos.

O pai nos ameaçou: - *Se vocês continuarem tratando mal meu freguês, salgo o lombo da tropa!* Nos deu ali a medida da importância de ser bolicheiro naquela nova situação. Tornou-se um homem diferente daquele que conhecíamos...

Hohlfeldt - *Como foi a experiência da passagem da Coluna Prestes?*

Mozart - Foi interessante.

Antes da Coluna Prestes, Palmeira foi convulsionada pela Revolução de 1923, na qual o meu pai se integrou. Meu avô era comandante de um esquadrão militar e meu pai comandava um grupo. Defendeu Palmeira, entrincheirado num campo estratégico. Houve combate muito sério, com mortes. Vi pessoas arrastadas. Eu tinha oito anos quando terminou o combate, quando não se ouviam mais tiros, saí do abrigo em que estava com meu irmãozinho e andei pelas ruas vendo tudo aquilo...

Quando eu tinha nove ou dez anos, foi a hora da chegada do Prestes. Repentinamente, Palmeira transformou-se numa praça de guerra muito importante. Foram para lá dois batalhões militares de Cruz Alta, um de Cachoeira, dois de Porto Alegre e, também, de Santo Ângelo e Santa Bárbara. Houve fortificação com canhões enterrados. O Prestes estava passando cerca de 30 quilômetros dali. Estava longe. Com a Coluna havia acontecido um encontro sangrento, o célebre combate da Ramada, onde Carlos Prestes perdeu 50 companheiros. Foi uma de suas maiores perdas em todo país, isso porque os provisórios da Palmeira, sob o comando de Vazulmiro Dutra, avançaram e entraram em combate com Prestes, quando não era essa a ordem. Eram todos colegas da Escola Militar... não tinha sentido aquilo.

A Coluna Prestes deixou-nos remota lembrança. Apenas um espetáculo dos canhões e todo aquele ambiente.

(...)Conheci pessoalmente Firmino de Paula. Ele chegou a Palmeira das Missões com meu avô. Era um homem pequeno, montado num grande cavalo. Como todos sabem, Firmino de Paula causou a maior hecatombe na serra, com a degola de 370 prisioneiros. Isso foi confessado por ele num telegrama a Júlio de Castilhos: "Vingado o Rio Negro, sacrificamos 370..."

Meu avô participou da degola, mas não usou a faca. Ele me contou exatamente como foi aquilo, o que me serviu como depoimento histórico em *Santo Antônio da Palmeira*.

Prates - *Vamos mudar um pouco o rumo da conversa. Mozart, como você analisa o avanço estupendo da cardiologia: o coração é tratado como uma bomba aspirante premente e as circunstâncias místicas que o tratam como símbolo do amor, sede dos sentimentos?*

Mozart - A humanidade levou vinte séculos no mínimo, desde os chineses, para chegar às conclusões exatas sobre a circulação do sangue. Nesse sentido, são fundamentais as conclusões que Aristóteles apanhou na embriologia - fundada por ele. Numa experiência simples, deitou ovos no choco e a partir do terceiro ou quarto dia, quebrando-os um por um constatou que no quarto dia começava a existir um pontinho palpitante. Acompanhou esse pontinho até o momento em que ele se organizou na forma de um coração.

A paixão por esse extraordinário assunto é muito grande e o coração continua pulsando com nosso ritmo, nossas emoções e nossa maneira de ser.

Hohlfeldt - *Mozart, você publicou vários artigos em série no "Caderno de Sábado", um deles foi sobre a mulher na obra de Erico Verissimo.*

Mozart - É, isto foi em 1973. Quando o Erico publicou a versão definitiva de *O tempo e o vento*, ele telefonou-me para dizer que havia lido os artigos publicados e que não sabia que este *caboclinho da*

Palmeira - era assim que ele me chamava - estava tratando de algo que, por quarenta anos, ele esperou que alguém fizesse. Demonstrou o desejo de falar comigo sobre esse assunto. Fui até sua casa e conversamos durante uma noite. Generoso como era, uma pessoa formidável, pediu-me autorização para publicar esse material como prefácio de uma de suas obras. E assim foi feito.

Tiburski - *Fale um pouco a respeito do teu processo de criação.*

Mozart - Primeiramente, declaro, com toda a sinceridade, que não me considero um escritor representativo da literatura propriamente dita. Sou meio acidental.

Certa vez, até abordei esse assunto com o Erico, perguntando-lhe, até de forma ingênua, o que era necessário em uma pessoa para ser um escritor. Respondeu-me que a primeira coisa seria uma certa vocação natural.

Resolvi então começar a escrever alguns textos para certificar-me se possuía ou não tal vocação. E a *Pastoral missioneira* foi uma experiência que fiz, escrevendo aquilo que me parecia ser mais simples, ou seja, meu próprio romance. Após, quando percebi que na *Pastoral* eu me detinha na infância, até os sete anos, avancei até os 14 ou 15, quando terminei o *Meu verde morro*.

Hohlfeldt - *Mas na Pastoral o filtro é de 50 anos?*

Mozart - Menos um pouco, eu ainda não

tinha 50 anos quando escrevi a *Pastoral*, pois ela ficou dezenove anos parada. Não era bem a hora de fazer memórias, por isso não usei a fórmula de José Américo de Almeida, que dizia que o romance é mentira com aparência de verdade. Fiz verdade com aparência de mentira.

Hohlfeldt - *Meu verde morro termina nos anos 30 e de lá para cá existe muita coisa a ser contada. Sei que tens uns três volumes no mínimo.*



Mozart - Deveria ter, porque de lá para cá fiz esta esquematização: *Névoas do Vale* apanhará a formação na universidade; depois vem o *Caminho do Sol*, quando se sai das névoas e aparece o sol em cima do morro, apanhará o tempo em que fui professor no curso técnico e minha entrada como professor na universidade.

Em *Névoas do Vale* aparecem figuras como Caio Flávio e Leonel Brizola, que foi meu aluno. Depois vem a

parte em que mergulhamos na universidade e chegamos até a reitoria.

Vou dando um retrato rápido daquilo que me pareceu mais marcante.

Tiburski - *Caracterize o seu processo narrativo ficcional.*

Mozart - A minha ficção, em primeiro lugar, é o retrato de minhas vivências, que foram filtradas. Recordo muito bem do Augusto Meyer falando sobre a infidelidade

do memorialista, que rejeita o que não lhe convém e pinça o que convém. Mais ou menos me enquadrei nessa linha. Esse trabalho de mergulho nas reminiscências é fundamental naquilo que tenho feito, que beira a ficção, embora não a atinja perfeitamente.

Hohlfeldt - *Deixa eu pegar uma dica do Tiburski e perguntar quando surgiu para ti o texto latino-americano ou hispano-americano?*

Mozart - Na Palmeira existiam os castelhanos com seus chistes, com seus adágios, seus refraneios, sua poesia. Conheci algo de *Martin Fierro* na infância, principalmente naquela parte sentenciosa em que ele é tão rico. Depois, na Escola Técnica, líamos um pouco de Cervantes e outros.

De *Martin Fierro* cheguei a preparar um glossário da tradução do Nogueira Leria, que fez uma tradução muito lusitana. Achei que se justificava, porque quando estudei na Argentina conheci muita gente que entendia de *Martin Fierro*. Depois li Don Segundo Sombra de Guiraldes, passei por *Ciro Alegria* até chegar a *Luis Borges*, que é um universo.

Prates - *E a literatura no Rio Grande do Sul?*

Mozart - Alguns espíritos foram marcantes, como *Simões Lopes Neto*, que considero um grande milagre, porque apanhou terra e gente do Rio Grande com uma fidelidade extraordinária, não fazendo, no entanto, um retrato servil. Ele fez pintura e não fotografia, como foi acentuado por *Aurélio Buarque de Holanda*.

O *Alcides Maya* me chamou atenção. Quando líamos *Os sertões*, vibrávamos com o cipoal, nem sempre encontrando no dicionário os termos utilizados por *Euclides da Cunha*. Mais tarde verificamos que o

Alcides era um artista da força do *Euclides*. Encontrei, também, no *Moisés Vellinho*, aquela página de críticas sobre o *Xiru* que agoniza numa tarimba de varas, parecendo mais a agonia de um deus. Têm o *Darci Azambuja*, o *João Pinto da Silva* e o *Otelo Rosa*, que a meu ver devia ser reeditado.

Depois disso vamos entrando nos mais modernos como o *Vargas Netto* com sua poesia gauchesca; o imenso *Aureliano de Figueiredo Pinto*, que foi o poeta maior do regionalismo, fazendo em poesia o que o *Simões* realizou em prosa. *Vargas Netto* é muito objetivo e fotográfico, *Aureliano* é mais pintor. Entre os vultos modernos, coloco o *Sílvio Duncan*, com sua *Paisagem xucra*, como uma das grandes realizações literárias de todos os tempos.

A seguir, vem a turma toda dos poetas regionalistas, como o *Apparício Silva Rillo*, o *Glauco Saraiva*, um grande poeta que pelo tumulto da vida não teve condições de polimento literário como o *Aparício*. O *Jaime Caetano Braun*, a maior expressão do improvisador, do *payador*. Diante dele não há tema que resista. O *Jaime* tem uma cultura respeitável e sobretudo um imenso talento. O *Balbino Marques da Rocha* é outra expressão magnífica.

Tiburski - *E o Antonio Chimango?*

Mozart - Considero o maior poema. Do ponto de vista estético supera o próprio *Martin Fierro*. Como obra de arte tem mais coesão e unidade. Sendo breve, nele não há tentos frouxos ou sobra de coisa alguma. É enxuto e perfeito. *Martin Fierro* tem a superioridade de apanhar sociologicamente o drama de um povo, enquanto *Antonio Chimango* se limita a uma pessoa.

Quem conhece o Rio Grande do Sul e leu o *Antonio Chimango* encontra ali um retrato das nossas vivências, do modo de ser do gaúcho de corpo inteiro. É uma obra-prima. Escrevi um ensaio sobre esse poema que intitulei *Zoologia satírica do Antonio Chimango*. A fortuna do *Antonio Chimango* vem do fato de que o autor degradou psicologicamente o personagem ao dar o

efeito de ridículo.

O personagem tinha sido denominado inicialmente Antônio Carancho, mas, tendo o autor verificado que tal nome é de animal de grande envergadura e beleza, isso se transformaria numa homenagem. Sendo assim, deu a denominação de um animalzinho que não merece as honras de gavião, o chimanguinho, que vive do carrapato de lombo alheio. Essa imagem vem desde o nascimento do personagem, na linguagem utilizada para descrever as circunstâncias, como nos versos “Isso é gente ou passarinho?”

Hohlfeldt - *A tua geração é dessas que ainda decora coisas.*

Mozart - Decora-se o que se ama. Tínhamos tempo para isso. Não tínhamos televisão nem cinema. Vivíamos num seminário rural e tínhamos umas pobres galeninhas que, nas horas mais dramáticas da vida, serviam para nos conectar com o mundo. Tínhamos bibliotecas. A Escola Técnica de Agricultura tem uma biblioteca maravilhosa.

Hohlfeldt - *A última pergunta é uma provocação. Tu estavas falando de como o escritor gaúcho fica maior quando toca o chão. O Luis Fernando Verissimo é uma exceção?*

Mozart - O Luis Fernando Verissimo é o cronista de mais largo espectro que tivemos até aqui, porque ele aborda todos os assuntos sempre com extrema graça e propriedade. Ele é o cronista versátil, como ficcionista não se firmou. O Sergio da Costa Franco é outro

que na crônica é maiúsculo, procurando o sentido utilitário e não o *voluptuário* da crônica, ao contrário do Luis Fernando.

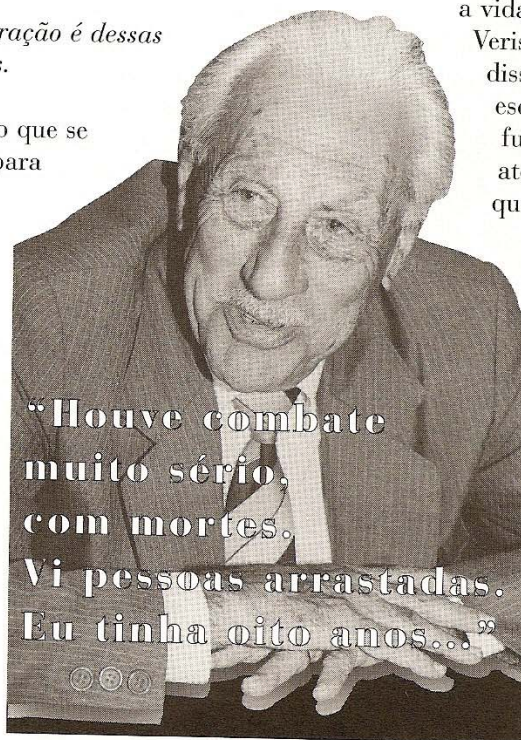
Erico Verissimo perguntou-me, certa ocasião, quando o Sérgio Jockyman escrevia crônicas de futebol, o que eu achava dessas crônicas. Respondi que gostava muito de suas crônicas, mas que esse assunto não estava bem em minha faixa de crônica, que para mim devia ser comprometida com o cotidiano, significativa para a vida contemporânea. Erico Verissimo, então, disse que seu filho estava escrevendo crônica sobre futebol e que eu prestasse atenção naquele guri, que viria a ser um grande escritor.

Luis Fernando Verissimo é um espetáculo de talento, coroado por uma formação. Em primeiro lugar, ele dominou a língua inglesa. Quem domina uma língua estrangeira já tem uma grande vantagem, pois ver o mundo de Paris para cá e ver o mundo de

Porto Alegre para Paris é muito diferente.

Tiburski - *Creio que temos material significativo, mas para concluir me parece fundamental que você fale um pouco dos teus deuses.*

Mozart - Sim. José de Alencar, Castro Alves, Gonçalves Dias, Tobias Barreto, Casemiro de Abreu, Olavo Bilac, Drummond, João Cabral de Melo Neto, Thiago de Mello,



Autores
Gaúchos

Vinícius, Raul Pompéia, Machado,
Gilberto Amado, Guimarães Rosa,
Manoel Bandeira e Pedro Nava, entre outros,
são alguns dos meus deuses...

O Guimarães descobriu, no meu modo
de entender, um novo continente na prosa
portuguesa. No princípio, eu o abordei com
certa raiva, mas depois que o entendi,
passei a admirar sua carga poética imensa,
a maneira de dizer absolutamente original.
Outro espírito que os modernos não podem
deixar de lado é Pedro Nava.

Tive a paciência de demolir seis tijolos do
Baú de ossos ao galo das trevas.

Ele levou a língua portuguesa a
um patamar que, como expressão,
ainda não havia atingido.

Entre os memorialistas,
um gênero pelo qual todos temos,
com boas razões, grandes simpatias,
não podemos esquecer Gilberto Amado
com sua prosa oceânica. Nos seis volumes
que nos deixou, desde sua infância em
Itaporanga até sua incursão pelo mundo
nórdico, ele passa em revista 70 anos
de vida brasileira e universal,
focalizando com maestria
todos os assuntos: econômicos, políticos,
sociais, culturais, religiosos.
É um fascinante cosmorama.

Por falar em memórias,
acho que tais livros são, sempre,
lições de vida. Para mim, o melhor
de cada autor está em suas obras,
e destas, as melhores são as de memória.

Foi talvez por isso que tentei
realizar as minhas...

ANEXO A6 – Entrevista 5

MOZART PEREIRA SOARES. *Fórum*. Porto Alegre, TV Guaíba, 19 set. 1999. PROGRAMA DE TV⁴¹³.

Flávio Alcaraz Gomes pergunta sobre os heróis farroupilhas: Foram heróis?

Mozart: Eu acredito que sim, pois é preciso que o povo entenda que herói não é o homem que se coloca acima dos outros, dos acontecimentos, mas é aquele que nas emergências ele não perde o equilíbrio e quando há um desmancho geral na comunidade que o cerca, ele é capaz de dar a palavra de ordem, e remobiliza e encoraja as pessoas sob seu comando. Esse é o herói.

O santo é aquele no qual predomina o altruísmo sobre o egoísmo, não é uma pessoa sobrenatural, dotado de dons fora do comum, e o sábio não é aquele que sabe tudo, porque tal pessoa não existe, mas é apenas aquela pessoa que sabe certo. Resumindo, o herói é o que nos desmanches pode ainda comandar, o santo é aquele no qual o altruísmo predomina sobre o egoísmo, e por isso ele tem muito a dar sempre, e o sábio é aquele que sabe certo, sabe mais, melhor de todo de bom senso, é apenas isso. De modo que o herói, nos termos herói em todos os sentidos, em todos os quadrantes, na vida comum, começando no lar, onde existe uma heroína chamada mulher, é que no, nesses desmanchos, ela sempre está inteira, servindo a todo mundo, exemplo que eu quero dar, agora falando no Erico Verissimo, é na Maria Valéria, que estava no sobrado na hora da, do cerco, e todo mundo pelos quartos, uns choramingando, outros desencorajados, e ela acendendo uma vela, atravessando o salão, animando a todo mundo. Essa era a heroína, e no Rio Grande do Sul está povoado desse tipo de gente que é uma beleza na sua nação histórica.

Na bibliografia eu queria me referir a duas ou três coisas. O primeiro, o belíssimo livro do professor Dante de Laytano. Era aquele mais completo, no menor número de páginas. É um livro de 500, 600 páginas, mas é um livro que tem tudo sobre a Revolução Farroupilha, não deixou nenhum aspecto de lado. É como que você lê o Dante de Laytano e lê o que de melhor tem o Alfredo Varela. Um discípulo dele, eu vou chamar de discípulo dele, e ele não vai ficar brabo comigo por isso, é o professor Moacyr Flores, que é uma das vozes mais autorizadas sobre a Revolução Farroupilha, e escreveu um belíssimo livro que nos explica sobre qual é o modelo político seguido pelos farrapos, que é o liberalismo de Look. Liberalismo não quer dizer bater-se pela liberdade, mas é a defesa da propriedade organizada que os farrapos mantinham, esse liberalismo de Look foi o de Bento Gonçalves e de seus seguidores, que fez com que a Revolução tivesse um comando da elite cultural, política e econômica da época. Muitos censuram essa revolução, principalmente alguns historiadores acadêmicos, como por exemplo, Sandra Pesavento, que é uma belíssima historiadora, mas ela tem uma postura de negar até certo ponto aquele heroísmo romântico dos farrapos como proprietários da honra e da dignidade, eles não quiseram se intitular assim, por outro lado negam que a Revolução Farroupilha tivesse participação do povo. O povo não lutou, diziam eles. Lutou sim senhor, sim senhor ele lutou, por que durante dez anos eles sustentaram, e não é possível você manter sob a ordem de comando quaisquer uma população inteira, durante dez anos exposta a todos os sacrifícios, eles passaram a duras misérias, passaram necessidades, né, mais não eram uns miseráveis despersonalizados, não eram pessoas sem dignidade. Eles lutavam convictamente.

⁴¹³ Transcrevi deste programa somente os trechos de interesse para a pesquisa.

Sobre o gado

Causas da Revolução

Mozart: Gado gaúcho: o Império no Brasil não assistiu a pecuária, que não era de boa qualidade. O Moacyr Flores no seu trabalho específico sobre a Revolução Farroupilha, é um outro livro além do *Modelo Político dos Farrapos*, ele mostra muito bem que o gado era de má qualidade, sabe-se disso, foi aquele gado velho, casco velho que veio dos jesuítas, e atirado no campo sem maior assistência, não tinha tapumes, não tinha remédios, e eles iam se aproveitando daquele gado magro, exposto as invernias as carrapatiadas, e fazendo um charque de má qualidade, porque esse era comida de escravos, que foi mandado para sustentar as lavouras do café nascente em São Paulo e as Minas Gerais meia exaustas mas que ainda sustentavam parcialmente o Império. E por isso então, eles trataram de explorar esse charque ao máximo, que era a única riqueza que eles possuíam. Quando chegou o sal, que foi, que vinha a princípio de Cadiz na Espanha e de Cetubal, vinha de Cadiz ou de Cetubal, vinha de lá, em Portugal. Quando veio, chegava esse charque, esse sal aqui, ele era taxado com altos impostos, veja só, pelo governo Imperial, por outro lado, outras, outras taxações incidiam sobre a arroba de charque exportada, 600 réis, 100 mil réis por légua de campo, o que era uma exorbitância naquele tempo, e somando tudo isso 25% das rendas do nosso pecuarista. O Império, não é, o Império cobrava. Enquanto isso o Prata que tinha um gado de melhor qualidade e os tapetes de trevos, não é, aquelas alfombras a margem do Rio da Prata, que teve a sorte de receber todo o cálcio aluvional que descia pelo Rio da Prata que nasce como Rio Grande na Serra da Mantiqueira, leva todo o cálcio do Brasil, criou naqueles tapetes uma gadaria de primeira qualidade e de melhor, melhores raças vinda da Inglaterra e ainda assistidas pela Inglaterra, além disso eram subsidiados, os impostos eram muito menores, por isto que eles chegavam no Brasil com um, preço muito menor, e nosso fazendeiro não podia sustentar essa concorrência. De modo que essa foi uma das lutas.

Sobre Universidade

Mozart: um das reivindicações dos farrapos foi pela cultura, e quando eles se instalaram plenamente na Revolução, e proclamaram a República Rio-grandense em 11.09.1836 no campo dos Menezes e depois passaram para Piratini, eles foram os gaúchos criadores de um projeto de Universidade, veja bem como eles tiveram, criaram a Escola de Artes e Ofícios no Arsenal da Marinha em 1837, para filhos de operários pobres, é a nossa, a Universidade que eles projetavam não é, fazia com que aqueles que quisessem seguir a carreira universitária fossem dispensados da carreira militar, e havia ainda outras características dessa Universidade, avançadíssima para a época.

Sobre os heróis farroupilhas

Mozart: agora para resumir, eu, a minha posição é de não pretender que os farrapos fossem homens fora do comum, que fossem heróis, é, romântico, aqueles heróis sem mancha e sem medo, como querem fazer esses cavaleiros andantes da liberdade, os Quixote da liberdade, nada disso, eles foram homens comuns, que foram como diz o Fernando Carneiro, compelidos a lutar para defender o próprio pêlo, eles não tinham nível para pleitear mais do que, é, um rancho para viver, o seu cavalo, a sua mulher, a sua família, e, mantendo naquelas condições que o Rio Grande do Sul permitia naquela época, não quisera mais nada do que isso, foram apenas estes homens. De modo então que nós, não estamos preocupados em defender ou heroizar, a heroicidade dos rio-grandenses, mas não queremos demolir os mitos gaúchos, como faz o nosso Luiz Roberto Lopes, ele escreve um livro muito bonito sobre a Revolução Farroupilha e diz a contestação dos mitos gauchescos, é a intenção dele. Ora, o mito é um

decreto da evolução humana, e as pessoas que se preocupam em demolir os mitos, isso é como aqueles que querem negar deus Nosso senhor, ou os deuses do Olympo, eles morreram sem que se fizessem a menor contestação. Assim, os mitos do herói gaúcho vão desaparecer pelo longo do tempo, quando a cultura geral beneficiar a todos. Não é preciso que eles venham esclarecer as pessoas, e matar ilusões. Elas não fazem mal a ninguém.

Os Estudantes Gaúchos e a Propaganda Pró-Universidade

Mozart Pereira Soares

A Comissão da História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com vistas à elaboração da monografia sobre sua origem e evolução, vem entrevistando pessoas que, por qualquer forma de atividade, tenham participado de acontecimento relacionados com seu surgimento.

Entre outros depoimentos, reconheceu o de Cyro Martins, ilustre Médico Psiquiatra, hoje dono de uma das obras literárias mais expressivas do Rio Grande do Sul.

Estudante de Medicina em 1930, Cyro Martins teve participação destacada no grupo de Estudantes de nível superior que agitou o problema da organização universitária entre nós, naquela época. Na entrevista cuja síntese estamos fazendo, ele nos retrata o ambiente político e intelectual daquele momento.

Entrevistador: Dr. Cyro Martins, o senhor que participou ativamente do movimento estudantil em Porto Alegre que precedeu a formação de nossa primeira Universidade oficial, poderia nos retratar o ambiente daqueles dias?

Cyro Martins: Eu me lembro que um dos primeiros estudantes (não meu colega, porque Estudante de Direito) a nos falar em Universidade, foi o Waldemar Ripoll. Além de meu amigo e conterrâneo, nos aproximavam o gosto pelas letras e pelas lutas políticas. Tudo nos indicava que o Ripoll tivesse um grande futuro, sobretudo como homem público. Era um ensaísta político. Infelizmente, terminou assassinado em Rivera, onde estava como asilado, em 1934. Se não recordo detalhes de nossas palestras sobre Universidade, me lembro da atmosfera. Nutríamos a convicção de que a vida cultural de Porto Alegre e do Estado

quarto de estudante, uma fotografia de Alcides Maya. E assim o fizemos. Quando o Augusto Meyer, em 1931, me levou à presença de Alcides, me apresentou com estas palavras: "Olhe, aqui está um dos inauguradores de seu retrato".

Alcides era autor que a gente lia e relia. Recordo outro fato que testemunha o que digo. Em 1933, após uma reunião, em que se organizava a "Fundação Eduardo Guimarães", de curta duração, de lá saímos em companhia de Alcides. Estavam presentes o Augusto Meyer, Reinaldo Moura, Erico Verissimo, Othelo Rosa, Moisés Velinho. O mais jovem de todos era eu. Então fomos para um bar e lá fiz de improviso uma saudação ao Alcides Maya com frases somente dele, que sabia de cor. Relembro isto porque nos retrata o ambiente intelectual dos jovens daquela época.

Estávamos também muito empolgados pelo Modernismo. Esse movimento, como se sabe, entrou fácil no Rio Grande do Sul pelo seu aspecto nacionalista. Vivíamos ainda as conseqüências do surto regionalista, conseqüente à revolução de 1923, que reativou o espírito nativista, a idealização do gaúcho e a produção literária gauchesca. O Modernismo, além dos aspectos formais da revolução contra a métrica e contra a rima, era, sobretudo, uma proposição de espírito nacionalista. No Rio Grande do Sul, indiscutivelmente, ele teve influência no movimento pró-universidade, porque estimulou o espírito nacionalista.

Nossa primeira reunião pública a favor da Universidade ocorreu, creio, uns três dias antes do 3 de outubro de 1930, na Biblioteca Pública do Estado. Discursaram o Waldemar Ripoll

das influências: entre as figuras do Corpo Docente, na época, houve uma que se destacou muito, considerado um dos líderes da Reforma, que foi o Professor Simch...

Cyro Martins: Francisco Rodolfo Simch, que eu conhecia assim à distância, por ser ele professor na Faculdade de Direito, mas sentia, digamos assim, o influxo de seu prestígio.

Entrevistador: E, na Medicina, quais foram os Professores?

Cyro Martins: Três se destacaram, como mais abertos e os três libertadores. Naquele tempo, ser libertador, era muita coisa: algo assim como ser comunista hoje. Eram eles: Raul Pilla, não preciso dizer mais nada; Raymundo Gonçalves Vianna, brilhante conferencista e ensaísta, e Ney Cabral, Professor de Física Médica, muito sério e respeitado e clínico de prestígio. Tal vez devido a esse espírito de abertura para a Universidade, eles estiveram a fastados da Faculdade em 28 ou 29, durante um ano e tanto. Quando retornaram, era um comício em cada aula. Tanto que se disputava entre os estudantes, a que aula assistir no dia do regresso deles, se a do Pilla, do Raymundo ou do Ney. Eu fui assistir às do Raymundo, que era o mais eloqüente.

Entrevistador: Tendo acompanhado, como homem de larga vivência cultural, a origem e desenvolvimento de nossa Universidade, até que ponto foi ela a dos seus sonhos?

Cyro Martins: Bem, quando a Universidade foi fundada, eu não estava aqui. Após a formatura, estive três anos em Quaraí, minha terra natal, clinicando e preparando o material para os romances sobre o gaúcho e né que depois

do ao ensino médico, ainda que fora da Universidade. Como psicanalista, exerceu função didática: Sou professor do Instituto de Psicanálise.

Em linhas gerais, creio que está faltando para nossa Universidade, um pouco mais de autonomia, para que se reative. Há pouco tempo, por ocasião dos 80 anos de nossa Faculdade de Medicina, escrevi que a ela está faltando uma reintegração. Digo reintegração, porque ela se desagregou, nem mais se de ela tem. Para que uma Faculdade se integre, tem de começar pelo seu edifício, pela sua fachada, para o estudante se identificar com a casa em que estuda.

Entrevistador: Vou fazer uma pergunta, Dr. Cyro. Diante desses fatos, que espera ainda de nossa Instituição, ou mais precisamente, da U.F.R.G.S.?

Cyro Martins: — De certa forma já respondi essa pergunta. Não é tanto um esperar, como um desejar que ela, com maior direito de decisão, possa se aproximar mais de nossa realidade sócio-cultural e, conseqüentemente, estimular a criatividade de nossos jovens

Entrevistador: Dr. Cyro, se tiver alguma mensagem para o estudante ou para o professorado da Universidade, o microfone é seu.

Cyro Martins: Bem, esta mensagem não poderá ser formal, como dizer que tenho grandes esperanças em nossa Universidade e nossa juventude, não é? Mas penso que há mais motivos de esperança do que de desesperanças.

Quando atualmente as pessoas se queixam de nossa juventude, eu lembro que, há dois mil e quinhentos anos Sócrates registrava com amargura

Universidade. Queríamos um ensino autônomo mais ligado à terra, e ao mesmo tempo mais universal. A proteção econômica do Governo Central, porém não a dependência dele. Tudo isso, junto com ideais latino-americanos muito intensos. Nosso inspirador era José Henrique Rodó, cujo ensaio "Ariel" sabíamos de cor.

Dele conhecíamos ainda "Motivos de Proteo" e "Hombres de América". Todo o nosso grupo gostava de Rodó. O Ripoll, então, tinha por ele verdadeira adoração.

Outra figura que impressionou muito nossa geração foi o José Ingenieros. Como vêem, dois latino-americanos, o primeiro uruguaio e o segundo argentino. A princípio, Ingenieros nos pareceu um espírito mais aberto, de horizontes mais amplos. Hoje entendo que isso se deve ao fato de ser ele mais contundente, mais incisivo na exposição de suas idéias revolucionárias. À medida que fui amadurecendo, fui dando preferência a Rodó. Ele era mais poeta e tinha, por isso, maior senso de humor. Poesia e senso de humor, os dois elementos fundamentais de criatividade, segundo penso. Quando cito Ingenieros e Rodó, não quero dizer que eles tenham sido os únicos.

A grande figura estimada por nosso grupo, aqui, nessa época, foi o Alcides Maya. A propósito, vou narrar fatos ligados a nosso assunto, que retratam o ambiente intelectual de P. Alegre àquela época. Certa vez nos combinamos, o Salgado Martins, Nogueiro Leiria e outros, prestar singular homenagem a Alcides Maya. Silenciosamente, cada um de nós inauguraria, em seu

acho que do Centro Acadêmico de Direito; eu, em nome do Centro Acadêmico de Medicina; não recordo se de algum outro Centro Acadêmico alguém falou, mas o conferencista da noite foi o professor Raul Bittencourt. Ele também teve uma grande influência sobre nós. Eu assisti seus cursos de Filosofia. Eu me formei em 1933. A Universidade foi fundada um ano depois.

Nós tínhamos tido, no Rio Grande do Sul, a Escola de Engenharia, as Faculdades de Medicina e de Direito e não sei se a Escola de Agronomia também, criadas como entidades particulares. Não sei se fundações ou associações, mas de caráter particular. A luta que tiveram foi para se federalizarem, depois de haverem passado pelo Estado.

Falava-se muito que ela devia ficar na órbita estadual. Fazia parte da propaganda da Revolução de 30 a rebeldia contra o eixo Rio-São Paulo ou contra o triângulo representativo do centralismo dominante Rio-São Paulo-Minas. Nossa Universidade surgiu assim como uma das decorrências da Revolução que, a meu ver, trouxe estas vantagens fundamentais: no terreno social, a legislação trabalhista; no terreno político, o voto secreto e obrigatório, extensivo à mulher. Não importa que tenhamos passado, de então para cá, vários períodos sem eleição; quando estas retornarem, o voto será secreto e obrigatório e estendido à parcela feminina. Trata-se de uma conquista irreversível. A mesma coisa acontecerá quando retornar a Democracia plena, com eleições para todos os cargos. Não sei se me estendo de mais.

Entrevistador: Não, está perfeito. Uma pequena pergunta, ligada ao item

— "Sem Rumo", que é de 1935. Depois fui para o Rio estudar Neurologia e Psiquiatria. Esta não existia praticamente no Brasil, àquela época. Neurologia, sim, e contava com um serviço, talvez o melhor da América do Sul, de então, por influência do Dr. Antônio Austregéilo, que era também membro da Academia Brasileira de Letras. Homem curioso: inteligentíssimo, excelente neurologista, ótimo professor, mas quando pegava na pena era um desastre, se desmanchava completamente.

Quando voltei, fiz concurso para ingresso como Psiquiatra no Hospital São Pedro, o primeiro concurso que se realizou no Estado. Desse modo, permaneci fora da Universidade. Em todo o caso, tentarei responder a pergunta. Nossa Universidade, talvez pelo seu centralismo excessivo, por esta falta quase absoluta de autonomia, me parece um tanto despersonalizada. Nesse sentido, acho que todos nós, quer pertencamos ou não à Universidade, devemos batalhar pela sua recuperação. Teve bastante realce acho que no período do Prof. Paglioli. Posso estar dizendo uma barbaridade, por não pertencer à Universidade e não ter acompanhado de dentro suas vicissitudes. Entretanto, sempre estive ligado a ela e até hoje sou convidado pelas entidades médicas. Acho que não há um só Departamento da Associação Médica, em que eu não tenha ido fazer Conferência e, agora mesmo, acabo de publicar um livro "Perspectiva da Relação Médico-Paciente", onde quase todos os colaboradores são professores da Universidade. Fui o Coordenador e prefaciador, além de ter escrito a introdução da obra.

Sempre estive, de certa forma, liga-

amar o luxo, têm maus modos e despresam a autoridade, são irrespeitosos com os adultos e passam o tempo vagando nas praças, mexericando entre eles, são inclinados a contradizer seus pais, monopolizar a conversa quando estão em companhia de outras pessoas mais velhas, comem com voracidade e tiranizam seus mestres". E um Poeta Árabe, em 1280, nos deixou este achado genial:

"Teu filho é teu amo aos 5 anos, teu escravo aos 10 e teu dóbile aos 15; depois disso, será teu amigo ou inimigo, conforme o educaste".

Costumo dizer, sempre que tenho oportunidade: "Se quisermos ter filhos amigos, sejamos amigos de nossos filhos". Ser amigo dos filhos é estimular, sinceramente, o seu crescimento, é não termos medo de que saiam diferentes de nós. Podem ser tão bons, ou até melhor do que nós. Tomara que sejam pessoas. Estou convencido de que o mal maior da humanidade, é não ter ainda aprendido a criar filhos.

Entrevistador: E se está tardando a aprender a criar instituições...

Cyro Martins: É isto mesmo. A gente compreende que as instituições estejam sujeitas a muitos vendavais e muitos, sobretudo porque, no mundo moderno, estão cada vez mais envolvidos num todo. Compreendo que será muito difícil. Será mesmo impossível arrancá-los completamente desse todo, por motivos sociais, culturais, econômicos.

Mas teremos de buscar o arejamento que estimule a criatividade. Porque esta deve ser a finalidade precípua do ensino universitário.

ANEXO A8 – Transcrição da entrevista concedida por Paulo Pezat a Vânia Maria Oliveira de Freitas. Pelotas, 06.ago.2008. e-mail. Entrevista 7.

Olá Vânia,

É claro que estou lembrado. Peço desculpas pela demora em responder, mas estive viajando e depois envolvido com bancas aqui na UFPel. Como estu morando em Pelotas, tenho ido pouco à Capela, de modo que não tenho documento algum que a vincule ao Prof. Mozart. Em anexo estou enviando duas fotografias (em preto e branco) que fiz dele em 1996, uma diante do prédio e outra dentro do mesmo.

Com relação à questão que vc propõe, *Na tua visão o que significou para o Dr. Mozart ser um positivista e um dos últimos positivistas?*, posso referir o seguinte:

Lembro de uma conversa que tive com ele por volta de 2001 (após o acidente vascular cerebral que ele sofrera pouco antes) em que o questionei acerca de sua aproximação com o positivismo, ao que ele respondeu que ocorreu quando ele cursava a Escola Técnica Agrícola, então sediada no Instituto Borges de Medeiros (que funcionava no Morro Santana) e atualmente escola de ensino médio pertencente ao governo estadual. Trata-se da Escola Técnica de Agricultura João Simplício Alves de Carvalho, a ETA, sobre a qual ele escreveu um livro.

Ele referiu também que quem o aproximou da doutrina foi o Moysés Westphalen, filho do Frederico Westphalen (que fora funcionário da Diretoria de Terras e Colonização quando o Carlos Torres Gonçalves - de quem escrevi uma biografia em minha tese de doutorado, existindo um exemplar na biblioteca da PUC - era o diretor). Ele referiu que foi em meados da década de 1930 que foi pela primeira vez à Capela Positivista de Porto Alegre, em companhia do Moysés Westphalen (que já lecionava naquela escola). Antes disto na virada dos anos 30/40, o Prof. Mozart freqüentava o "porão" da Capela em companhia de Moysés Westphalen, Victorio Velloso, Albino de Bem e Veiga, Salvador Petrucci e, Ernesto de Freitas Xavier, dentre outros. Liam e discutiam as obras de Comte e as publicações dos positivistas religiosos brasileiros. Na ocasião, o Prof. Petrucci (agrônomo, como o Mozart e o Moysés) ministrou um curso sobre o positivismo para os interessados.

Posteriormente, por volta de 1943, depois de se formar em Medicina Veterinária, em viagem ao Rio de Janeiro, conheceu Carlos Torres Gonçalves ao visitar o Templo da Humanidade, na rua Benjamin Constant. No Rio, ele referiu que, em determinada ocasião, conheceu o Marechal Rondon, membro da Igreja Positivista do Brasil.

Cabe destacar que o Prof. Mozart aceitou o positivismo enquanto método científico e até mesmo enquanto projeto político (vide a biografia que escreveu do Júlio de Castilhos em 1991), mas jamais o ouvi dizer que aceitasse o positivismo enquanto doutrina científica. Aliás, havia um dispositivo nos estatutos da Igreja Positivista do Brasil que impedia que professores de ensino superior se tornassem "confrades" da agremiação. Cabe destacar que os principais representantes da IPB em Porto Alegre após a partida de Carlos Torres Gonçalves para o Rio de Janeiro (em meados da década de 1930) eram professores da Faculdade de Agronomia da UFRGS, casos so Salvador Petrucci, do Moysés Westphalen e do próprio Mozart Pereira Soares. Não posso dizer se ele aderiria formalmente à Religião da Humanidade se não houvesse tal obstáculo.

Pode-se dizer que Mozart Pereira Soares foi o último intelectual gaúcho a ter no positivismo sua referência ideológica fundamental, o que se deve, em grande parte, ao momento e ao meio em que viveu, ainda tendo oportunidade de conviver com alguns dos positivistas dos tempos áureos da influência deste ideário no Rio Grande do Sul.

É isto o que me ocorre no momento.

Espero que seja de alguma utilidade.

Abraço,

Paulo Pezat.



Fonte: Arquivo particular do Professor Paulo Pezat – Dr. Mozart na Capela Positivista de Porto Alegre.

ANEXO A9 – Transcrição da entrevista concedida por Alcy Cheuiche a Vânia Maria Oliveira de Freitas, *Discípulo do Dr. Mozart*. Caçapava do Sul, fev.2007.e-mail. Entrevista 8.

Conforme combinado com sua esposa por telefone, estou lhe enviando algumas perguntas sobre a história de vida do Dr. Mozart, e gostaria que o senhor como um grande amigo dele falasse sobre sua trajetória de vida.

Prezada Vânia

Ainda estou muito magoado com a morte do Dr. Mozart. Com o passar do tempo, sei que darei respostas melhores.

Vânia: Dr. Mozart é conhecido como um grande intelectual no Rio Grande do Sul, personagem que deu uma contribuição muito grande como escritor, gostaria que o senhor falasse um pouco sobre as obras do Dr Mozart, principalmente, porque essa questão é muito significativa na minha tese. Gostaria também que me dissesse o significado dessas obras, na poesia, na prosa e na história, enfim, nos dizendo (traduzindo), a importância que possui a escrita do Dr Mozart. Quando falo isso é porque sei que o senhor teve uma estreita relação de amizade com ele.

Alcy: A resposta está no necrológio publicado na edição da revista A Hora Veterinária (edição nº 155, janeiro de 2007) que reproduzo a seguir.

MOZART PEREIRA SOARES ADEUS AO MESTRE

Na terra vermelha de Palmeira das Missões nasceu um dos homens mais preciosos que o Brasil possuía. E nela repousa agora, depois de encantar a terra em noventa e um anos de vida.

O conhecimento individual, na era das especializações, é cada vez mais limitado. Vai longe o tempo em que um único ser humano era depositário de extensões imensas de sabedoria. Temos que recuar mais de dois milênios para encontrar o modelo de Mozart Pereira Soares. Aristóteles, que foi capaz de entender o funcionamento do organismo humano, dos animais e das plantas, e de especular sobre a origem e o destino de todos os seres vivos, despertou naquele jovem estudante de Medicina Veterinária a ânsia do conhecimento universal. E quando, no ano de 1954, defendeu sua tese de Doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, parece que defendia também o direito de recuar no tempo para enxergar mais longe e melhor. Concepções Anatômicas e Fisiológicas de Aristóteles recebeu nota máxima da banca examinadora e revelou ao meio acadêmico brasileiro uma nova estrela das ciências médicas.

Antes disso, como conta em sua trilogia A Restauração da Manhã, composta dos livros de memórias Pastoral Missioneira, Tempo de Piá e Meu Verde Morro, o menino Mozart teve que vencer a pobreza, que Saint-Exupéry considerava o maior de todos os obstáculos para o sucesso humano. Descrita por ele mesmo em palavras simples: Ainda vim a conhecer o galpão velho em que nasci, mal arrimado em seis esteios cambembes, rodeado de costaneiras de pinho, cheio de frinchas por onde o vento miava. Na névoa dessas lembranças surge o meu pai, que eu via de bigode ruivo, carão vermelho e peito suado, trabalhando, criando as coisas que se espalhavam à roda de nós, sobre a terra.

A mesma terra vermelha que está amontoada ao lado do buraco cavado à pá, onde pediu para ser colocado o seu corpo sem vida. No lugar onde nasceu, no dia 29 de março de 1915, vai repousar o Mestre que nos deixou no dia 11 de dezembro de 2006. Plantado no campo como uma das muitas árvores que cultivou. No meio ambiente despido de poluição que conservou como ecologista, um dos pioneiros dessa militância ao lado de José Lutzenberger. Próximo a uma escola agrícola, outra de suas paixões, o túmulo será vizinho do pinheiro de trezentos anos, que ele apresentava com orgulho aos visitantes, e da casa que foi seu refúgio, onde será construída uma biblioteca para abrigar os milhares de livros que ele leu e guardou. Um túmulo pastoral, digno de um sábio. Onde cada manhã será restaurada pelo perfume da brisa e o canto dos sabiás.

Mozart Pereira Soares, que aprendeu a ler nos jornais que vendia nas ruas de Palmeira das Missões, tem hoje na cidade missioneira um magnífico Centro Cultural com o seu nome. Cientista e artista conhecido e admirado em todo o país, nos deixa duas cadeiras vagas: uma na Academia Brasileira de Medicina Veterinária, com sede no Rio de Janeiro, e outra na Academia Rio-Grandense de Letras, em Porto Alegre. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul conquistou dois diplomas de graduação: o de Médico-Veterinário, em 1943, e o de Advogado, em 1986, aos 71 anos de idade. Nesse meio tempo, como Professor Catedrático de Anatomia e Fisiologia dos Animais Domésticos, deixou sua marca em milhares de alunos, foi Diretor da Faculdade de Agronomia e Veterinária, Membro do Conselho Universitário e Reitor pro tempore da mesma Universidade que o iria destacar, em 1999 com o título de Professor Emérito. Na Universidade de Santa Maria, indicado pelo Prêmio Nobel Bernardo Houssay, de quem tinha sido aluno em Buenos Aires, foi o primeiro Professor de Fisiologia da Faculdade de Medicina, uma façanha digna de um veterinário de notório saber.

Saber idêntico iluminava o homem de letras, detentor de muitas distinções literárias, como a Medalha Simões Lopes Neto, escritor que conhecia a fundo e sobre o qual nos deixou um ensaio magnífico: Aspectos sensoriais em Lendas do Sul. Erico Verissimo, que nasceu na cidade vizinha de Cruz Alta, escolheu Mozart Pereira Soares para prefaciá-la mais famosa de suas obras, O Tempo e o Vento. Ivan Lins elogiou seus livros em prosa e verso, o identificando como possuidor de uma daquelas almas sonoras, a que se referia Eça de Queiroz, nas quais vibra, em resumo, toda a vida que as cerca. O livro/poema que escreveu sobre o Papa João XXIII, Adaga Flor, é obra de referência ética e estética. Erva Cancheada revelou ao Rio Grande do Sul e ao Brasil o belo folclore dos ervateiros, dos artífices do chimarrão. E para quem quiser conhecer um esboço abrangente de toda a obra escrita do nosso Mestre, recomendo o livro de Antonio Hohlfeldt, Saber Universitário com Gosto Campeiro que tive a honra de prefaciá-la na primavera de 1997: De tanto ver triunfarem as nulidades, como dizia Ruy, muitos até duvidam que existam ainda hoje seres humanos enciclopédicos como Mozart Pereira Soares. Intelectuais famintos de saber que conheçam e dissertem com a mesma profundidade sobre a história dos homens, a vida dos animais, o cultivo das plantas, a idade das pedras e a pureza das águas.

Aqui perto deste túmulo campeiro, junto ao qual acabo de dizer algumas palavras de despedida, está aquela nascente onde Mozart bebia com as mãos em concha, desde a mais remota infância. Um lugar mágico onde ele levou a esposa Terezinha Beltrão Soares, seu primeiro e único amor, a beber com ele em muitos e muitos anos de vida, e onde chorou sua morte em janeiro de 2004. O olho d'água que é o ponto de partida, como dizia Emil Ludwig, dos seres humanos e dos rios. Algumas dessas nascentes somem debaixo da terra depois de

alguns poucos passos, outras se transformam apenas em poços ou pequenas lagoas. Raras são as que formam rios capazes de chegarem ao oceano. Como esta de Mozart Pereira Soares, um ser humano que atingiu as maiores profundidades sem deixar de ser sempre límpido e cristalino. Um cérebro poderoso a serviço do bem.

Vânia: Gostaria que o senhor lembrasse em que circunstância conheceu o Dr. Mozart? Ele teve alguma influência na sua vida como escritor? Qual?

Alcy: Conheci o Dr. Mozart no auditório do antigo Instituto de Fisiologia que funcionava no prédio da Faculdade de Medicina da UFRGS (o prédio ainda existe, na rua Sarmento Leite, frente à Faculdade de Direito, em Porto Alegre). O interessante é que eu, no segundo ano de Veterinária, cheguei quinze dias atrasado para o reinício das aulas. A razão foi soberana: estava tropeando um gado para o meu pai, tropeada antiga, a cavalo, que hoje existe só na poesia e na saudade de alguns. Assisti à aula (que deve ter sido a terceira ou quarta do curso) e fiquei impressionado com o mestre. Era março de 1960 e ele estava completando 45 anos de idade, o que fiquei sabendo muito mais tarde. Finda a aula, antes que os alunos se retirassem, ele perguntou: Qual de vocês é o Alcy José de Vargas Cheuiche? Levantei-me e ele disse apenas: Fique um pouco mais, preciso falar-lhe. Consciente de que estava em falta com ele, me deu um frio na barriga. Mas o assunto era outro. No fim do ano anterior, eu havia publicado uma poesia no jornal dos estudantes, chamada “Reza Chucra”, e o mestre começou a elogiá-la, perguntou se eu escrevera outras e convidou-me a acompanhá-lo até seu apartamento na Rua Venâncio Aires. Atravessamos o Parque da Redenção conversando como velhos amigos. Nossa diferença de 25 anos de idade nunca foi obstáculo para isso. Chegando lá, ele me apresentou a esposa, a querida Tereca e os seus muitos livros. Já saí levando um deles para ler em casa. Sua influência na minha futura carreira de escritor começou naquele dia. Guardei duas frases preciosas: não há nenhuma incompatibilidade entre a ciência e a arte, nada te impede de ser poeta, romancista e veterinário ao mesmo tempo (ele era o exemplo disso). Também me disse, ao emprestar-me o primeiro livro: ninguém escreve bem sem ler muito. Preciosos conselhos que me serviram e me servem até hoje. Além disso, foi o meu prefaciador predileto, como falaremos mais adiante.

Vânia: Existe algum fato importante do Dr. Mozart que o senhor testemunhou e gostaria de relatar?

Alcy: Muitos, mas relatarei o primeiro que me vem à memória. Participávamos, em meados da década de 1980, de um seminário sobre história do Rio Grande do Sul. O local era o Plenarinho da Assembléia Legislativa e os conferencistas estavam matando o público de sono. Um terço da platéia já havia desertado quando o Dr. Mozart subiu na tribuna e disse bem alto: *O Rio Grande do Sul é filho de um santo macho, São Paulo, e de uma santa fêmea, Santa Catarina!* O público riu e se acordou para ouvir, sem outro recurso que não a palavra, uma das melhores aulas já administradas sobre a nossa história. Aliás, ele nunca usava recursos áudio-visuais. O áudio era sua palavra, sempre adequada e sábia, o vídeo a sua presença física, a gesticulação sóbria e precisa, a vocação para o palco.

Vânia: Que lembrança que o senhor tem do Dr. Mozart como profissional?

Alcy: A lembrança de um homem generoso, que viveu apenas do seu salário na Universidade, desprezando cachês e esbanjando maravilhosamente o seu talento. Tinha sabedoria e paciência para responder qualquer pergunta, seja na literatura, seja nas ciências médicas, suas duas especialidades. Às vezes, as reunia magistralmente, como no ensaio *Aspectos sensoriais*

em Lendas do Sul, em que analisa a obra prima de Simões Lopes Neto sob a ótica de um mestre em Fisiologia. Sua memória era extraordinária, sendo capaz de ilustrar suas palestras com trechos inteiros de seus autores favoritos, como Eça de Queiroz. A primeira vez que a memória lhe faltou, eu estava presente. Com quase noventa anos, ele relatava suas experiências como estudante de veterinária na década de 1940 para os arquivos filmados do CRMV-RS e parou de repente de falar. Dois dias depois teve a primeira isquemia cerebral. Deixou de fazer conferências a partir daí, mas nunca perdeu a lucidez. Como exemplo disso, segue em anexo a crônica que escrevi nos seus noventa anos.

MOZART PEREIRA SOARES, O MESTRE

Alcy Cheuiche*

O mestre vai fazer noventa anos. No ano passado perdeu sua esposa, um golpe forte para quem sempre foi feliz no casamento. Recolhido ao seu sítio de Palmeira das Missões, Mozart Pereira Soares esta bem cuidado. Mas nós, seus amigos que vivemos longe, sentimos falta da sua presença. Porque o mestre é único. Um ser humano muito difícil de clonar.

Conheci o Professor Mozart em Porto Alegre, na antiga Faculdade de Medicina da UFRGS, hoje um prédio abandonado na frente da Faculdade de Direito (que ele iria cursar depois de aposentado, diplomando-se advogado com 71 anos). Eu cursava Medicina Veterinária, mas a Cadeira de Fisiologia era comum para as ciências médicas. Ali, o Prêmio Nobel de Fisiologia, Bernardo Houssai, deixara sua marca no aluno predileto. Primeiro argentino a receber uma tal honraria, ele recebera o jovem Mozart em Buenos Aires, para um Curso de Aperfeiçoamento, em 1949. Nada melhor para expandir os conhecimentos de nós todos, seus futuros alunos, do que uma tal parceria. Não é de estranhar, portanto, que Mozart Pereira Soares, como veterinário, tenha sido o primeiro Professor de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Santa Maria.

Além do sucesso como professor universitário, o Professor Mozart é historiador, romancista e poeta. Seu livro “Erva Cancheada” é obra definitiva da poesia regional. Seu primeiro romance, “A pastoral missioneira” recebeu em 1972 o Prêmio Literário Ilha de Laytano, um dos mais importantes da época. Ali, o mestre nos conta a sua infância campesina, como quem a fosse pintando com aquarela. Todo o meio que o cerca, quando abriu os olhos para o mundo, ganha vida e mexe com as nossas emoções: o rancho dos avós onde nasceu e a casinha modesta dos pais, os utensílios da vida diária, os bichos, as árvores, a sanga com seus lambaris, as primeiras artes e o castigo certo pelas mãos do pai. Tudo é real, puro, emocionante, como no primeiro livro de infância de Marcel Pagnol, o grande escritor francês, e talvez até melhor.

Antonio Hohlfeld garimpou sua obra e revelou-a por inteiro no livro: “Saber universitário com gosto campeiro”. Uma grande definição de um homem que muitos consideram um dos mais cultos do Brasil.

Há pouco tempo, fui visitar o velho Professor em seu refúgio. Ao entardecer, conversando com ele diante da casa do sítio, com uma linda paisagem de mata preservada e coxilhas verdes, ergueu-se em vôo rasante um quero-quero. Para provocar sua memória, perguntei:

– Como é o nome científico do quero-quero, Mestre?

Sem titubear, ele respondeu:

– *Bellopterus chilensis lampronatus*.

E acrescentou:

– Em tradução livre, o nome vem do latim *bellus*, guerra e *pterus*, asa. Ou seja, o que carrega a arma nas asas.

E me veio à mente o final do poema de Glaucus Saraiva “A lenda do quero-quero”, recordando essa característica da nossa ave sentinela:

“Voará com a esperança,

guardando a ponta de lança

a gaúcha tradição”.

Podemos todos ficar tranquilos. Mesmo completando 90 anos no dia 29 de março, o Mestre continua possuidor de uma mente clara e poderosa. E podemos seguir aprendendo com ele. Graças a Deus.

Vânia: Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre os seguintes prefácios que o Dr. Mozart escreveu:

- O Gato e a Revolução
- O Planeta Azul
- Um filme sobre Sepé Tiarajú
- Versos do Extremo Sul

Alcy: Além dos mencionados, gosto muito do prefácio do meu romance “A mulher do espelho”. Mas todos seus prefácios falam por si próprios, não acho necessário que os interprete, a não ser pontualmente, se você quiser alguma explicação.

Vânia: O senhor saberia responder qual foi a maior preocupação do Dr. Mozart com o meio ambiente?

Alcy: Basta ler o livro “Pastoral Missioneira” para entender que ele nasceu num pedaço de paraíso (e quis ali ser enterrado). Raramente um escritor, com exceção talvez de Marcel Pagnol, tenha narrado com tanto encantamento o meio ambiente de sua infância. Aquele ar puro ficou para sempre em seus pulmões e ele lutou para dividi-lo com os seus semelhantes. Foi professor de José Lutzenberger na Escola de Agronomia e Veterinária da UFRGS e secundou-o sem vaidades como vice-presidente da pioneira AGAPAN. Sua bibliografia é extraordinária nesse campo.

Vânia: O senhor gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o Dr. Mozart para encerrar essa entrevista?

Alcy: Perder o Dr. Mozart só aumentou minha consciência de como era único, insubstituível em tudo o que fazia. Sempre me tratou como um filho querido, um aluno que ele desejava que superasse o mestre, o que foi impossível para mim. Mas seguir seu exemplo ajudou-me e ainda me ajuda a não perder o rumo, tanto no sucesso, como no fracasso. Sou muito orgulhoso dele. Foi o homem mais inteligente e culto que conheci.

Fico à disposição para outras informações que você julgar necessárias.

Atenciosamente,

Alcy Cheuiche.

ANEXO A10 – Documentário 2

IMAGENS EXTERNAS e DECLARAÇÃO: Dr. MOZART PEREIRA SOARES. Sérgio Machado. Palmeira das Missões (sítio),[s.d.]. 1 Fita, 120 min, col, son.,VHS. FITA DE VÍDEO.

Wilmar Winck Souza

Para mim é bastante honroso participar desse encontro aqui na residência do professor Mozart, quando o Serginho Machado esta fazendo um documentário dessa personalidade extraordinária, que a Palmeira muito se orgulha de ser sua terra mãe, eu tive a felicidade já desde menino, de conviver com o Dr. Mozart, em que pese nossa certa diferença de idade, entre eu e ele, mas em virtude da grande amizade que ele sempre manteve com a família de minha mãe, com o falecido tio João Winck, o meu avô que era compadre do avô dele, do capitão Vicentino Pereira Soares. Em função de tudo isso, a gente teve um relacionamento bastante estreito, e por último de tantos serviços relevantes na área cultural que o Dr. Mozart prestou a Palmeira, culminou num tempo mais contemporâneo a sua grande participação na criação do Carijo da Canção Gaúcha, cujo Festival leva esse nome por sugestão dele, porque que quando se pensou através do Lourenço Ardenghi Filho, que era nosso prefeito, de criar um festival de música, nós nos reunimos e o Dr. Mozart foi sugerindo que, deveria se chamar Carijo da Canção, porque a Palmeira é filha da erva-mate, e isso foi bastante interessante, e a grande imprensa não entendeu direito a mensagem, e passaram a chamar de carijó. Carijó nós sabemos que é uma pena de galinha, ou um revirado de arroz-com-feijão, e, mas isso foi muito bom para ajudar a divulgar o festival, então nós devemos além de tantas coisas mais essa ao Dr. Mozart. Razão porque ele é hoje o Patrono Cultural do Carijo da Canção Gaúcha e então, falar em Mozart é confundir a cultura rio-grandense com esta figura extraordinária, é saber que se trata de uma das maiores culturas gerais que se conhece aqui no nosso estado e sem favor nenhum no nosso país. Dr. Mozart não deixa nada a desejar entre as grandes culturas nacionais, então é um orgulho para nós poder conviver e privar da intimidade de um Mozart Pereira Soares. Eu me sinto muito orgulhoso e gratificado, eu até inclusive ao nosso criador, ao grande arquiteto do universo por nos ter concebido esta graça, e é uma amizade que se perpetua por tempo afora, e nós estamos continuando, porque nossos ancestrais já foram, e nós também já estamos a meio caminho, a sorte, que a vida é assim, é uma eterna sucessão de criaturas, mas por derradeiro vocês sabem que eu tenho a mania de fazer algum verso, e fazer verso perto do Mozart é meio temerário, porque é meio temerário, porque não é muito fácil, mas então como é mais de um eu botei aqui no papel, como derradeiro dessa minha intervenção agora aqui, nesse documentário que tu está fazendo, eu diria ao Dr. Mozart Pereira Soares:

A obra que nos legaste tem verdadeiro valor
A tua *erva-cancheada* de extraordinário sabor
Santo Antonio da Palmeira e os versos de adaga-flor
Restauração da manhã trilogia verdadeira
É a sua própria história vivida aqui na Palmeira
Tempos de piá, Verde morro e a *Pastoral missioneira*
Alecrim e Manjerona que tu cantaste com amor
A história dos ancestrais do poeta que é Doutor
Um manancial de cultura nosso amigo professor

CARIJO

ANEXO B1 – Decreto que oficializa o Carijo da Canção Gaúcha de Palmeira das Missões



Estado do Rio Grande do Sul
Prefeitura Municipal de Palmeira das Missões
Gabinete do Prefeito

DECRETO EXECUTIVO Nº 22/86 DE 14 DE MAIO DE 1986.

OFICIALIZA O 1º CARIJO DA CANÇÃO
GAÚCHA DE PALMEIRA DAS MISSÕES.

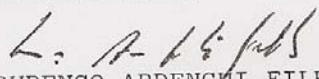
LOURENÇO ARDENGHI FILHO, Prefeito Municipal de Palmeira das Missões, no uso das atribuições legais que lhe confere a Lei Orgânica do Município e CONSIDERANDO a repercussão Turística e Cultural do Município no contexto nacional,

D E C R E T A

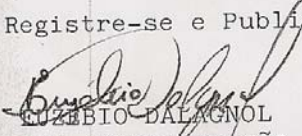
Artigo 1º - Fica oficializado o 1º CARIJO DA CANÇÃO GAÚCHA, a ser realizado neste Município nos dias 22 a 25 de maio de 1986, sendo promovido o evento pela Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Cultura Desporto e Turismo, e Comissão Executiva com o apoio das forças vivas da comunidade.

Artigo 2º - Esta Lei entraá em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE PALMEIRA DAS MISSÕES, EM 14 DE MAIO DE 1986.


LOURENÇO ARDENGHI FILHO
PREFEITO

Registre-se e Publique-se


GUIZÉBIO DALAGNOL
SEC. ADMINISTRAÇÃO

ANEXO B2 – Ofício convidando Dr. Mozart para participar do 6º Carijo da Canção Gaúcha de Palmeira das Missões.

CARIJO DA CANÇÃO GAÚCHA
Prefeitura Municipal
Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo
Palmeira das Missões – Rio Grande do Sul

Of.nº039/91 Palmeira das Missões, 17 de maio de 1991.

Prezado Senhor:

A Secretaria Municipal de Cultura, Desporto e Turismo, juntamente com a Comissão Organizadora do 6º CARIJO DA CANÇÃO GAÚCHA tem a honra de convidar Vossa Senhoria para o hasteamento do Pavilhão Estadual, a ter lugar dia 24 de maio, às 08:00 horas, no Parque Municipal de Exposições, dentro da programação do referido evento.

Certos de podermos contar com Vossa prestigiosa presença, agradecemos.

Atenciosamente


MANOEL LUIZ DE GÓMES


Secret. de Cultura, Desp. e Turismo

ILMO SR.

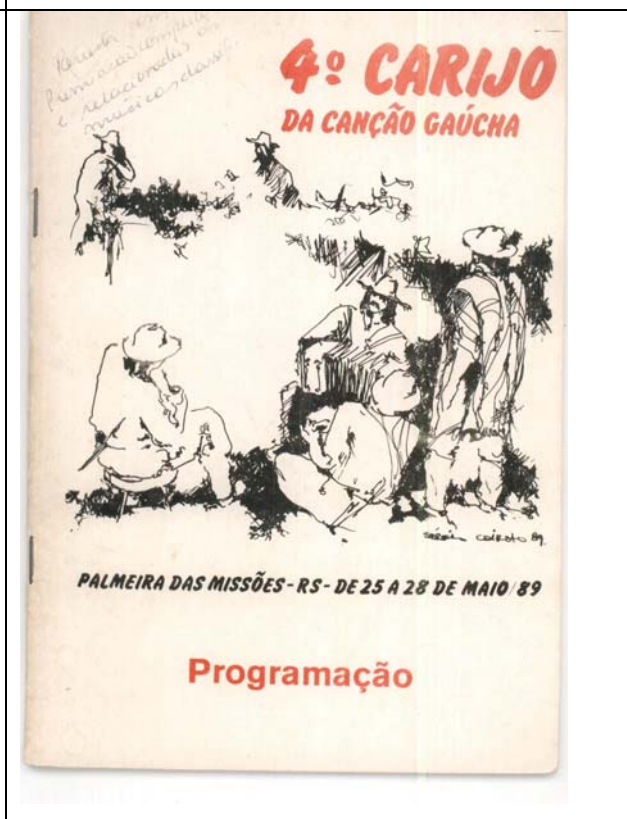
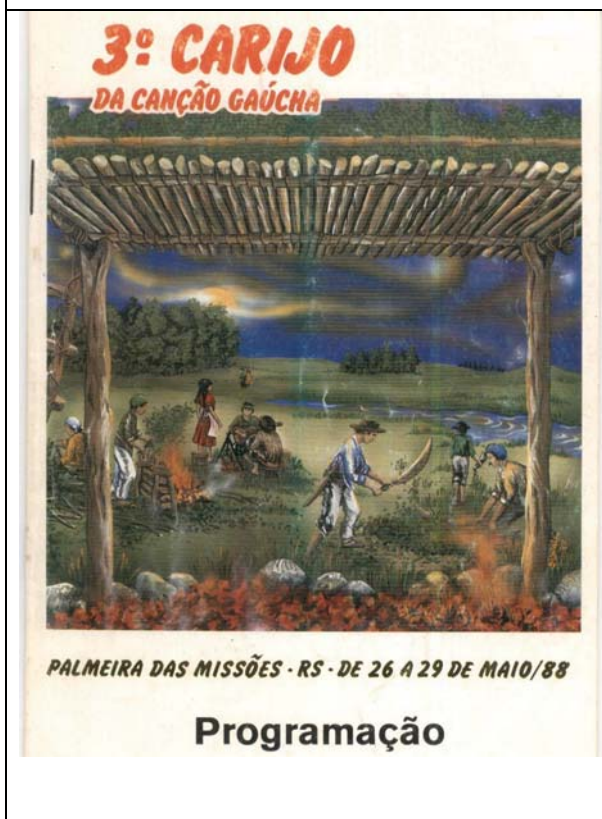
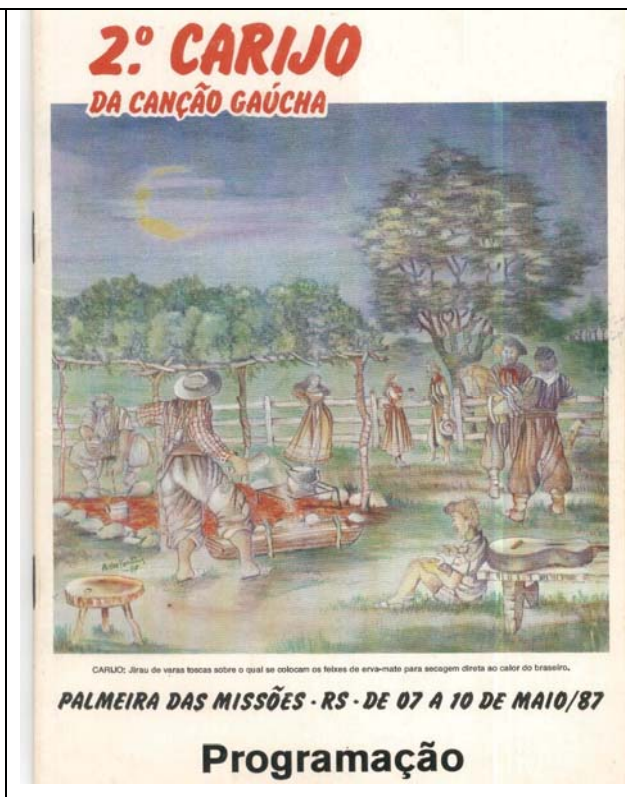
PROF. MOZART PEREIRA SOARES

MD. DIRETOR DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO

PORTO ALEGRE - RS

*Compareci
Hasteamos a bandeira
Batemos o automóvel.*


ANEXO B3 – Capas do Festival Carijo da Canção Gaúcha de Palmeira das Missões



5º CARIJO DA CANÇÃO GAÚCHA



PALMEIRA DAS MISSÕES - RS
DE 25 A 27 DE MAIO 90

Programação

Promoção:

Prefeitura Municipal
Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo

6º CARIJO DA CANÇÃO GAÚCHA



PALMEIRA DAS MISSÕES - RS
24 A 26 DE MAIO 91

Programação

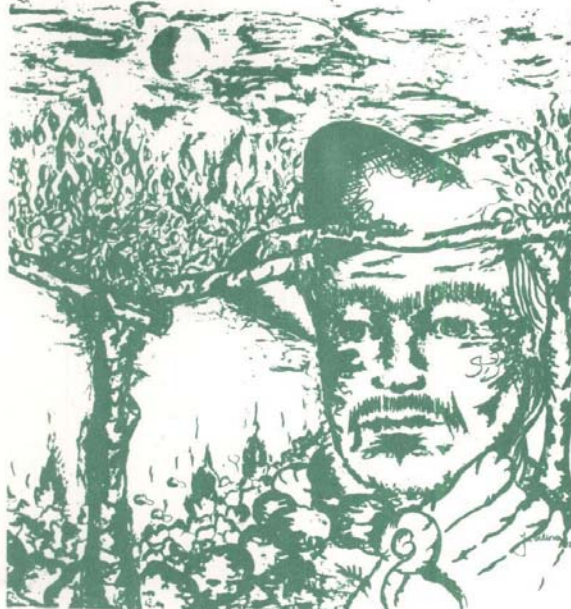
7º CARIJO DA CANÇÃO GAÚCHA



PALMEIRA DAS MISSÕES - RS
29 A 31 DE MAIO/92

Programação

8º CARIJO DA CANÇÃO GAÚCHA

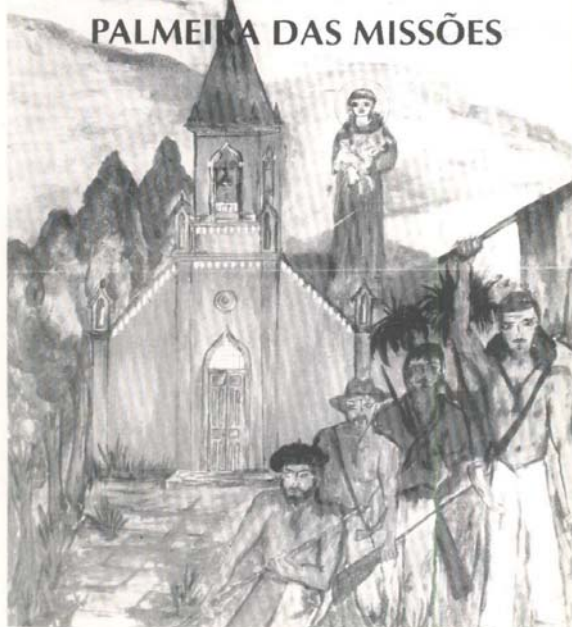


PALMEIRA DAS MISSÕES - RS
28 A 30 DE MAIO/93

PROGRAMAÇÃO

9º CARIJO da Canção Gaúcha

de 27 a 29 de maio de 1994
PALMEIRA DAS MISSÕES

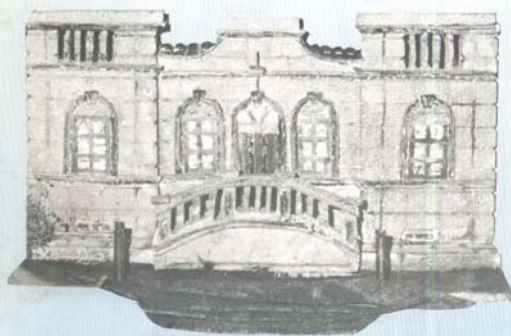


10º CARIJO da Canção Gaúcha

de 26 a 28 de Maio de 1995
PALMEIRA DAS MISSÕES-RS



11º CARIJO da canção gaúcha



24, 25 e 26 de maio de 1996.
PALMEIRA DAS MISSÕES

XII Carijo da Canção Gaúcha

de 29/05 a 01/06/97

Parque Municipal de exposições

C/Classificação

Palmeira das Missões-RS

Realizado por: Secretaria Municipal de cultura, Desporto e Turismo

Victor Hugo Cecatto

13º CARIJO

da Canção Gaúcha



Data:
28 a 31
de maio
de 1998

A cantoria
na terra da
erva mate

Promoção:



SECRETARIA MUNICIPAL DE
CULTURA, DESPORTO E TURISMO
E
COMISSÃO ORGANIZADORA
DO 13º CARIJO

14º Carijo

da
Canção
Gaúcha

de 27 a 30
de maio de 1999

A MÚSICA
COM SABOR
DE CHIMARRÃO

Promoção:



Secretaria Municipal de
Cultura, Desporto e Turismo
e
Comissão Organizadora

15º Carijo

da Canção Gaúcha



a música com sabor de chimarrão

25 à 28 de maio de 2000
PALMEIRA DAS MISSÕES - RS

Parque Municipal de Exposições

Promoção:



SECRETARIA MUNICIPAL DE
CULTURA, DESPORTO E TURISMO
E
COMISSÃO ORGANIZADORA

16º Carijo

DA CANÇÃO GAÚCHA

DE 24 A 27 DE MAIO DE 2001
PARQUE MUNICIPAL DE EXPOSIÇÕES



PALMEIRA DAS MISSÕES - RS

PROMOÇÃO:

- > PREFEITURA MUNICIPAL
 - > SEC. CULT. DESP. TURISMO
 - > COM. ORGANIZADORA
- INFORMAÇÕES:
FONE: (51) 742-1553

17º
carijo
DA CANÇÃO GAÚCHA
DE 23 A 26 DE MAIO DE 2002
PARQUE MUNICIPAL DE EXPOSIÇÕES



PALMEIRA DAS MISSÕES - RS

PROMOÇÃO:
 > PREFEITURA MUNICIPAL
 > SEC. CULT. DESP. TURISMO
 > COM. ORGANIZADORA

18º
carijo
DA CANÇÃO GAÚCHA
DE 29 DE MAIO A 1º DE JUNHO DE 2003
PARQUE MUNICIPAL DE EXPOSIÇÕES



PALMEIRA DAS MISSÕES - RS

PROMOÇÃO:
 > PREFEITURA MUNICIPAL
 > SEC. CULT. DESP. TURISMO
 > COM. ORGANIZADORA

19º
carijo
DA CANÇÃO GAÚCHA
DE 27 A 30 DE MAIO DE 2004
PARQUE MUNICIPAL DE EXPOSIÇÕES



PALMEIRA DAS MISSÕES - RS

PROMOÇÃO:
 > PREFEITURA MUNICIPAL
 > SEC. CULT. DESP. TURISMO

APOIO CULTURAL:
LIC
 LEI Nº 1.234 DE 2003
 FUND. DO RIO GRANDE DO SUL

21º
carijo
da canção gaúcha

*Quem tiver bom ensenbo que aproveite
a canchada crioula que inicia...
...
De uma coisa, porém, tenho certeza:
esta não tem mistura de cultura,
que meus passos só dão erro de léil..*

Mogast Pereira Soares

PROMOÇÃO:
 Prefeitura Municipal de Palmeira das Missões
 Secretaria Municipal de Cultura, Desporto e Turismo
 Comissão Organizadora

DE 25 A 28 DE MAIO DE 2006 - PALMEIRA DAS MISSÕES - RS
 "Eu tenho orgulho de ser da Palmeira"





22º carijo da canção gaúcha

Quem tiver bom coração que aprende a canção criada que ensina...

De uma coisa, posso, tenho certeza: esta não tem mistura de canção, que meus paços só dão essa de lei!

Hogart Pereira Soares

PROMOÇÃO
Prefeitura Municipal de Palmeira das Missões
Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes
Comissão Organizadora

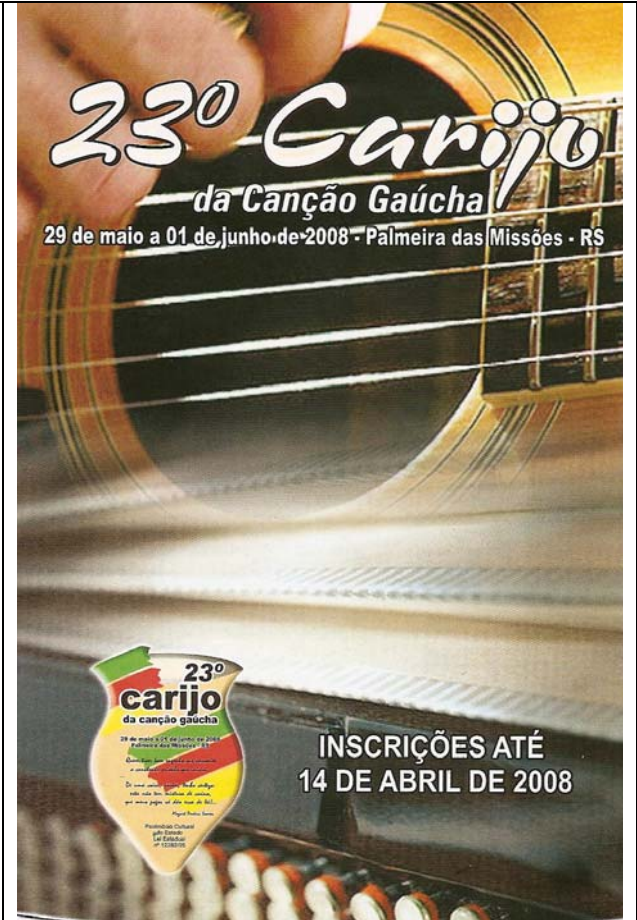
**de 24 a 27 de maio de 2007
Palmeira das Missões - RS**

“Eu tenho orgulho de ser da Palmeira”

Pé-No-Chão




ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Secretaria de Cultura



23º Carijo da Canção Gaúcha

29 de maio a 01 de junho de 2008 - Palmeira das Missões - RS

**INSCRIÇÕES ATÉ
14 DE ABRIL DE 2008**

23º carijo da canção gaúcha

Quem tiver bom coração que aprende a canção criada que ensina...

De uma coisa, posso, tenho certeza: esta não tem mistura de canção, que meus paços só dão essa de lei!

Hogart Pereira Soares

PROMOÇÃO
Prefeitura Municipal de Palmeira das Missões
Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes
Comissão Organizadora

Promoção
Prefeitura Municipal
Sec. Cultura, Desporto e Turismo




ANEXO B4 – Decreto da criação do Centro de Cultura de Palmeira das Missões

Prefeitura Municipal de Palmeira das Missões
Gabinete do Prefeito

DECRETO EXECUTIVO Nº67/88 DE 07 DE DEZEMBRO DE 1988.

CRIA O CENTRO DE CULTURA DE PALMEIRA DAS MISSÕES.

LOURENÇO ARDENGHI FILHO, Prefeito Municipal de Palmeira das Missões, no uso das atribuições legais que lhe confere a Lei Orgânica do Município e considerando:

- a conveniência de estimular, promover e divulgar as manifestações culturais da comunidade palmeirense;
- que o estímulo, a promoção e a divulgação das criações culturais de todo gênero contribuem decisivamente para a elevação espiritual dos indivíduos e da coletividade, dos quais passam a exprimir fielmente a identidade social e a riqueza mímica;
- que a instituição de um Centro de Cultura, reunindo num mesmo espaço, formas de expressão diversificadas, constitui uma atmosfera de fecunda emulação, proporcionadora de surto e de consolidação dos mais variados talentos;
- que o Centro de Cultura é um estabelecimento público essencial para o engrandecimento do patrimônio cultural da cidade.

D E C R E T A

Artigo 1º - Fica criado o Centro de Cultura de Palmeira das Missões, como entidade subordinada a Prefeitura Municipal.

Artigo 2º - O Centro de Cultura de Palmeira das Missões terá como sede o prédio construído especialmente para esse fim pela Prefeitura Municipal, à Rua General Osório nº850.

6

ANEXO B5 – Lei Municipal que autoriza o Executivo a instituir o nome do Centro de Cultura de Palmeira das Missões “Professor Mozart Pereira Soares”

Estado do Rio Grande do Sul
Prefeitura Municipal de Palmeira das Missões
Gabinete do Prefeito

LEI MUNICIPAL Nº1566

AUTORIZA O EXECUTIVO MUNICIPAL A INSTITUIR O NOME DO CENTRO DE CULTURA DESTES MUNICÍPIO E DESIGNAR OS PATRONOS DA GALERIA DE EXPOSIÇÕES E ANFITEATRO.

LOURENÇO ARDENGHI FILHO, Prefeito Municipal de Palmeira das Missões, FAÇO SABER, no uso das atribuições que me são conferidas pelo Artigo 42, Inciso III da Lei Orgânica do Município, que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:


Artigo 1º - Fica o Poder Executivo Municipal autorizado a instituir o nome do Centro de Cultura "Profº Mozart Pereira Soares", a entidade criada pelo Decreto Executivo nº67/88 de 07.12.88.

§1º - As salas do Centro destinadas a Exposições de vários eventos e a das atividades teatrais denominar-se-ão, respectivamente: Galeria de Exposições "Profº Affonso Hostyn" e Anfiteatro "Pedro Barreiro".

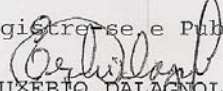
§2º - As demais dependências continuarão com os nomes relativos as suas atividades, enquanto não forem designadas seus Patronos.

Artigo 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE PALMEIRA DAS MISSÕES, EM 13 DE DEZEMBRO DE 1988.


LOURENÇO ARDENGHI FILHO
PREFEITO

Registre-se, e Publique-se

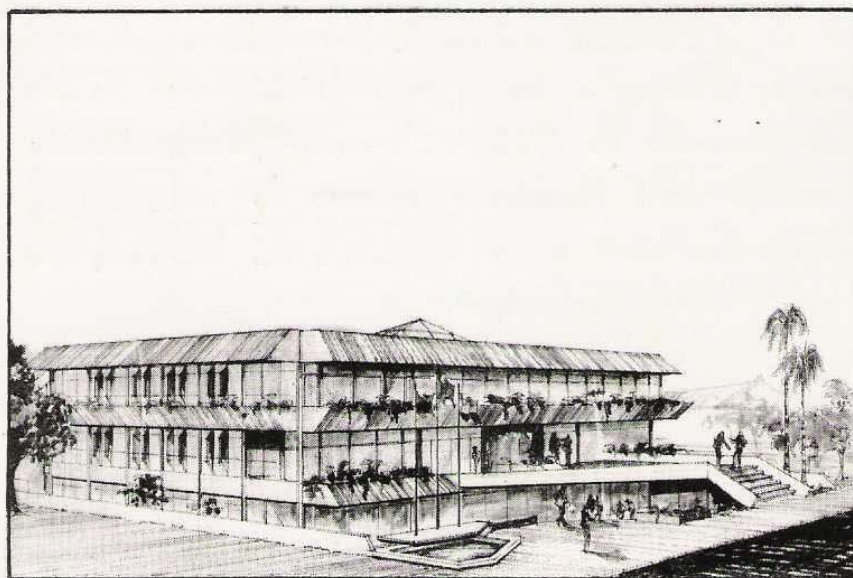

EUZÉBIO DALAGNOL
SEC. ADMINISTRAÇÃO

ANEXO B6 – Convite para Inauguração do Centro de Cultura

CENTRO DE CULTURA

Prof.

DR. MOZART PEREIRA SOARES



CONVITE

ANEXO B7 – Capa do Calendário de Eventos de Palmeira das Missões/ 2008

